

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – INCIS/UFU  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CADA PASTOR UMA IGREJA: TRÂNSITO RELIGIOSO E ATOMIZAÇÃO DOS  
EVANGÉLICOS EM UBERLÂNDIA-MG**

ANNA CAROLINA ALVES CRUZ

PROF. DR. MÁRCIO FERREIRA DE SOUZA  
Orientador

UBERLÂNDIA  
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – INCIS/UFU  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CADA PASTOR UMA IGREJA: TRÂNSITO RELIGIOSO E ATOMIZAÇÃO DOS  
EVANGÉLICOS EM UBERLÂNDIA-MG**

ANNA CAROLINA ALVES CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza para obtenção de grau de Mestra em Ciências Sociais.

UBERLÂNDIA

2016



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

C957c Cruz, Anna Carolina Alves, 1990-  
2016 Cada pastor uma igreja : trânsito religioso e atomização dos  
evangélicos em Uberlândia-MG / Anna Carolina Alves Cruz. - 2016.  
154 f. : il.

Orientador: Márcio Ferreira de Souza.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.  
Inclui bibliografia.

1. Ciências sociais - Teses. 2. Evangélicos - Teses. 3. Igrejas  
Evangélicas - Uberlândia (MG) - Teses. 4. Religião - Aspectos sociais -  
Teses. I. Souza, Márcio Ferreira de. II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

---

CDU: 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – INCIS/UFU  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CADA PASTOR UMA IGREJA: TRÂNSITO RELIGIOSO E ATOMIZAÇÃO DOS  
EVANGÉLICOS EM UBERLÂNDIA-MG**

ANNA CAROLINA ALVES CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação do Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza para obtenção de grau de Mestra em Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFU

---

Profa. Dra. Cláudia Wolff Swatowski (Examinadora Titular Interna)  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFU

---

Prof. Dr. Daniel Alves (Examinador Titular Externo)  
Instituto de História e Ciências Sociais - UFG

UBERLÂNDIA

2016



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, minha irmã, toda família e amigos pelo apoio e confiança de sempre.

Ao meu orientador Márcio por sua disposição e dedicação em me orientar e acompanhar de perto este trabalho.

Ao meu orientador da graduação João Marcos, que sempre me apoiou na vida acadêmica.

Ao meu namorado Flávio pelo apoio em todos os momentos, pela parceria fundamental na pesquisa de campo e ajuda com o processo de localização das igrejas nos mapas geográficos.

À prefeitura de Uberlândia na pessoa do geógrafo Fernando Maywald, que possibilitou o acesso aos mapas de Uberlândia e os confeccionou.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, seus professores e funcionários.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela bolsa de fomento.

Às professoras Cláudia Wolff Swatowski e Mariana Côrtes que muito contribuíram para este trabalho com suas críticas, sugestões e apontamentos como membras da banca do exame de qualificação.

À banca examinadora por ter aceitado gentilmente o convite de participar da defesa desta dissertação e estar disposta a auxiliar na construção da mesma.



“Tens que refletir contigo mesmo e fazer aquilo que verdadeiramente surja em tua essência. Não há outro caminho. Se tu mesmo não o podes encontrar, também não encontrarás quaisquer espíritos que te guiem, creio eu.”

Demian

(Hermann Hesse)



## RESUMO

A migração de pessoas entre denominações de uma mesma religião e o aparecimento de várias vertentes novas chama muito a atenção no cenário do campo religioso no Brasil contemporâneo, restando saber se esta fragmentação ou atomização institucional por denominações se deve a dissidências, rupturas, flexibilização das crenças originais, adesão simultânea a crenças diversas ou ainda outras razões. Desse modo, o problema deste estudo é investigar e analisar se a atomização das denominações evangélicas corresponde a diferenças doutrinárias significantes em relação às vertentes constatadas pela literatura sociológica e antropológica. De outra forma, trata-se de saber em que medida as muitas e variadas denominações evangélicas correspondem à constituição de um conjunto de igrejas “emergentes” e “independentes”, isto é, uma nova forma de instituir não apenas igrejas, mas também novas doutrinas, que passam a concorrer com as reconhecidas e se instalar de forma fixa no campo religioso brasileiro. Para alcançar esses objetivos são tomadas como objeto de análises as igrejas evangélicas cujas denominações as caracterizam, em princípio, como emergentes e/ ou independentes das vertentes evangélicas consolidadas. As análises são efetuadas a partir de referências conceituais e teóricas extraídas em pesquisa bibliográfica sobre mobilidade, trânsito e conversões religiosas e prosseguem com os resultados de pesquisa de campo executada em várias igrejas situadas em um conjunto significativo de bairros da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Nessas igrejas pastores e fiéis são os agentes tomados para interlocução e abordados sobre suas histórias de vida religiosa, sobre as razões de suas adesões às novas denominações e sobre as diferenças doutrinárias em face de suas crenças anteriores.

Palavras chave: Evangélicos. Trânsito religioso. Independentes. Uberlândia.



## **ABSTRACT**

The migration of people between denominations of the same religion and the emergence of several new aspects calls a lot of attention in the religious field in contemporary Brazil, and we can wonder if this fragmentation or institutional atomization by denominations is due to dissent, ruptures, flexibility of the original beliefs, simultaneous accession to various beliefs or other reasons. Therefore, the focus of this study is to investigate and analyze if the atomization of the denominations correspond to significant doctrinal differences with regard to the aspects identified by the sociological and anthropological literature. Otherwise, it is the extent to which the many and varied denominations correspond to the establishment of a set of "emerging churches" and "independent", that is, a new way to establish not only churches, but also new doctrines, which are competing with the recognized, and settling permanently in the Brazilian religious field. To achieve these objectives we take as object of analysis Evangelical churches whose denominations characterize them, in principle, as emerging and/or independent of the Evangelical aspects. The analyses are carried out from conceptual and theoretical references extracted in bibliographical research on mobility, transit and religious conversions and are continuing with the results of field research carried out in several churches located in a significant number of districts of the city of Uberlândia, Minas Gerais. In these churches, pastors and believers are agents taken to dialogue and discuss about their stories of religious life, about the reasons for their accession to the new names and about the doctrinal differences in the face of their previous beliefs.

Key words: Evangelicals. Religious traffic. Independent. Uberlândia.



## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 -	Igreja Pentecostal Jesus Cristo Vive em Mim localizada no bairro São Francisco	69
Fotografia 2 –	Igreja Evangélica Cristo para Todos	69
Fotografia 3 –	Igreja Missionária Caminhando com Jesus no bairro Morumbi	69
Fotografia 4 -	Igreja de Deus Vivendo em Cristo no bairro Joana D’arc	70
Fotografia 5 -	Igreja Evangélica Palavra de Jesus Cristo no bairro Morumbi	70
Fotografia 6 –	Igreja Pentecostal Jesus é a Vitória no bairro Mansour	71
Fotografia 7 –	Ministério Pentecostal Rocha Eterna no bairro Morumbi	71
Fotografia 8 –	Igreja Nova Revelação no bairro Minas Gerais	71
Fotografia 9 –	Igreja Pentecostal Passo a Passo com Jesus no bairro São Francisco	72
Fotografia 10 -	Igreja Evangélica Jesus é o Poder no bairro Canaã	72
Fotografia 11 -	Igreja Casa de Oração localizada no bairro Minas Gerais	72
Fotografia 12 -	Igreja Universal do Reino de Deus localizada na Avenida João Naves de Ávila	74
Fotografia 13 -	Igreja Universal do Reino de Deus localizada no bairro Dom Almir	74
Fotografia 14 -	Igreja Pen. Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras	78
Fotografia 15 -	Antigo templo da igreja pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras	78
Fotografia 16	Atual localização da Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras	78
Fotografia 17	Comunidade Evangélica no Brasil. Ministério GAUgau no Loteamento Integração	98
Fotografia 18	Missão Mundial Jerusalém	132
Fotografia 19	Passo a Passo com Jesus	132



Fotografia 20	Ministério da Fé	132
Fotografia 21	Igreja Pentecostal de Cristo de Uberlândia	132
Fotografia 22	Igreja Missionária Casa de Davi	133
Fotografia 23	Igreja Palavra da Verdade	133
Fotografia 24	1ª Igreja Pentecostal Jesus é o Caminho	133
Fotografia 25	Igreja Pentecostal O Povo de Deus em Marcha	133
Fotografia 26	Igreja Pentecostal Paraíso dos Salvos	134
Fotografia 27	Assembleia de Deus Chama Viva	134
Fotografia 28	Igreja Pentecostal Colheita de Milagres	134
Fotografia 29	Igreja Nova Revelação	134
Fotografia 30	Igreja Pentecostal Jesus é a Vitória	135
Fotografia 31	Igreja de Cristo	135
Fotografia 32	Casa de Oração	135
Fotografia 33	A Palavra de Cristo no Brasil	135
Fotografia 34	2ª Igreja Evangélica dos Irmãos	135
Fotografia 35	Igreja Profética Monte Sinai	136
Fotografia 36	Igreja Nova Vida	136
Fotografia 37	Igreja Pentecostal do Agir de Deus	136
Fotografia 38	Igreja Mundial da Seara de Deus	136
Fotografia 39	O Poder da Fé	136
Fotografia 40	Comunidade Evangélica Ser Livre	137
Fotografia 41	Missão Seguidores de Cristo	137
Fotografia 42	Ministério Pentecostal Rocha Eterna	137
Fotografia 43	Palavra de Jesus Cristo	137
Fotografia 44	Igreja do Evangelho Resplendor de Cristo	137



Fotografia 45	Chamas do Fogo Celestial	138
Fotografia 46	Templo da Vinha	138
Fotografia 47	Igreja Cristã Independente	138
Fotografia 48	Ministério Fogo no Altar	138
Fotografia 49	Poder de Cristo	138
Fotografia 50	Vida em Cristo	138
Fotografia 51	Remanescentes em Cristo	139
Fotografia 52	Jesus Restaurando Vidas	139
Fotografia 53	Igreja Pentecostal Chegada de Cristo e Curas Divina	139
Fotografia 54	Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo	139
Fotografia 55	Igreja Batista do Amor	140
Fotografia 56	Comunidade Cristã Vida Nova	140
Fotografia 57	Ministério Internacional do Avivamento	140
Fotografia 58	Essência do Amor	140
Fotografia 59	Comunidade Cristã Semeadores de Cristo	140
Fotografia 60	1ª Igreja Evangélica Olaria de Cristo	141



## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Instituições religiosas dos Bairros Santa Mônica e Segismundo Pereira	20
TABELA 2 - Religiões declaradas nos censos do Brasil em 1980, 1991, 2000 e 2010.	49



## SUMÁRIO

	Introdução	14
1.	Modificações no campo religioso	23
1.1	Referências para estudo do campo da religião	23
1.2	Modernidade e secularização	27
1.3	Limites da liberdade e da expansão religiosa	32
1.4	Pentecostalismo, Neopentecostalismo e Teologia da Prosperidade	35
1.5	Religião e Cultura	41
2.	Pluralismo de denominações evangélicas	48
2.1	Crescimento dos evangélicos no Brasil	48
2.2	Diversidade e identidade religiosa	52
2.3	Trânsito religioso	54
2.4	Religião e cidade	59
3.	Cada igreja um pastor?	76
3.1	Trajetórias da pesquisa de campo	76
3.2	Teologia é importante pra quem?	80
3.3	Dos nomes das igrejas	85
3.4	Dos cultos	86
3.5	Liberdade de ação e expressão	90
3.6	Reconhecimento social	92
3.7	Das denominações	95
3.8	Vivências religiosas	99
	Considerações finais	106
	Referências	109
Anexo A	Lista por bairros das instituições religiosas pesquisadas em Uberlândia	118
Anexo B	Algumas vertentes da Igreja Assembleia de Deus	129
Anexo C	Mapa da cidade de Uberlândia por setores	131



Anexo D	Fotos de todas as igrejas que tiveram seus pastores e fiéis entrevistados	132
Anexo E	Roteiro de entrevistas para pastores (as) e fiéis	142
Anexo F	Localização das instituições religiosas nos bairros pesquisados	144



## INTRODUÇÃO

O panorama de filiações religiosas da sociedade brasileira tem apresentado mudanças significativas, em que se destacam dois fatos muito importantes, o aumento da diversidade interna do cristianismo, pelo crescimento das denominações religiosas evangélicas, e o aumento dos declarantes “sem religião”. A religião que mais tem sofrido com essas mudanças é a católica que, sobretudo a partir da década de 1980, tem presenciado um acelerado declínio na quantidade de fiéis. Em contrapartida, diversas denominações da religião evangélica vêm ganhando adeptos a cada dia. Apenas na última década, mais de 16 milhões de brasileiros se converteram às mais diferentes denominações dessa religião. Segundo dados do Censo de 2010, os evangélicos totalizam 42,3 milhões de fiéis, ou 22,2% da população. Trata-se da religião que mais cresce no Brasil, ao custo de um constante declínio católico, bem acentuado a partir dos anos 90 do século passado. (CRUZ, 2013).

Os adeptos do catolicismo passaram, então, de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010, uma perda de 6,7%, que supera a da década anterior, entre 1991 e 2000, que foi de 6,4%. Essa mudança no cenário religioso brasileiro desencadeou também em mudanças nas identidades dos sujeitos religiosos nas últimas décadas, bem como uma ampla circulação de pessoas pelas novas opções religiosas. A atual configuração desse campo releva uma imensa pluralidade de religiões cristãs, bem como um intenso trânsito religioso. A migração de pessoas para igrejas cristãs, seja pela conversão, pelo trânsito intermitente ou permanente, com adesão a várias denominações novas, chama a atenção no cenário do campo religioso no Brasil contemporâneo. Mas, não somente pessoas circulam por alternativas religiosas, como também crenças e rituais, conteúdos simbólicos e práticos caminham entre sistemas religiosos, ainda segundo Cruz (2013).

Um *survey* realizado pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) <sup>1</sup> em 2003, na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), indicou que uma a cada três pessoas mudaram de religião alguma vez na vida. Essa mudança foi predominante entre jovens e adultos católicos que migraram para o pentecostalismo, enquanto os mais velhos conservaram-se católicos. Os resultados originados do *survey* indicam a grande migração de pessoas entre variantes pentecostais, mas alguns aspectos dessa migração permanecem obscuros e demandam estudos capazes de elucidá-los.

---

<sup>1</sup> Foram realizadas entrevistas com pessoas maiores de quinze anos na RMSP. No total, houve 2002 entrevistados.



Constata-se que o trânsito religioso está intrinsecamente ligado com a circulação de práticas e ideias religiosas que ultrapassam fronteiras institucionais consolidadas e flexibilizam os vínculos dos crentes com suas instituições originais. Haveria, assim, uma dilatação das opções institucionais, tendo sua maior expressão nas diversas vertentes do neopentecostalismo. A migração de pessoas entre denominações de uma mesma religião e o aparecimento de várias vertentes novas chama muito a atenção no cenário do campo religioso no Brasil contemporâneo, restando saber se esta fragmentação ou atomização institucional por denominações se deve a dissidências, rupturas, flexibilização das crenças originais, adesão simultânea a crenças diversas ou ainda outras razões.

Neste ponto se identifica o núcleo do problema deste estudo, que é investigar e analisar se a atomização<sup>2</sup> das denominações evangélicas corresponde a diferenças doutrinárias significantes em relação às vertentes constatadas pela literatura sociológica e antropológica. De outra forma, trata-se de saber em que medida as muitas e variadas denominações evangélicas correspondem à constituição de um conjunto de igrejas “emergentes” e “independentes”, isto é, uma nova forma de instituir não apenas igrejas, mas também novas doutrinas, que passam a concorrer com as reconhecidas e se instalar de forma fixa no campo religioso brasileiro.

Neste aspecto central das mudanças que se manifestam no campo da religião se situa o problema que se propõe analisar nesta dissertação, como parte das mudanças sociais observadas na sociedade brasileira atual. Em pesquisa bibliográfica preliminar, constatou-se escassez de estudos focados na multiplicação institucional e proliferação das igrejas evangélicas com denominações novas. De modo geral, há pesquisas sobre trânsitos e pluralidade religiosa, com alguma ênfase nas dissidências, mas não na atomização das igrejas evangélicas clássicas, pentecostais e neopentecostais. A crescente diversificação, fragmentação ou atomização que parecem expressar as novas denominações evangélicas ainda não foi pesquisada em sua dimensão empírica mais ampla e precisa. São poucos os dados quantitativos que permitem afirmar as razões dessa pluralidade de instituições. Entretanto, mesmo em caminhada despretensiosa por qualquer cidade, incluindo as pequenas, em quase todo o Brasil, é possível perceber o fenômeno dessa fragmentação. Mas, há poucos estudos que buscam nela se aprofundar, como se pretende aqui. A pesquisa que mais se

---

<sup>2</sup> O termo “atomização”, presente no título desta dissertação, quer sugerir que há fragmentação nas igrejas pesquisadas. A flexibilidade em abrir ou fechar comunidades evangélicas se daria de modo fragmentário, a ponto de termos diversas igrejas espalhadas pela cidade de Uberlândia. É como se houvesse uma grande expansão delas localizadas em vários pontos da urbe.



aproximou desse tema foi a tese de doutorado “Poder e fragmentação na modernidade religiosa: uma análise da atomização neopentecostal em Sorocaba.” (OLIVEIRA, 2009), que apresenta um levantamento e análises sobre novas igrejas que emergiram na cidade, questionando se sua fragmentação tem relação com o que ocorre no interior dos grupos religiosos e com a sociedade “pós-moderna”.

Um registro importante sobre o mesmo tema, que esteve disponível na Internet, informa sobre uma convenção de “Igrejas Emergentes”, pertencentes a um movimento em expansão dentro das igrejas evangélicas nas últimas décadas, também pouco pesquisado no Brasil. Surgido nos Estados Unidos no final do século XX, esse movimento rompeu com as igrejas tradicionais da modernidade e se intitula como preparado para atender às demandas da sociedade “pós-moderna.” No Brasil, ele está presente desde 2006, quando foi fundada uma “Convenção Brasileira de Igrejas Emergentes”<sup>3</sup>.

De acordo com o Pastor Mauro Fernando Meister (2006, p. 104), “a característica dominante da igreja emergente é a não afirmação de absolutos e a aceitação das diferenças, a saber, a marca fundamental do pluralismo pós-moderno”. Para essas igrejas, antes de ser é preciso pertencer, dão ênfase mais em experiências que em dogmas, são contrários à ideia de “verdade absoluta” e em exclusão de pessoas.

Desse modo, não seria difícil encontrar alguns autores, principalmente teólogos, a ver essas características como problemáticas, pois rompem drasticamente com os preceitos da bíblia. Então, como podem ser cristãs? Alguns evangélicos criticam e não reconhecem essas igrejas como sendo evangélicas. O termo “igrejas emergentes” foi definido por McLaren em seu livro *A generous orthodoxy*. Meister retoma o argumento de Simon Hall, líder da comunidade *Revive*, em Leeds, Reino Unido, que afirma: “Meu alvo para a comunidade não é ser “pós” tudo. Nós somos evangélicos e carismáticos e liberais e ortodoxos e contemplativos e ligados à justiça social e ao culto alternativo.” Assim, essas igrejas têm um discurso de atuação que tenta articular indivíduo e religião na sociedade denominada “pós-moderna”, o que lembra a expressão forte de Antônio Flavio Pierucci (2006), quando analisa a religião como “solvente” de identidades pré-determinadas e fixas.

Até o momento, não é possível afirmar que há diferenças entre as igrejas emergentes citadas por Meister e as que estão emergindo no Brasil, que são objeto deste estudo, pois é preciso verificar em que medida estas possuem doutrinas ortodoxas, flexíveis ou efetivamente

---

<sup>3</sup> Esta convenção tinha um site e blog, mas foram removidos. Não foram encontradas muitas informações sobre essas igrejas no Brasil, mas o Pastor Caio Fábio, líder do movimento “Caminho da Graça” é apontado como adepto das igrejas emergentes.



novas. No caso aqui em foco, realizado nos limites da cidade de Uberlândia, almeja-se saber se a proliferação das igrejas com denominações novas caminha ao encontro das emergentes acima citadas, se constituem variantes das igrejas evangélicas chamadas clássicas ou históricas ou se são variantes neopentecostais. A questão central é saber se a variação de denominações representa mudanças doutrinárias a constituir igrejas que poderiam ser conceituadas como “emergentes” e/ou “independentes” com orientações doutrinárias ainda não constatadas na literatura sobre o tema.

Ao que parece, os agentes dessas igrejas almejam tornar-se atraentes e relevantes para a sociedade atual aproveitando-se de algumas circunstâncias reconhecidas na literatura das Ciências Sociais sobre religião. Conforme apontam Reginaldo Prandi e Antônio Flávio Pierucci (1996) e Ricardo Mariano (2011) a expansão dos evangélicos, principalmente dos neopentecostais se deu por várias outras razões, como se verá mais adiante.

Neste contexto, torna-se relevante analisar a conexão de sentidos entre a criação de igrejas com denominações novas, o sucesso em termos de arregimentação de fiéis e as eventuais mudanças doutrinárias daí decorrentes. Essas análises oferecem a possibilidade de avaliar como se dá o acirramento da concorrência religiosa entre os evangélicos e no próprio campo religioso no Brasil. Por último, essas análises permitem avaliar como as mudanças religiosas correspondem a mudanças sociais e culturais relevantes na sociedade brasileira que, em última instância, são mudanças políticas.

Portanto, interessa nesta dissertação discutir e analisar a diversidade de alternativas religiosas, expressa pela mobilidade e circulação de pastores e fiéis por igrejas com diferentes denominações de mesma vertente religiosa. Para isso, toma-se este processo tal como se dá na cidade de Uberlândia-MG, considerando-se, de um lado, os limites próprios dos estudos de caso, mas, de outro lado, a possibilidade de ter uma prospecção proveitosa dos sentidos das mudanças no cenário religioso contemporâneo da sociedade brasileira.

Em uma pesquisa de campo preliminar, efetuada rua por rua, em dois dos maiores bairros da cidade, constatou-se número bastante elevado de igrejas com denominações novas e variadas, conforme se apresenta mais adiante. Questionou-se, então, em que medida essas igrejas estariam vinculadas a vertentes evangélicas consolidadas ou expressariam um fenômeno novo, em que cada pastor constitui uma igreja. Desta pesquisa surgiram as questões sociológicas mais amplas que orientam este estudo. Em que medida a diversidade de igrejas e pastores evangélicos, expandida por um número elevado de denominações novas dos templos, teria relação com a estrutura e a dinâmica de poder que se estabelece no interior dos grupos



religiosos evangélicos? Em que medida a proliferação de igrejas emergentes e/ou independentes sinalizam alterações na estrutura do campo religioso no Brasil. Em que medida a proliferação e fluidez de templos vai ao encontro de algumas características das sociabilidades contemporâneas? Em que medida esse mesmo fenômeno constitui fato sociológico, cultural e político relevante e expressa parte das mudanças sociais observadas no Brasil atualmente.

Para responder a essas questões são tomadas como objeto de análises as igrejas evangélicas cujas denominações as caracterizam, em princípio, como emergentes e/ ou independentes das vertentes evangélicas consolidadas. As análises são efetuadas a partir de referências conceituais e teóricas extraídas em pesquisa bibliográfica sobre mobilidade, trânsito e conversões religiosas e prosseguem com os resultados de pesquisa de campo executada em várias igrejas situadas em um conjunto significativo de bairros da cidade. Nessas igrejas pastores e fiéis são os agentes tomados para interlocução e abordados sobre suas histórias de vida religiosa, sobre as razões de suas adesões às novas denominações e sobre as diferenças doutrinárias em face de suas crenças anteriores.

Assim, o objetivo geral desta dissertação é analisar a diversidade interna das igrejas evangélicas na cidade de Uberlândia, como parte dos sentidos das mudanças no cenário religioso contemporâneo da cidade e como parte das mudanças sociais e culturais da sociedade brasileira atual. Toma-se como foco de análise a atomização das igrejas evangélicas, tomando como objeto de análise as representações que pastores e fiéis fazem de suas identidades. Também, pretende-se conhecer a dinâmica interna de luta por legitimidade social e poder entre os grupos neopentecostais e o que isso acarreta para a sociedade atual, considerando que, no limite extremo da pluralidade religiosa, cada pastor tem uma igreja.

Os objetivos específicos são: 1) Analisar a diversidade de alternativas religiosas na cidade de Uberlândia-MG, expressa pela mobilidade entre diferentes religiões, principalmente pela circulação e pelo trânsito de pastores e fiéis por igrejas com denominações novas; 2) Analisar até que ponto as disputas de poder estabelecidas entre os evangélicos teriam motivado as divisões e a diversificação de suas instituições; 3) Analisar em que medida o surgimento de novas igrejas resulta de rupturas doutrinárias das vertentes religiosas originais de seus pastores e fiéis, considerando o vínculo religioso como fator de atração e integração social; 4) Analisar se o surgimento das novas igrejas corresponde à tendência histórica de hibridização das crenças e práticas religiosas na sociedade brasileira ou à tendência de individualização dessas mesmas crenças e práticas.



A atomização institucional das igrejas aqui consideradas sugere a hipótese de que, do ponto de vista doutrinário, criar uma igreja transformou-se em um empreendimento viável para alguns conversos, sejam pastores, missionários, pregadores ou alguém que “recebeu a palavra de Deus” para crescer na fé e se tornar autônomo, no sentido de ele próprio fundar sua igreja. O que se tem visto e confirmado pela literatura sociológica é que a partir dessas dissidências institucionais, a igreja criada tende a ser, mais que a anterior, voltada para os dons do Espírito Santo, para práticas mágicas religiosas, êxtases, intenso fervor por meio de canções e louvores, em suma, mais reavivada na fé cristã. Entretanto, do ponto de vista da legitimidade social e política, a hipótese doutrinária não é suficiente para compreensão de todos os sentidos da emergência das novas igrejas. Se cada pastor funda uma igreja, o que pode haver por trás de tão intensa mutação é, também, um processo político com implicações sociais, econômicas e culturais mais amplas. Por fim, do ponto de vista da mudança cultural, pode-se também suscitar a hipótese de que o desejo dos pastores das igrejas emergentes e/ou independentes é atender à demanda dos novos fiéis na sociedade atuando com sua “capacidade sincrética, de hibridização, de mestiçagem do novo culto” (MAFRA, 2009, p. 73).

Empiricamente, a proposta desta dissertação consiste em mapear as instituições religiosas existentes em alguns bairros de Uberlândia, com ênfase nas igrejas evangélicas cujas denominações variadas suscitam a possibilidade de serem “emergentes” e/ou “independentes” em relação às vertentes doutrinárias do evangelismo tradicional e mesmo em relação às primeiras igrejas neopentecostais brasileiras, que se tornaram dominantes tanto em número de adeptos, como em visibilidade e atuação política no campo religioso brasileiro. Trata-se de abordar a pluralidade institucional observada entre os evangélicos e que se manifesta em um número crescente e ainda indeterminado de denominações.

Para isso, foi necessário partir para uma pesquisa de campo preliminar, a fim de constatar se realmente essa atomização tem relevância sociológica e antropológica, o que se confirmou com os seguintes resultados. Os bairros pesquisados, Santa Mônica e Segismundo Pereira, foram escolhidos por sua heterogeneidade social, reconhecida pela variedade de padrões habitacionais, que garantem a existência de moradores de quase todos os segmentos sociais e econômicos da cidade.



Foram percorridas todas as ruas dos bairros mencionados a fim de conseguir com exatidão os números absolutos das igrejas<sup>4</sup> existentes. Os resultados encontrados estão inseridos na tabela abaixo. As igrejas evangélicas foram divididas em vertentes, sendo Protestantes históricas, Pentecostalismo Clássico, Neopentecostal e Independentes. Total de instituições religiosas: 58.

**Tabela 1:** Instituições religiosas dos Bairros Santa Mônica e Segismundo Pereira

Instituições religiosas	Quantidade
Igrejas Protestantes históricas	4
Igrejas Pentecostais Clássicas	14
Igrejas Neopentecostais	11
Igrejas Independentes	16
Igrejas Católicas	8
Terreiro de Umbanda	1
Centros Espíritas	2
Testemunhas de Jeová	2
Total	58

Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Concluída a pesquisa, constatou-se que, nos dois bairros, 77,58% dos templos religiosos encontrados são constituídos por igrejas evangélicas. Dentre estas, 35,55% englobam o objeto deste estudo, pois são igrejas com denominações que representam variantes das classificadas na literatura. Além disso, no total, 27,58% delas podem ser consideradas independentes, tendo em vista suas denominações não constatadas nas vertentes conhecidas na literatura. Esse primeiro procedimento amostral possibilita constatar que a quantidade de templos variantes e aparentemente independentes é instigante e relevante para pesquisa.

Nos procedimentos metodológicos para realizar a pesquisa final do estudo, foram selecionadas referências bibliográficas sociológicas e antropológicas sobre o tema, tentando recobrir o maior número possível de autores clássicos e contemporâneos que pudessem servir de referências teóricas para a pesquisa e as análises. Ao mesmo tempo, ampliou-se o mapeamento de instituições religiosas da cidade e foram percorridos, rua por rua, mais dezoito bairros da cidade, escolhidos para recobrir todos os setores da cidade: norte, centro,

---

<sup>4</sup> A classificação das vertentes evangélicas têm como referência neste trabalho o conceito de “independente” explicitado. “Pentecostalismo clássico”, “neopentecostal” e “protestante histórica” estão referenciados nas “três ondas” elaboradas pelo sociólogo Ricardo Mariano, expostas no primeiro capítulo.



sul, leste e oeste, totalizando, portanto, 20 bairros pesquisados. Da mesma forma adotada na pesquisa preliminar, observou-se que os bairros apresentassem heterogeneidade social, tomada pelos padrões habitacionais que expressam classes sociais diversas.

Para completar a pesquisa, foi realizada, ainda, uma pesquisa de campo à maneira etnográfica, identificando e fazendo visitas a igrejas com denominações novas, selecionadas a fim de coletar informações, entrevistar pastores e fiéis, acompanhar os cultos e eventos, de modo a aprofundar a pesquisa e as análises pela aproximação máxima com os sujeitos envolvidos, com suas práticas e representações. A seleção das igrejas e de seus agentes para entrevistas foi feita a partir de uma pesquisa nos sites religiosos, a fim de obter os perfis eletrônicos de todas as igrejas mapeadas, não apenas das que estão no foco deste estudo. A primeira constatação importante foi de que muitas das igrejas com denominações novas eram dissidências das classificadas como protestantes clássicas, pentecostais e neopentecostais. Também se constatou que algumas não eram tão novas como pareciam, tendo sua história firmada em outras cidades e se instalado recentemente em Uberlândia e, mais uma vez, algumas pareciam dissidências das referidas acima. Por último, constatou-se que muitas das igrejas mapeadas não foram encontradas em sites, o que sugere tanto serem emergentes e/ou independentes e também não terem ainda um grau de institucionalização consolidado ao ponto de se projetarem na Internet. As igrejas selecionadas para entrevistas são, portanto, as que têm denominações diferentes e ausentes das registradas na literatura, tais como “Essência do Amor”, “Igreja Pentecostal Jesus é a Vitória”, “Passo a Passo com Jesus”, “O Povo de Deus em Marcha”, “Igreja Evangélica Jesus é o Poder”, entre outras.

A partir do suporte conceitual e teórico obtido na bibliografia sobre sociologia e antropologia da religião e de posse dos dados da pesquisa de campo, alguns princípios metodológicos de análise orientaram a redação da dissertação. Em primeiro lugar, observou-se que as falas reduzidas a *discursos oficiais e das entrevistas* são frágeis e, por isso, levou-se em conta o *contexto da ação do que foi dito, quem é a pessoa entrevistada e sua adesão ao que diz*, o que significa levar em conta sua *representatividade como porta-voz do grupo* (ZALUAR, 2004). Ao mesmo tempo, cuidou-se de não limitar a pesquisa apenas às conversas e entrevistas, mas também observar as práticas dos sujeitos como expressão de suas representações, conforme sugere Roberto Cardoso de Oliveira (1996), quando recomenda os seguintes procedimentos na etnografia: 1) O olhar domesticado pela teoria para o lugar e os sujeitos da pesquisa, buscando valorizar cada dado esporádico em sua articulação com outros e com os conceitos e argumentos retirados das leituras sobre os aspectos que interessavam



abordar; 2) O ouvir como prática de compreensão da significação do “modelo nativo”, buscando as várias maneiras de pesquisador e pesquisado se relacionarem, a fim de obter bom convívio e interlocução dialógica, tornando esse convívio a principal fonte não apenas de dados da pesquisa, mas também de compreensão do problema pesquisado; 3) O escrever como resultado da função cognitiva do processo de textualizar as observações geradas em campo, realizando uma interpretação que tem como referência as categorias e conceitos básicos estabelecidos pela Antropologia. (CRUZ, 2014)

Na organização do texto da dissertação, o primeiro capítulo é teórico conceitual e composto por uma discussão sobre secularização, modernidade, os novos movimentos religiosos e suas implicações no campo religioso e nas mudanças sociais e culturais observadas recentemente na sociedade brasileira. Apresenta-se quem são os evangélicos, suas vertentes doutrinárias, com atenção especial para a teologia da prosperidade, que orienta a maior parte dos neopentecostais.

O segundo capítulo é descritivo e analítico, onde se discute a expansão dos evangélicos, as cisões desencadeadas pelos neopentecostais e o trânsito religioso no Brasil. Em seguida, apresenta-se um breve histórico da cidade de Uberlândia e seu contexto religioso, como suporte para a análise do mapeamento de suas instituições religiosas, com foco nas igrejas com denominações novas.

No terceiro e último capítulo apresentam-se os dados etnográficos e as análises deles decorrentes, com suporte das referências teóricas, tornando possível responder às hipóteses iniciais da pesquisa.



## CAPÍTULO 1: MODIFICAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO

### 1.1. Referências para estudo do campo da religião

Nas referências conceituais e teóricas dos estudos sobre religião, Pierre Bourdieu tem sido um dos autores mais utilizados, por ter elaborado uma síntese teórica bastante reconhecida dos autores clássicos das ciências sociais, mas se destacou, também, por oferecer conceitos chaves muito interessantes para compor sua teoria sociológica das estruturas sociais, incluindo a da religião. Entre os conceitos mais utilizados de sua obra estão o de *habitus* dos agentes sociais e o de *campo*, espaço social onde os agentes estabelecem relações sociais específicas. Os dois conceitos sempre são tomados juntos para as análises, tendo em vista o princípio de que o *campo* estrutura os *habitus* dos agentes e os *habitus* constituem o campo onde os mesmos operam socialmente.

Conforme destaca Sergio Miceli, na introdução do livro “A economia das trocas simbólicas”, o *habitus* se constitui como:

Sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados. (MICELI, 1974, p. XLI apud BOURDIEU, 1972, p. 178-179).

Entendido como matriz estruturada que orienta as ações, o *habitus* compõe maneiras de pensar, sentir e de se comportar dos agentes sociais que são impostas por estruturas, mas não à maneira Durkheimiana, porque o *habitus* também aciona correções incessantes nas ações, sendo, por isso, estruturante e flexível, dotado de disposições capazes de acompanhar as mudanças da sociedade. Portanto, o *habitus* tem o caráter de mediador entre estrutura e ação dos agentes. Ele integra as estruturas exteriores de sentidos, que podem ser mais ou menos coercitivas, mas, ao mesmo tempo em que os agentes, em suas práticas, exteriorizam o sistema de disposições relativamente duráveis inculcadas pelo *habitus*, ele inclui, dialeticamente, disposições que abrem possibilidades de inovações e mudanças. Sendo gerador de representações e práticas, ele atravessa toda a vida dos agentes, sendo atualizado conforme as relações sociais se alteram, o que abre, também, a possibilidade de analisar eventuais mudanças históricas no espaço social dos agentes.



Quanto ao conceito de campo, sua relevância para os estudos de religião pode ser vista na própria definição de Pierre Bourdieu (1996) apresentada por Hermano Roberto Thiry-cherques (2006):

O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura. (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 11 apud BOURDIEU, 1996, p. 50).

Assim como o *habitus*, o campo é uma estrutura flexível. Os campos são elaborações dos agentes ao longo da história e sua constituição se dá tanto pelo ordenamento dos agentes como por suas disputas e lutas. A ação dos indivíduos e grupos designa a vida em um campo, que sobrevive pelo requerimento a agentes que possuem *habitus* e as instituições nele encaixadas. A ação dos indivíduos e grupos designa a vida em um campo, que se reproduz pelo requerimento aos seus agentes que possuem *habitus* e às instituições neles encaixadas. Estudar os *habitus* constitui, portanto, apreender as estruturas de sentidos que orientam modos de ser, sentir e pensar, sendo cada um dessas estruturas demarcadas por determinadas condutas de classe e/ou de grupos particulares. Enquanto os *habitus* promovem a internalização das estruturas na subjetividade dos agentes, no campo se dá a exteriorização dos *habitus* desses agentes.

No que se refere às relações de poder, aspecto central na sociologia de Bourdieu, a expressão “campo de força”, sugere a tensão com que o poder se torna almejado por certos agentes ou grupos em cada campo. O poder é um fim que se torna almejado por diferentes agentes e, por isso, o campo se constitui como “campo de força”, onde os interesses e as lutas pela dominação são definidos e decididos pela posse de “capital”, seja econômico, social, simbólico, cultural. A reprodução dos campos decorre dessas lutas.

Desse modo, no campo da religião, os agentes, por meio de suas instituições, utilizam seu *capital simbólico e ainda outros capitais* na luta “pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhe um *habitus religioso*.” (BOURDIEU, 1974, p. 57). Esse *habitus religioso* engendra nos indivíduos e grupos pensamentos e condutas de acordo com as *normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural*. Sendo assim, campo e *habitus* religioso se expressam, segundo Miceli:

“Em termos de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um



novos discursos e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais. As posições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classe e do processo prevalecente de dominação” (p. XXV).

A luta nesse campo ocorre entre os sacerdotes, profetas e leigos, sendo os dois primeiros agentes de racionalização e sistematização dos princípios religiosos cujo objetivo é alcançar a comunidade dos leigos. Os sacerdotes são considerados como funcionários de uma “empresa” ordenada por modelos burocráticos e possuem lugares especiais para culto. O profeta é o portador de “revelações” que incorporam “novos” discursos e práticas religiosas. Em contraste à doutrina estipulada pelo corpo de sacerdotes, ele aparece para os leigos como revelador do divino. Por seu lado, os leigos ocupam posições que lhes são impostas na estrutura social, mas essas posições podem variar, conforme os interesses, valores e disposições derivados de suas situações materiais e simbólicas. O profeta constitui, portanto, o mediador da inovação no interior do campo religioso. Também fazem parte do campo religioso agentes como o mago ou o feiticeiro, que são tidos como pequenos empresários da salvação, capazes de recusar os bens de salvação instituídos por doutrinas propriamente religiosas e de utilizar artimanhas como a presença do “demônio” ou de exercer sua “coerção” para interceder junto aos deuses.

Assim, fica evidenciado que no campo religioso os agentes não possuem autonomia completa, pois sacerdotes, profetas, leigos e magos constituem um corpo social interdependente e há funções para cada um deles, desde *o auto consumo religioso até a monopolização dos bens religiosos por especialistas*. Porém, há uma autonomia relativa, no sentido de que os especialistas da religião possuem um conhecimento acumulado que não é acessível aos leigos. Assim, os detentores do saber, são analisados por Bourdieu como sagrados e os leigos são definidos como profanos, no sentido de *ignorantes da religião*. Logo, a oposição entre sagrado e profano seria a oposição dos *detentores do monopólio da gestão do sagrado* e o leigos, uma oposição decorrente de diferenças na distribuição do capital cultural.

Em termos de concorrência na disputa do campo religioso, Bourdieu é enfático ao afirmar que:

O capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos e classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe, levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo religioso. (BOURDIEU, 1974, p. 58).



Portanto, deve-se levar em conta a situação de classe, de contexto do leigo e da sociedade para ver como a autoridade religiosa utiliza estratégias de conquista a fim de obter *prestígio e dominação simbólica* dentro do campo religioso. Nessa linha, cabe indagar de que modo os pastores das igrejas com novas denominações em Uberlândia produzem e utilizam capital religioso para a manutenção de seus templos, tidos como pequenos e frágeis perante igrejas anteriores, consolidadas e expansivas, a exemplo das neopentecostais como a IURD? Há mesmo uma profusão doutrinária diversa das anteriores capazes de mobilizar os leigos e questionar o monopólio na oferta dos bens de salvação? Como se dá a institucionalização das novas denominações religiosas, visto que parece haver um arbitrário de amplo espectro das doutrinas que altera as condições de monopolização dos bens de salvação?

Sobre essas questões, Miceli retoma Gramsci e diz que “O que se coloca na base das lutas ideológicas entre as diversas igrejas, por exemplo, explica-se em larga medida pelas respectivas necessidades internas de organização e pelos interesses de seus agentes em preservar ou alcançar uma posição hegemônica.” (BOURDIEU, 1974, p. XLIV) Então, além da disputa pelo poder do campo religioso, haveria a demanda de organização interna nesse campo, pois assim haveria menos dissidências. Mas como não haver dissidências, se todas as igrejas almejam o poder, o topo hierárquico entre elas?

Ainda neste mesmo sentido, Miceli lembra que Bourdieu aproxima Marx e Weber<sup>5</sup>, pois ambos acreditam que “a religião cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a ‘legitimação’ do poder dos ‘dominantes’ e para a ‘domesticação dos dominados’.” (BOURDIEU, 1974, p. 32) Dessa forma, a religião garante maior conquista de adeptos ao agente que transfigura (função da religião) a estrutura das relações políticas e econômicas em estrutura simbólica. Essa transfiguração dos sentidos demonstra que práticas e representações religiosas não são simplesmente camuflagens ideológicas, mas visões do mundo internas do próprio campo religioso, cumprindo sua função social e alcançando o desejado pelos leigos, que esperam da religião não somente explicações que os livrem das aflições humanas, mas também o porquê de estarem em determinada posição social, de existir como realmente existem nas condições que lhes parecem socialmente pertinentes. Estes aspectos seriam os princípios do *interesse religioso*, que são diferentes para a posição que cada classe ocupa na *estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso*. Os interesses religiosos são diferentes para os especialistas e os leigos, e também entre os próprios detentores do monopólio dos bens de

---

<sup>5</sup> Para esse autor não há apenas conservação da religião, este estado adequa-se ao sacerdote, enquanto o profeta é um agente que causa ruptura na ordem social.



salvação em termos concorrenciais, no interior do campo religioso, o que será evidenciado neste trabalho a partir das entrevistas com pastores. Porém, o que foi constatado pelo sociólogo francês e deve ser discutido é que qualquer líder religioso busca eficácia simbólica nas práticas e crenças religiosas através de seu discurso, com o qual busca a mobilização e adesão dos leigos. Para tanto, aderem antes ao *carisma*, como forma de representar suas propriedades simbólicas particulares, no sentido que o próprio agente religioso acredita no seu poder simbólico, e assim, tem mais força para persuadir a coletividade, enquanto esta também cumpre papel decisivo de legitimidade e manutenção da pessoa portadora do carisma. Assim, a eficácia simbólica da religião, se confirma no poder de revestimento do que é produto humano em caráter sagrado, proporcionando à ordem social uma característica transcendente e inquestionável. Pode-se afirmar que, desse modo, se configura o campo religioso como estrutura de sentidos orientada por *habitus* que imprimem condutas ou comportamentos dos agentes, de acordo com a doutrina de cada vertente religiosa.

## **1. 2. Modernidade e secularização**

Vários autores abordam de forma controversa o tema da secularização das condutas no campo religioso. O argumento de que a secularização tem sido um processo contínuo, por força do aprofundamento da racionalização e da institucionalização das condutas religiosas, tem sido apoiado por muitos sociólogos da religião, mas depois dos Novos Movimentos Religiosos (NMRs), surgidos nos anos 1970 e 1980, este argumento começou a ser contestado. Alguns autores mudaram de posição ao longo dos anos, outros permaneceram onde estavam e tentam reforçar suas ideias, mas há consenso entre todos quanto à importância desse tema para se pensar as configurações do campo religioso e seus efeitos quanto ao trânsito e/ou pluralismo religiosos.

A origem da teoria da secularização pode ser vista em Max Weber (1974; 2007). Com o advento da modernidade, o sagrado estaria sendo relegado a esferas privadas da sociedade e suprido pela racionalidade técnica. Tal processo teria sua gênese no protestantismo calvinista, explorado por ele em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2007). Assim, o autor não afirma que o processo de secularização desencadeia a extinção da religião como esfera puramente mística, mas gera sua transformação.

Mas o que seriam esses NMRs que levaram autores a rever a ideia de secularização e se questionarem quanto às tendências do aniquilamento ou do retorno do religioso? Marcelo



Camurça (2003) faz um resgate histórico desse conceito e mostra que sociólogos da religião deram atenção ao problema a partir das condutas de grupos considerados “seitas” e que estiveram envolvidos em polêmicas com a opinião pública, o Estado e as instituições religiosas consolidadas, sendo eles: Meninos de Deus, Hare Krishna, Igreja da Unificação do Reverendo Moon e a Cientologia. Danièle Hervieu-Léger (1990) investigou a dinâmica e a lógica interna desses grupos. De acordo com Camurça, ela os classificou como:

Voluntários e flexíveis, o que implica adesão pessoal de cada um de seus membros, marcada por uma experiência individual emocional. Inexiste, nessa (pseudo) pertença, a ideia de obrigação estável para com o grupo. Entra-se e sai-se de qualquer um deles com facilidade. A participação é marcada pelo desejo de auto-aperfeiçoamento de seus participantes. Há um pleno engajamento do corpo e dos sentidos na experiência religiosa, através do canto, dança, êxtase, glossolalia. Correlato a isso, uma grande desconfiança em relação a doutrinas, teologias e intelectualização das crenças, preferindo-se as “formas não verbais de expressão religiosa” contidas nesses movimentos (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 33 apud CAMURÇA, 2003, p. 57).

Diante de tal fenômeno, seria necessário repensar a religião tal como parecia ter se configurado na modernidade. Dessa forma, houve nos Estados Unidos e na Europa sociólogos indicando uma retomada da dimensão religiosa mágico-mística e também uma revisão de seus sentidos racionalizados por causa desses movimentos religiosos, posicionando-se contra a eficácia do processo de secularização. De fato, os NMRs surgiram como religiões não tradicionais, aparentemente diferentes de quase todas noticiadas até então. Marcado por forte êxtase pessoal, liberdade em pertencer ou não ao grupo, rejeição a dogmas, o movimento parece se adequar tranquilamente na sociedade moderna. Nesse sentido, sem afirmar se estamos ou não vivendo um momento ainda secularizante, Hervieu-Léger diz ser preciso libertar-se de uma visão unilateral e acreditar que a secularização não culminou em perda social e cultural da religião, mas apenas perda de controle dos grupos religiosos mágico-místicos que, de qualquer forma, ainda são capazes de promover recomposições das representações religiosas.

Paula Montero é outra autora que também opta por esta linha de interpretação e mostra que a secularização é somente um dos vários aspectos de um amplo processo histórico, “que inclui a emergência de um mercado impessoal, de um Estado mais distante da regulação moral, de uma vida intelectual que dispensa a ideia de Deus e de uma experiência de individuação urbana mais escolarizada e autônoma.” (2006, p.48). Contudo, a religião secularizada não exclui totalmente outras formas místicas de expressar a subjetividade e nem tampouco se retirou do espaço público e sim, foram produzidas “novas formas religiosas, com expressão pública variável conforme o contexto e as suas formas específicas de organização



institucional.” (2006, p. 50). Almeida (2010) também se encontra nessa posição e afirma que o religioso se desmancha em algumas esferas, mas ao mesmo tempo, se expande em outras.

Assim, a controvérsia gira em torno da presença maior ou menor das diversas expressões religiosas nas diferentes esferas sociais. O que os intelectuais favoráveis à tese da secularização querem afirmar é que a religião não mais está presente em todos os aspectos da vida cotidiana e não que ela “morreu” como um todo. Para eles, desde a separação Estado/Igreja vêm ocorrendo mudanças na sociedade e uma delas é que a religião não mais interfere decisivamente nas instituições sociais, bem como no dia a dia das pessoas. Em perspectiva histórica, na modernidade avançada pouco há de religioso na educação, nas artes, nas músicas, no cinema e na TV. Se nos primórdios da época moderna o domingo era considerado o “dia do Senhor”, hoje se assistem trabalhadores exercendo suas funções neste dia, consumidores indo às compras, pessoas buscando diversão em parques, *shoppings*, praças, entre outras atividades laicas. As escolas e universidades se laicizaram e produzem conhecimentos racionalizados sobre o sagrado. Para Pierucci este processo é relativamente antigo e longo:

A religião literalmente *perdeu o lugar* já na Europa do século XVIII — época da “Grande Transformação” (ou “Grande Profanação”, como a chama Daniel Bell) — e desde então sua situação não parou de piorar, ainda que de forma não-linear, vendo-se ela a ter que desfiar um rosário infindável de perdas, resultado da confluência no tempo e no espaço de uma série de processos de longa duração historicamente identificáveis: após a perda de espaço e poder no aparelho de Estado laicizado, que implicou a perda material de uma série de bens e domínios eclesiásticos (cf. Marrao, 1983), vieram a galope a perda de chão ou de raízes na sociedade socializada e a perda de alcance sobre a pluralização das esferas culturais autonomizadas; e daí, perda de influência no espaço público, perda de força e de autoridade sobre a vida cotidiana, perda de prestígio cultural na vida urbanizada e até mesmo, eu diria, perda de charme. (PIERUCCI, 1997, p. 104)

Além disso, o sociólogo destaca a importância enorme da ciência e lembra o caso da ovelha Dolly, o primeiro mamífero clonado com célula adulta em 1996 (mas noticiado somente em 1997), como uma espécie de “revolução” que a religião não é capaz de fazer, sem contar o poder da ciência de curar portadores de algumas doenças antes incuráveis. Na religião, quando é esperada a recuperação de uma doença e procura-se a igreja, pode ser que ela aconteça e, caso ocorra, não será universal e sim individual, o que não existe para a ciência, pois, se há descoberta de cura, ela é comunicável e possível de ser alcançada por outros enfermos. Isto é, para o autor, até mesmo a pessoa mais religiosa espera algo da ciência que seja alcançável para todas as pessoas. Mas é bom se ter cuidado em elevar tanto assim a ciência, pois como ressaltava Weber (2007) e Camurça (2003) destaca muito bem, nas



sociedades modernas das “sociedades substitutivas”, corre-se o risco de substituir a religião pela ciência, que *confere sentido ao cotidiano, contudo, sem estruturar o social*.

Pierucci (1997) opta por utilizar o termo *declínio da religião* para descrever esse processo de secularização, mas os intelectuais contrários a essa tese acreditam ser mais “científico” tratar o decurso como uma “escalada da religião” ou “retorno do sagrado”. Acreditam que com o crescimento dos novos movimentos religiosos é possível afirmar conclusivamente que o ser humano é “não secular” e que o interesse religioso é intrínseco a ele. Mas como comemorar o “retorno do sagrado” e ao mesmo tempo afirmar que ele não se foi?

Diante disso, Pierucci vê incongruências nos argumentos dos que se denominam contrários à secularização. Para ele, os que divergem da continuidade deste processo acreditam que houve uma vitória da religião pela negação da secularização, como se houvessem dois lados contraditórios esperando um deles dizer: “você venceu”. Essa competição faz com que sociólogos da religião contrários à secularização acreditem que as crenças estão surgindo e mais fortes a cada dia. E mais, afirmam que Weber (e parecem se gabar disso) estava enganado, ao afirmar que a modernidade supriu a religião e o mundo desencantou. Afirmam que, segundo Pierucci, não haveria futuro para as religiões, uma espécie de profecia utilizada por ele, mas que na verdade ele nunca quis prever, apenas analisou o contexto da época. Trata-se do que ocorreu, isto é, do declínio da magia frente à exaltação ético-religiosa da Reforma Protestante, e não do que irá ocorrer.

Na controvérsia, Pierucci acredita que há uma onda “neoconservadora pró-religião” entre os sociólogos da religião, que justamente por a terem como objeto de estudo, mantêm vontade de que ela não desapareça, pois toda vez que mostra sinais de vida é como se houvesse um respiro aliviado pela sua sobrevivência. Nesse ponto, muitos intelectuais veem a secularização e a religião como um campo de batalha, acabam por desconsiderar fatos concretos e elevam o sentimentalismo na pesquisa.

Peter Berger, sociólogo da religião e defensor da tese da secularização da sociedade moderna até certa época, revê sua posição e se retrata, duvidando dessa teoria. Porém, não a nega totalmente, afirmando que na Europa e entre os intelectuais, a “elite globalizada”, há secularização. Ele trata a explosão evangélica e islâmica como argumento para a “dessecularização”. Contudo, este termo usado por ele é contraditório, pois se há dessecularização é porque houve secularização em algum momento. E em seu texto publicado na revista *Religião e Sociedade* (2001), afirma que nunca houve declínio da religião. Então, se



não houve secularização não tem como haver dessecularização. (MARIZ, 2001). Assim, ele é criticado por alguns intelectuais, não só por ter mudado de visão, mas por não explicá-la muito bem.

Há algumas teorias que Pierucci destaca como sendo mais suficientes, pois: “Empregam a secularização da *sociedade* como *explicação* da emergência atual de expressões religiosas não tradicionais” (ROBBINS, 1998, p. 54 apud PIERUCCI, 1997, p. 112). Tanto Robbins quanto Bryan Wilson (1976) acreditam que a secularização como declínio é um fato histórico e que é a *causa* do surgimento de novos movimentos religiosos, pois ela *implica um declínio geral do compromisso religioso*, torna flexíveis os vínculos pessoais e limita a religião de hoje a um produto de consumo.

O consumidor religioso escolhe uma e até mais de uma experiência mística, ou solução espiritual, ou serviço religioso dentre uma grande variedade de propostas provocantemente expostas no "supermercado espiritual". Mas, lembra bem Wilson, bom sociólogo que é — e me parece que é aqui que os outros se enganam —, cada compra feita pelo consumidor religioso "não tem consequências reais para as outras instituições, para a estrutura do poder político, para as *constraints* e os controles tecnológicos". Ele chega a radicalizar, o que me parece absolutamente saudável, como nesta passagem em que afirma que as novas formações religiosas "não acrescentam *nada* a qualquer reintegração prospectiva da sociedade e não contribuem com *nada* para a cultura pela qual a sociedade poderia viver" (WILSON, 1976, p. 96 apud PIERUCCI, 1997, p. 112).<sup>6</sup>

Essa não contribuição das novas religiões para a cultura foi analisada por Gedeon Alencar (2005), tendo como objeto a religião evangélica, em especial os neopentecostais. Esse estudo foi retomado por Prandi (2008), em um artigo publicado na revista de sociologia da USP, onde levanta a hipótese de que, se os evangélicos continuarem se expandindo na América Latina, será possível, daqui a alguns anos, haver uma cultura evangélica, como há a católica, em hegemonia? Como conclusão, ele utiliza o argumento de Alencar e afirma que as denominações evangélicas nunca produziram para o Brasil algum bem cultural, como o catolicismo, que possui vários símbolos nacionais, como o carnaval, as festas juninas de santos, os nomes de cidades, ruas e rios; e as religiões de matriz africana, com seus sambas, comidas típicas do Nordeste, entre outros elementos culturais. Mas vale destacar a influência dos evangélicos para a música brasileira, pois igrejas pentecostais como Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil formam músicos profissionais, pois a música é parte essencial dos cultos evangélicos e, muitas vezes, cantores e instrumentistas são chamados para integrarem o coral da igreja. A partir dessa oportunidade, surgem músicos profissionais.

---

<sup>6</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. "Reencantamento e dessecularização - A propósito do autoengano em sociologia da religião." **Novos estudos CEBRAP**, nº 49: 99-117, 1997



Nesse sentido, esse trabalho acredita que a secularização é um processo contínuo que ocorre em diversos lugares, mas que não acarreta em perda cultural e social da religião como um todo. Esta ainda se faz presente em várias esferas, como na política. Com o processo de secularização surgem religiões não tradicionais e o compromisso religioso se torna flexível.

### **1. 3. Limites da liberdade e da expansão religiosa**

No Brasil republicano não houve liberdade religiosa enquanto perdurou a hegemonia do catolicismo. Entretanto, na medida em que o Estado obteve autonomia relativa mais acentuada perante grupos religiosos, com separação formal definitiva da Igreja Católica, para Mariano (2003), essa disjunção também assegurou alguma liberdade para que os indivíduos pudessem escolher a religião que mais lhes interessasse. E o Estado passou a se comprometer com a tolerância o pluralismo religioso. Com essa liberdade, ampliou-se a concorrência na oferta de serviços religiosos e, simultaneamente, o impulso para a conversão e o trânsito religioso também aumentou, observando-se, então, a expansão das opções religiosas não hegemônicas. Tal expansão é utilizada como argumento por quem não vê sentido na teoria da secularização. Mas, assim como Pierucci, Mariano reitera que esse crescimento das práticas religiosas não anula a secularização ocorrida no Ocidente. Na segunda metade do século XX, é possível notar a conjuntura pluralista e concorrencial das igrejas que se baseiam em uma lógica de mercado, aspecto que será explorado mais à frente.

Por outro lado, a separação entre Estado e religião, componente fundamental da secularização, não pode ser vista como criação de duas esferas sociais paralelas, uma vez que as relações de seus agentes foram alteradas, mas permaneceram importantes. Sobre isso, Emerson Giumbelli não acredita em uma secularização total da sociedade, pois, hoje em dia, assiste-se muito a acusações de fraude, manipulação e exploração de fieis, que recorrem ao poder público em defesa de seus direitos, também acionado nos casos de intolerância e preconceitos religiosos. Assim, é como se a modernidade impusesse uma condição de “liberdade vigiada” às religiões. Para ele, “toda vez que um conjunto de crenças e práticas com pretensão a estatuto religioso ultrapassar tais limites cabe ao Estado [...] intervir no sentido da regulação das atividades e relações sociais.” (GIUMBELLI, 1996, p. 9 apud CAMURÇA, 2003, p.61). Neste sentido, acredita que a conexão da religião com o Estado ocorre porque a esfera religiosa ainda não está plenamente adaptada à lógica secular. Camurça acrescenta a isso, em outra linha de argumentação, que se a vida dos indivíduos é conduzida



por crenças livres, isso acarreta maior aceitação delas pelas sociedades modernas, como se vê no sincretismo religioso, em que se misturam crenças das mais diversas e tem-se a ideia de ser uma só. Neste ponto vale lembrar Geertz quando salienta que “O mundo não funciona apenas com crenças. Mas dificilmente consegue funcionar sem elas.” (2001, p. 155). Assim, na prática, seria difícil haver uma separação exata de onde a religião deve e não deve interferir no Estado e vice-versa. Desse modo, tornou-se notável que a ruptura da monopolização do Estado pela Igreja católica abriu possibilidades de surgirem mais grupos religiosos acionando o poder público.

A modernidade garante maior liberdade de escolha religiosa, logo, há mais alternativas religiosas, as religiões antigas sobrevivem, outras aparecem e o pluralismo religioso se diversifica. Com esse amplo leque, perde-se a referência de qual seria a religião “verdadeira” e assim todas se tornam passíveis de questionamentos, de denúncias de oportunismo e de manipulação contra dirigentes de religiões por parte das pessoas que venha a se sentir lesada ou enganada. (CAMURÇA, 2003)

Para Montero (2006), o pluralismo religioso se constitui como uma combinação de rituais diversos, que existem para cada tipo de ocasião vivida pelo indivíduo. Deste modo, citando Fernando Brumana, mostra que:

Para alguém que não tem problemas na vida, a melhor é a católica. [...] para alguém com problemas financeiros a melhor é a dos crentes porque eles se ajudam como irmãos. [...] para os que sofrem de enxaqueca a melhor religião é o espiritismo.[...] Se Deus deixar, quando se está completamente curado, volta-se para o catolicismo. (BRUMANA, 1987, p. 28 apud MONTERO, 2006, p. 62).

Fica evidente que o trânsito religioso, por exemplo, a conversão, nem sempre pode ser tratada como mudança religiosa e tampouco como rompimento da biografia de vida anterior e entrada a um novo estilo de vida depois de convertido. O indivíduo escolhe a que melhor lhe couber e se não mais couber adere a outra. Almeida (2010) aponta que com o crescimento do pluralismo religioso, logo a proliferação de instituições conduz a uma infidelidade a elas, o que justificaria a citação acima. Prandi (1996, p. 67), nessa mesma linha considera que:

Talvez uma das coisas mais chocantes a respeito da religião hoje em dia está na facilidade como qualquer um pode mudar de uma para outra sem que o mundo caia. No fundo, ninguém está mais muito interessado em defender nenhum *status quo* religioso.

Pode ser que isso se deva ao fato de que *nenhuma religião responde por nenhuma totalidade social* e ela não é mais capaz de durar para sempre, dura apenas enquanto satisfizer as necessidades do seu público. Assim, Prandi reforça a secularização e afirma que a religião que ainda sobrevive é *para causas localizadas, reparos específicos*.



Mariana Côrtes também sustenta essa ideia de flexibilidade na conversão. Para ela:

As igrejas, associações, organizações, eventos neopentecostais parecem sugerir um deslocamento das *religiões de negação do mundo* para as *religiões de acomodação do mundo*, transmutando, através deste deslocamento, os conteúdos historicamente associados à conversão. Cada vez mais, a conversão religiosa deixa de representar um *vir-a-ser* em direção a um processo de produção de transcendência de si mesmo para induzir a um *tornar-se o que se é*, ou seja, um processo de produção de imanência de si mesmo através do qual a “tensão diferencial” (MANENT, 2010, p. 194) entre o *ser* e o *dever ser*, o *ser empírico* e o *ser realizado* esvazia-se em grande parte de sentido. (CÔRTEZ, 2011, p. 12) <sup>7</sup>

Isso ocorre pelo novo modelo de organização das igrejas evangélicas, no qual tendo como foco vencer na concorrência religiosa, acaba flexibilizando os vínculos para que o fiel não se sinta pressionado e sim acolhido. Na dissertação de mestrado de Côrtes “O bandido que virou pregador” ela constata que “o bandido pregador nunca vai deixar totalmente de ser bandido, nem vai tornar-se definitivamente pregador, ficando sempre na corda bamba do processo.” (2007, p. 202). Devido ao fato de que o bandido não pode desgarrar totalmente do seu passado, pois é este que lhe dá suporte na pregação e também, por não poder jogar-se por inteiro na carreira de pastor, pois muita das vezes não se reconhece nesta, sendo apenas a única opção que lhe restou depois de abandonar a vida do crime e precisar de outra onde ele tivesse legitimidade e reconhecimento social.

Portanto, estar convertido hoje não garante esse mesmo estado amanhã, principalmente quando levamos em conta que a identidade religiosa pode se alterar, transitar, se inverter, enfim, consistir na totalização nunca acabada de um conglomerado de signos, referências e influências que definem o modo de ser dos sujeitos em suas crenças místicas, modo de ser que pode não ser definitivo em sua existência. Vários estudos apontam que a conversão se dá mais pelos aspectos rituais das religiões do que doutrinariamente, isto porque, os pentecostais dão ênfase na glossolalia, imposição de mãos, mais do que o incentivo a leitura da bíblia, os preceitos ditos por ela e utilização de linguagem rebuscada pelos pastores.

---

<sup>7</sup> MANENT, Pierre. **Les métamorphoses de la cité**. 1ª. Ed. Paris: Flammarion, 2010



#### 1.4. Pentecostalismo, Neopentecostalismo e Teologia da Prosperidade.

São várias as tipologias empregadas para denominar os evangélicos, como: tradicionais, pentecostais e neopentecostais. Algumas definições não são consensuais, por exemplo, para alguns autores, “pentecostalismo da cura divina” e “pentecostalismo autônomo” possuem o mesmo significado que neopentecostal. Em termos gerais, todas as vertentes fazem parte da religião evangélica, que Mariano (2004, p. 134) define da seguinte forma:

Na América latina, o termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.) Grosso modo, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres.

Dessa forma, é importante considerar as primeiras vertentes do pentecostalismo no Brasil. Como exposto na monografia de Anna Cruz (2013), tendo como referência Mariano (1996), esta denominação está presente no Brasil desde 1910. A partir daí, notou-se o crescimento de centenas de igrejas e várias mudanças em seu interior, caracterizando a religião como heterogênea. Para uma melhor compreensão das várias vertentes do pentecostalismo brasileiro, alguns pesquisadores ordenaram e classificaram esta parte do campo religioso brasileiro em três ondas, considerando a ordem cronológica de implantação das igrejas e em *distinções teológicas e comportamentais*. Essas ondas não são estagnadas, convivem e se influenciam entre si.

A primeira onda, denominada de *pentecostalismo clássico*, compreende o período de 1910 a 1950, de sua implantação à propagação pelo território nacional. A Congregação Cristã no Brasil foi a primeira igreja a se instalar no país, fundada no bairro italiano do Brás, na capital paulista, em 1910. A Assembleia de Deus foi edificada em Belém do Pará, 1911. Ambas as igrejas foram fundadas por europeus, mas eles foram convertidos ao pentecostalismo nos Estados Unidos, de onde vieram a fim de evangelizar o Brasil. Segundo Mariano (1996, p. 25), “essas igrejas caracterizaram-se pelo anti catolicismo, pela ênfase no dom de línguas, por radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo”. A Congregação Cristã mantém-se isolada de outras igrejas pentecostais e não abre mão de certos traços



sectários, enquanto a Assembleia de Deus é mais flexível diante das mudanças pentecostais e da sociedade em geral.

A segunda onda, denominada de *pentecostalismo neoclássico*, iniciou-se na década de 50, quando foi criada a Cruzada Nacional da Evangelização por dois missionários norte-americanos da *International Church of the Foursquare Gospel*, recém-chegados ao Brasil. O evangelismo tinha como base a cura divina, o que acarretou fragmentações denominacionais e uma acelerada expansão pentecostal pelo país. No Estado de São Paulo, esses missionários fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 1953, a Igreja Brasil para Cristo, 1955; Deus é Amor, 1962, e, em Minas Gerais, a Casa da Benção, em 1964, bem como várias outras denominações de menor amplitude. Além da cura divina, essa vertente pentecostal se destacou pelo uso do rádio e por aderir a uma *evangelização itinerante em tendas de lona* por várias cidades do Brasil. (MARIANO, 1996).

A terceira onda, denominada de *neopentecostal*, iniciou-se na segunda metade dos anos 70, se fortalecendo nas décadas seguintes. Etimologicamente, “Neo”, de origem grega, significa “novo”, isto é, novo pentecostalismo, que possui rupturas com as primeiras igrejas pentecostais, mas ainda guarda com elas alguma continuidade. Entre as principais igrejas neopentecostais fundadas por pastores brasileiros, estão: Universal do Reino de Deus, em 1977 e a Internacional da Graça de Deus, em 1980, ambas no Rio de Janeiro. Em Goiás, surgiu a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, em 1976, e, em São Paulo, a Renascer em Cristo, 1986. Todas essas igrejas apresentam fortes disposições de acomodação ao mundo, possuem poucos traços de seita, se utilizam da mídia eletrônica e participam intensamente da política partidária. Mariano (1996) as caracteriza por

(1) Pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvinculado adágio franciscano do ‘é dando que se recebe’ e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e sobretudo com os cultos afro-brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. (MARIANO, 1996, p. 26)

Com essas características, a vertente neopentecostal é detentora de maior espaço nos meios de comunicação no Brasil, principalmente televisivo, sendo produtora de programas de tele evangelismo ou proprietária de emissoras de TV, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Apesar de possuir menor quantidade de fiéis quando comparada a outras denominações evangélicas, a IURD possui maior visibilidade midiática. Uma das razões para



isso é que seu fundador, Edir Bezerra Macedo<sup>8</sup>, depois de adquirir a emissora Rede Record, expandiu-se como empresário de várias mídias, ganhando grande espaço para a divulgação evangélica e controle sobre os noticiários.

Como demonstra Ronaldo R. M. Almeida (1996), nos programas televisivos de cunho neopentecostal, assim como acontece nos templos, há pregações ostensivas que prometem “dos infortúnios que atingem o cotidiano de qualquer pessoa, até a cura da doença mais estigmatizada desde o fim de século, a Aids” (1996, p. 15). Evocando o diabo como provocador dos infortúnios, as práticas de exorcismo são fortemente adotadas nos rituais dos cultos. Assim, as igrejas neopentecostais possuem na ênfase do discurso milagroso e na promessa da cura a crença de que os males da vida são causados por Satanás e seus demônios. E ainda afirmam que estes são cultuados por outras religiões, principalmente as afro-brasileiras. A miséria, por exemplo, seria resultado da possessão de alguma entidade. Desse modo, utilizando-se desses discursos e práticas, o diabo manifesta-se como elemento fundamental da existência dessas igrejas, talvez, mais essencial que Deus, ainda segundo Cruz (2013).

Brandão (2004) proporciona uma interpretação que apresenta claramente essa dinâmica utilizada pelos neopentecostais:

A própria pessoa malévola do Diabo é tão forte e tão absolutamente essencial na lógica de crenças, afetos e cultos pentecostais, que mais do que um agente do mal e um oposto absoluto à pessoa de ao poder de Jesus Cristo, ele se converte no operador central e no ator principal através de quem, afinal, tudo acontece. (BRANDÃO, 2004, p. 281)

Portanto, o Diabo aparece como o mantenedor dessas instituições, que o reforçam a todo o momento. As curas, os socorros, as soluções para os dilemas e infortúnios, operados por Deus e seus pastores, são uma vitória contra o Diabo, que causa desemprego, miséria, crises familiares e outros males. Percebe-se, então, que o Diabo tem importância fundamental no deslocamento das aflições humanas para um plano mágico que, contudo, não é irracional, não está destituído de certa racionalidade, pois os fiéis devem se conduzir com extrema disciplina em face dos deveres e oferta de doações para as igrejas, que mediam contratos estabelecidos com Deus para obter salvação dos fiéis neste mundo e não no mundo além, conforme preconiza a Teologia da Prosperidade (MARIANO, 1996).

Diferentemente de outras teodiceias que pregam que a felicidade só é possível depois da morte e que, em vida, o indivíduo deve-se conformar com o que tem e não buscar por

---

<sup>8</sup> Sobre os livros publicados pelo bispo e sua maneira de lidar com a fé, ver: SWATOWISKI, C. W. Texto e Contextos da Fé: O Discurso Mediador de Edir Macedo. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 27, v.1, p. 114-131, 2007.



riquezas materiais, a Teologia da Prosperidade, nascida nos Estados Unidos no começo dos anos 40, chegando ao Brasil em 1970, afirma ser aceitável ao fiel buscar melhorar sua condição de vida, *obter favorecimento divino para sua vida material, ter fortuna favorável*. (CAMPOS, 1997) Essa teologia não valoriza temas bíblicos tradicionais, como auto sacrifício, martírio, aprecia a fé de Deus como obtenção dos objetivos, escolhe por exaltar uma vida feliz e confortável do fiel e não em enaltecer o sofrimento. (MARIANO, 1996)

Leonildo Silveira Campos cita uma fala do bispo Edir Macedo, da IURD, em que ele enfatiza nos cultos: “Nada de se contentar com a desgraça ou com a pobreza. Viver na presença de Deus é ter uma vida abundante” (1997, p. 367). Assim, o cristão deve colocar em prática sua fé e se tornar um sócio de Deus, restituindo-o através do dízimo. Enquanto Deus assegurará bênçãos de cura e sucesso no empreendimento. É necessário se sacrificar em prol de Deus e este quer o *essencial e não as sobras*. É também de caráter fundamental que o crente expresse seu desejo por graças divinas e utilize a palavra “determinar”, pois seu discurso tem que ser feito com fé. Se seu pedido não for realizado é porque lhe faltou fé.

As igrejas desse segmento possuem fortes componentes da magia, como o êxtase, a oração em línguas, a cura, a obtenção de milagres, entre outros. “Da cultura aproveita alguns elementos que possa usar em seu favor – símbolos, referências, imagens, benzimentos, pequenas magias a que os candidatos à conversão estão afetivamente habituados.” (PRANDI, 2008, p. 162). Campos (1997) mostra como é difícil separar magia e religião quando se trata das práticas do neopentecostalismo *iurdiano*, pois eles utilizam em seus rituais “água abençoada”, “mesa branca energizada,” “manto sagrado” e outros elementos que compõem seus cultos. Para o autor, os fieis acreditam que estes objetos têm a capacidade de proteger tudo que é conferido como mal por causa do diabo. Tais práticas seriam um modo de continuidade com as religiões afro-brasileiras, o catolicismo popular e o mundo mágico.

Outro aspecto que Campos analisa é que a IURD existe como um empreendimento neopentecostal associado a três elementos indissociáveis: “templo”, “teatro” e “mercado”, em que o *marketing* é essencial para a obtenção de resultados organizacionais favoráveis. Com estratégias de propaganda, retórica persuasiva, seja nos púlpitos ou diante de câmeras de televisão, essa vertente evangélica consegue se estabelecer no mercado religioso e angariar fieis. Ainda segundo Campos (1997, p. 68/69), “A presença do teatral nos cultos neopentecostais, contudo, provoca situações litúrgicas ambíguas, nas quais não há definição clara entre culto e teatro, espetáculo de auditório e manifestação sagrada, enfim, entre templo



e teatro.” Assim, o autor enfatiza que a IURD se mantém desse modo como qualquer empreendimento.

O pastor também sofre avaliação, como um empregado perante o patrão. Se não consegue um valor muito alto na coleta dos dízimos e/ou não tem uma boa *performance* perante seu fies, isto é, lograr com sua persuasão atrair mais fies e mantê-los, ele é retirado da igreja na qual está ministrando. Para a manutenção do *espetáculo*, isto é, o culto religioso, é necessária a ajuda dos obreiros, cada um com sua função. Em conjunto, conseguem administrar o *espetáculo* de acordo com seus objetivos, de modo que nenhum fiel, por exemplo, entre mal vestido no templo, ou fale algo que possa vir a desestabilizar a moral do grupo. Campos associa obreiros e pastores como se fossem atores, enquanto os fies são a plateia, o altar é o palco e o templo é o espaço onde se realizam as apresentações do teatro religioso. Para ele, o *agente intermediário religioso, no caso o pastor neopentecostal*:

Desempenha a função de coordenar o drama local, de conectá-lo ao universo de valores propostos pela igreja, assim como vincular o todo da mensagem às necessidades de cada participante. É no interior desse processo de interação social que uma comunidade neopentecostal se constrói, culto após culto, representação após representação. (CAMPOS, 1997, p. 70).

Desse modo se constituem os cultos *iurdianos* presentes em várias cidades do Brasil e do mundo. A lógica dessas igrejas associadas à de mercado também está presente na obra do mesmo autor. A partir da alusão ao mercado como um lugar onde se efetuam trocas de mercadoria e dinheiro, e mercadoria como tudo aquilo que provoca prazer e distancia da dor, pode-se dizer que a igreja oferece mercadorias em troca de algum benefício para si. Mas o que seriam esses produtos oferecidos? Para Bourdieu, há um “mercado de bens simbólicos”, esses bens seriam a salvação, a libertação dos pecados, a cura, entre outros elementos conquistados pela mediação do pastor. Saber qual a demanda desses produtos pelos leigos, o que eles anseiam em adquirir foi de fundamental importância para a expansão da IURD no país. Um dos recursos que agregam bens simbólicos são os veículos de comunicação de massa que, como visto acima, tem grande representatividade no segmento neopentecostal. Pressupõe-se que através desses veículos as pessoas podem orar e conquistarem o que desejam. Enfim, quem não usufrui de bens reais, pode adquirir os bens simbólicos, pois ambos são produzidos pela lógica de mercado, onde há livre escolha individual.

Nos templos dessas igrejas, há bíblias, revistas, livros e CDs religiosos, postos à venda. Durante os cultos, são oferecidos aos fiéis outros bens, como água, óleo, chaves, lenço e outros, que são abençoados pelos pastores e passam a ter um caráter sagrado, pois irão curar,



proteger ou dar segurança. Estes bens simbólicos são gratuitos, no entanto, aconselham que sejam feitas doações espontâneas em restituição ao bem sagrado adquirido.

Clara Mafra (2001) interpreta o sucesso maior dessa terceira onda e não das duas anteriores, pelo fato de que aquela possui um carisma que não está apenas no líder religioso, como é o caso das outras e sim na instituição. No sentido de que, há um uso acentuado da mídia e um discurso que mobiliza o campo político. A IURD passou a fazer parte do cenário da política brasileira em 1986, ano em que elegeu um deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte. (ORO, 2003) Passados três anos, conseguiu eleger mais deputados federais e também estaduais. Em 1998 foram 26 deputados eleitos de 18 Estados. Assim, essa denominação foi crescendo e ganhando destaque na política brasileira. Além do seu deputado eleito em 1986, foram eleitos mais 31 deputados federais de diversas denominações evangélicas e formaram a “bancada evangélica”. Esta cresce a cada eleição.

Contudo, mesmo com o crescimento dos evangélicos na política, é importante destacar que não são todas as denominações que concordam em lançar candidatos ou apoiá-los. O que fez com que evangélicos conservadores que acreditavam que a política “não é lugar para crente” se envolvesse diretamente com ela? Para Oro (2003) é neste ponto que eles entraram para o cenário político. A corrupção e as promessas não cumpridas por políticos fez com que os evangélicos assumissem para si a responsabilidade de combater tais atos. E essa justificativa é usada em suas campanhas com seus fiéis. Assim, é como se o voto em uma pessoa evangélica combatesse o mal que há na política. Muitos pastores associam esse mal a figura do diabo, então se faz necessário exorcizá-lo através de pessoas que temem ao Senhor, e o meio para isso é o voto.

Com o crescimento dos evangélicos na sociedade brasileira é compreensível que os políticos brasileiros queiram agradar a esses com fim a obtenção de votos. Neste sentido, governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) deu suporte a expansão da IURD, como no benefício concedido a esta de adquirir o canal de televisão *Record News*. Outro fato é que Edir Macedo obteve passaporte diplomático em 2007. Líderes religiosos podem obtê-lo, mas apenas Macedo o possuía até ser concedido a outro líder da IURD, o Bispo Romualdo Panceiro. Este passaporte que é concedido a autoridades governamentais a fim de serem dispensados de revista e de burocracias, facilita aos religiosos, pois ficam isentos de fiscalizações em solo internacional.

Através da Rede Record, houve apoio ao governo Lula e às candidaturas de Dilma Rousseff. Nesse sentido, as relações entre Macedo e o governo do Partido dos Trabalhadores



(PT) são próximas<sup>9</sup>. Marcelo Crivella, bispo da IURD, sobrinho de Macedo e senador da república pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB); declarou durante a Convenção Nacional das Assembleias de Deus onde estavam reunidos líderes religiosos e dirigentes para esboçarem as diretrizes da igreja evangélica para os quatros anos seguintes, que o PT ajudou os evangélicos. Seu pensamento é de que, através das políticas sociais voltadas para os mais desfavorecidos, houve maior arrecadação de dízimo. Afirmou Crivella:

Com a presidenta Dilma, os juros baixaram. Quem paga juros é pobre. Com menos juros, mais dízimo e mais oferta (...). A presidenta Dilma disse: não vamos mais explorar o povo. E quando sobra mais dinheiro, o povo evangélico não é o povo que vai para a butique pra comprar roupa de marca. Sabe o que o povo faz? Ele vai mais na igreja, porque tem condições de pagar o metrô e o trem. Ele dá mais oferta, mais dízimo, faz mais caridade. Então nós temos que aplaudir a presidenta Dilma – ressaltou o político e líder religioso. (CRIVELLA<sup>10</sup>)

Nesse sentido percebemos a importância que o governo do PT teve para a manutenção das igrejas neopentecostais. Em Uberlândia, o atual prefeito Gilmar Machado, gestão 2013-2016, também do PT é evangélico da Igreja Batista. Logo quando assumiu isentou igrejas com templos próprios de pagarem o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Anteriormente, para conseguirem isenção tinham que pagar uma taxa. O prefeito justificou essa mudança com base no artigo 150 da Constituição Brasileira. Agora, todos os imóveis onde há atividades religiosas estão isentos. Novamente, percebemos a aliança entre o Estado, política e as religiões.

## 1.5 Religião e cultura

Em uma sociedade capitalista como a brasileira, que sofreu um rápido processo de modernização socioeconômica, acarretando êxodo rural e chegada de população enorme às cidades, a grande maioria dos migrantes se deparou com outro modo de vida e deixou de contar com os laços de identidade constituídos no campo. A partir da segunda metade do século XX, os templos do pentecostalismo apareceram, então, como opção para repor laços de identidade e muitas pessoas neles busca acolhimento e novos arranjos de sociabilidade. Neste

---

<sup>9</sup> Houve ruptura dessa parceria em março de 2016, por parte do PRB ao PT, em meio ao processo de impeachment da presidenta Dilma.

<sup>10</sup> CRIVELLA, Marcelo. Lula e Dilma ajudam os pobres, que dão mais dízimo, diz ministro da Pesca. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-e-dilma-ajudam-os-pobres-que-dao-mais-dizimo-diz-ministro-da-pesca,1012125>> Acesso em: 19 nov. 2015.



sentido, essa religião passa a ter crescimento e visibilidade no Brasil. Certamente, sua expansão se deve, também, à secularização causada pela separação entre Estado e Igreja, que proporcionou maior abertura a novos movimentos religiosos. Mas de lá para cá, essa vertente se alterou muito, como visto acima, e é sobre essas mudanças que se seguirá a discussão.

Oro, em suas análises sobre as características de neopentecostalismo, aponta para vários tipos de pentecostalismo, dentre eles o “pentecostalismo empresarial” que:

Possuem uma organização administrativa hierárquica, esperam aumentar sempre mais seu patrimônio, mantêm uma divisão social do trabalho religioso e administrativo, colocam no mercado serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento, e sustentam uma relação concorrencial com as outras “empresas de salvação” atuantes no mercado religioso nacional. (ORO, 1996, p. 70)

Assim, cada igreja busca maneiras de sobrevivência na sociedade frente a várias opções para atuar como “empresas de salvação”. Logo, acabam por “fazer concessões e a moldar o conteúdo de seus bens e serviços religiosos às preferências de fiéis e clientelas flutuantes” (MARIANO, 2011, p. 29). Num contexto de liberdade e intenso pluralismo religiosos, a competição por fiéis torna-se acirrada, o que estimula o ativismo e proselitismo de seus pastores e leigos, estratégias de *marketing*, entre outros recursos de atuação.

Contudo, essa disputa pode acabar por tornar todas elas homogêneas (algo que não foi previsto por defensores desse argumento, no caso, o de Iannaccone<sup>11</sup>, analisado por Mariano), sendo que várias possuem características em comum, como exposto acima. Então, se houver homogeneidade, qual será o critério de escolha? E mesmo se não houver homogeneidade, será que há tantas diferenças em termos doutrinários para haver tantas vertentes? A própria teologia da prosperidade teria mudado desde sua origem? Modificar seus princípios para se adequar à cultura atual, como será visto a frente, é uma estratégia coerente, mas será que com isso se tornam homogêneas? O que muda e o que se mantém dessas doutrinas nas pequenas igrejas pesquisadas em Uberlândia? As análises resultantes da pesquisa de campo, apresentadas no terceiro capítulo, tentam responder a essas perguntas.

Prandi, se apoiando em Mariano (1996) é enfático ao afirmar que:

As igrejas pentecostais e neopentecostais oferecem-se numa multiplicidade de denominações que parece sem fim, e não apenas prosperam, mas diversificam-se doutrinária e ritualmente até verem borradas de vez as especificidades éticas e teológicas que marcaram sua origem. Não houve sociólogo que ousasse prever para as religiões reformadas uma descendência que pregasse as benesses do dinheiro e do consumo alcançáveis pela graça divina, nos moldes da recentíssima teologia da prosperidade que redefine o neopentecostalismo das grandes igrejas-

---

<sup>11</sup> L.R. IANNACCONE, “Rational choice: framework for the scientific study of religion”, in YOUNG (org.), Rational choice theory and religion, pp. 25-44, apud MARIANO, 2011, p. 29.



empreendimento para muito longe do universo ideológico protestante (PRANDI, 1996, p.66).

Resta saber, então, se há mudanças doutrinárias concretas nas igrejas pesquisadas neste trabalho, assim como será importante saber o que almejam seus pastores em termos de seus futuros institucionais.

Também para Almeida (2006), as igrejas neopentecostais se transformaram para atender à demanda exigente dos fiéis do mundo contemporâneo. Atualmente, os evangélicos permitem que as pessoas tenham um tempo para se filiarem a uma denominação. Essa filiação ocorreria, por exemplo, pelo rito de passagem do batismo nas águas. Desse modo, ninguém será excluído do templo por não pertencer inteiramente à religião, podendo então, transitar por várias denominações de uma mesma vertente ou até mesmo diferentes religiões. Segundo Almeida (2006), essa circulação no interior de um mesmo segmento, no caso o evangélico, sendo uma variação religiosa não acarretaria em perda da identidade, o indivíduo apenas não estaria fixo a uma comunidade, o que lhe garante uma “experiência bastante individualizada e parcialmente comunitária.” (ALMEIDA, 2006, p. 8). Neste sentido, o indivíduo tem condições de criar seu próprio *cardápio religioso*.

Nota-se que a igreja se enquadrou ao fiel e não o contrário, sem excluir o fato de que este deve cumprir regras. Com as várias opções, a pessoa escolhe a que lhe trará mais benefícios e, por isso, faz com que o trânsito religioso seja “regido por uma competição de fiéis e a cópia de procedimentos dos concorrentes, como se houvesse um espelhamento na disputa religiosa.” (ALMEIDA, 2004, p. 25). Esse enquadramento dos evangélicos na cultura contemporânea é destacado por Prandi (2008) como um dos fatos dessa denominação ter avançado no Brasil, enquanto o catolicismo refluíu seu crescimento. Em 2005, Pierucci escrevera sobre isso em uma matéria no jornal Folha de São Paulo, onde aponta que o catolicismo insiste em “evangelizar culturas”, uma espécie de inculturação, objetivando inserir algo de fora ou modificar o que está dentro da cultura. Enquanto os evangélicos não estão preocupados em mudar a cultura, não buscam o universal e sim a conversão individual. Nas palavras de Pierucci:

Pergunte se qualquer uma das igrejas de conversão puramente individual, como as evangélicas, no intuito de responder aos desafios do nosso tempo, vai lá perder tempo com a reevangelização da cultura! E, no entanto, são elas as que mais crescem nessas "nações católicas" que se estendem de norte a sul da "América católica", não sem desde logo alcançar em plena "América protestante" os novos imigrantes de origem hispânica ou brasileira, culturalmente católicos, mas já agora postos em franca disponibilidade para uma conversão provavelmente evangélica-apostasia que não cessa de multiplicar-se, minando por baixo e por dentro os "povos culturalmente católicos" que o discurso pastoral de João Paulo II não se cansava de



contemplar, envaidecido, em seu embaçado retrovisor polonês. (PIERUCCI, 2005, s/p.)

Desse modo, segundo Prandi (2008), que citou essa matéria de Pierucci, também a religião e cultura estão intrinsecamente ligadas e se esta muda, aquela também tem que mudar e se adaptar aos novos arranjos da sociedade. A não adaptação e muita das vezes acomodação do catolicismo em buscar mudar a cultura que se transforma e não almejar se “enquadrar” nela também é uma hipótese de seu declínio. Enquanto isso, os evangélicos, *ênfatizados* pelos neopentecostais, estão dispostos<sup>12</sup> a reverem suas posturas a fim de conquistarem fieis, se encaixando em suas demandas e desejos. Segundo o autor, o neopentecostalismo foi se ajeitando na cultura atual e:

Já no final da década de 1970, temos novidades marcantes: a chegada da teologia da prosperidade e o surgimento das igrejas do neopentecostalismo (...). A religião mostra o caminho, estabelece pactos e trocas de favores entre Deus e os homens. A igreja inverte os termos da fidelidade religiosa e garante: “Deus é fiel”, conforme o dístico pregado em veículos, supostamente de evangélicos, que circulam pelas ruas e estradas do Brasil. Essa religião já é, portanto, outra, adaptada aos novos tempos, em sintonia com novas exigências culturais. (PRANDI, 2008, p. 169)

Em “A religião como solvente”, Pierucci retoma esses argumentos e afirma que as *religiões universais*, como são denominadas por Candido Procópio Ferreira de Camargo, são receptores da conversão de todos, “independentemente de tribo, etnia ou nacionalidade” (2006, p. 114), aborda as pessoas como indivíduos e não como componentes de uma coletividade. Desse modo, elas têm vantagem na concorrência entre denominações religiosas e maiores possibilidades de vitória. As religiões evangélicas são caracterizadas como universais, e o que se nota hoje é que as de orientação pentecostal e neopentecostal estão obtendo maiores vantagens por essas características. Assim, o mercado simbólico evangélico incorpora canções com ritmos musicais desde o forró ao *heavy-metal*. Introduzem elementos culturais específicos para cada tipo de fiéis, ou se assemelhando à lógica neopentecostal, para clientes, criam segmentações particulares de acordo com a necessidade da clientela. Mais do que transformados de pessoas para indivíduos (PIERUCCI, 2006), agora eles se transformam em clientes em potencial.

As igrejas dessas linhas crescem no Brasil também pela sua capacidade solvente de não se arraigar a pertencimentos identitários definitivos e basearem-se na ética de acomodação ao mundo. Para o autor, estas religiões de conversão:

---

<sup>12</sup> Entretanto, conforme os dados da pesquisa de campo, que serão apresentados no terceiro capítulo, os pastores entrevistados não estão tão dispostos a modificarem algo em suas igrejas, não no sentido total, visto que, justamente por não se adequarem a tudo que as pessoas querem, outras abrem suas igrejas por essa insatisfação.



Destaca partes e desata nós, despedaça relações sociais herdadas e desmembra coletividades já constituídas. Congregacionista, “con-grega” indivíduos que ela própria “des(a)grega” de outras greis, por secessão ou abdução, indivíduos que ela recruta desenraizando, desterritorializando-os de seus assentamentos convencionais, desviando-os de suas rotas convencionais, desqualificando sistematicamente outros sistemas religiosos de crença e vida prática, criticando ou condenando sem pedir licença outras condutas de vida e pautas de comportamento, religiosas ou não, coletivas ou não, significativas ou não. (PIERUCCI, 2006, p. 122)

Essa passagem do sociólogo paulista remete ao que Weber entende por “religiosidade congregacional” e religião de “conversão individual”, que possuem o mesmo significado. Dessa forma, através de Weber, Pierucci retoma a citação bíblica do evangelista Mateus quando diz que, para seguir Jesus Cristo é necessário abdicar-se da família e dos laços sanguíneos. Assim, o fiel está pronto para dedicar-se a religião e *amar a Deus sob todas as coisas*. Então:

Uma comunidade constituída e mantida por laços *especificamente* religiosos, o primeiro passo em regra há de ser este: dissolver vinculações comunitárias anteriores, sejam elas quais forem, soltar os indivíduos de suas antigas amarras comunitárias, já sejam estas religiosas ou de outra ordem. O que Weber nos faz ver é que, de partida, está deflagrada uma competição dos “novos laços” (que são de fraternidade puramente religiosa entre “irmãos de fé”) com os “antigos laços” (que são de fraternidade entre irmãos de sangue, de cor, de localidade, de pátria; ou de uma religião herdada, nativa, agora depreciada). Os vínculos que precisam ser cortados, incluindo-se aí os simbólicos, são os de pertença para trás, o que leva a uma atitude iconoclasta; converter-se, afinal, é trocar de religião, e isso às vezes pede algum iconoclasmo. (PIERUCCI, 2006, p. 123)

Um pouco depois deste raciocínio, Pierucci assegura que “o interesse principal de Weber está na religião como uma fonte de dinâmica da mudança social, não na religião como um reforço da estabilidade das sociedades” (PARSONS, 1965, p. XXX apud PIERUCCI, 2006, p. 123). Justamente por essa dinâmica da sociedade e da religião, Almeida (2010) acredita que não podemos mais falar em vínculos *puramente religiosos*. Prova disso é uma pesquisa empírica realizada na região metropolitana de São Paulo que constatou a *ocorrência simultânea e alternada de uma socialidade religiosa* que acompanha a dinâmica dos fluxos da sociedade; e também que os evangélicos *retroalimentam* relações de parentesco, de vizinhança e de trabalho, de modo que a partir dessas relações pode vir a surgir um adepto e se juntar aos “irmãos de fé”, como por exemplo, através de um casamento, ou pela conversão de algum parente, que passará a fazer parte deste ciclo. Desse modo, *as redes religiosas e familiares se sobrepõem e podem engendrar ainda outras* (ALMEIDA, 2009), não estando fixas a laços *puramente religiosos*, como propõe Pierucci.

Mas, se essas relações familiares, de trabalho ou vizinhança acarretam em uma ligação de “irmãos de fé”, não estariam caminhando para o mesmo rumo, o religioso? Só não pode ser



*puro*, pois se misturaram, mas, no fim, continuariam como vínculos baseados na religião. Não significa que está tudo flexível quando se trata de laços religiosos, por exemplo, conforme Prandi, dificilmente um jovem evangélico:

Participará de um grupo maior do que aquele limitado pela sua própria igreja (...). Ainda que pertencesse a outra religião, provavelmente continuaria excluído, porque todo grupo de jovens religiosos procura se auto excluir. A cultura cristã jovem costuma se mostrar como a própria negação da juventude, caracterizada por sua rebeldia, imprudência e ousadia (...). A religião aproxima os iguais e os distancia de outros, agrega e imprime identidade, como faz a cultura. (PRANDI, 2008, p. 159).

Assim, a religião atua como solvente das relações sociais, a não ser quando se necessita sair desses laços religiosos, mas aí se encontra uma razão lógica: a fim de ampliar seu público religioso. Entretanto, estamos nos referenciando em aspecto geral. E quando se trata da cidade de Uberlândia? Será que nesta os laços também se dissolvem ou, devido ao trânsito religioso e a não fixação em determinada igreja, o fiel, sendo livre para estabelecer qualquer tipo de relação, mesmo com não religiosos, acaba dissolvendo todos os relacionamentos, até mesmo os religiosos?

Dentre muitas respostas para essa difusão dos pentecostais, Mariano aponta que:

Na academia, a resposta de maior destaque associa o crescimento pentecostal com a modernização socioeconômica, responsável pelo êxodo rural de milhões de pessoas, que, largadas à própria sorte nos centros urbanos, perdem sua identidade, seus referenciais de comportamento e sofrem severa privação social. As igrejas pentecostais, segundo essa tese, crescem por se ajustarem às crescentes demandas das massas de migrantes pobres em busca de um refúgio fraternal que lhes ofereça redes de segurança e solidariedade, ajuda para reorganizar a vida e lidar com a pobreza.<sup>13</sup>

Essa manutenção das *demandas das massas de migrantes pobres* aparece trabalhada de várias formas pelas igrejas, de modo que, dão ênfase na autoestima do fiel, na sua capacidade de pedir ajuda a Deus e conseguir (retribuindo com dízimos as igrejas), formam novas relações de sociabilidade com os “irmãos de fé”, entre outros. Berger (2001, p. 14) afirma que “A modernidade solapa todas as velhas certezas (...) qualquer movimento (não apenas religioso) que promete assegurar a certeza tem um apelo seguro”. Então, as igrejas evangélicas estariam suprimindo as incertezas do mundo.

Para Montero (1994) “Na sociedade brasileira (...) multiplicam-se por todas as camadas sociais conversões e adesões às mais variadas formas de rito (...). As religiões que mais cresceram nestes últimos vinte anos têm um caráter acentuadamente mágico.” Portanto,

---

<sup>13</sup> MARIANO, Ricardo. **O “boom” pentecostal.** Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/42818\\_O+BOOM+PENTECOSTAL](http://www.istoe.com.br/reportagens/42818_O+BOOM+PENTECOSTAL)> Acesso em: 27 out. 2012



a ligação dessas igrejas com a magia e aspectos emocionais, pelos exemplos elencados aqui, ajudam esse segmento a crescer e se manter visível na sociedade brasileira.

Assim, a partir dessa exposição, procurou-se demonstrar as mudanças do campo religioso brasileiro e suas implicações. Desse modo, no próximo capítulo será discutida a expansão dos evangélicos, suas dissidências, o trânsito religioso no Brasil, bem como será apresentado mapeamento das instituições religiosas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.



## CAPÍTULO 2: PLURALISMO DE DENOMINAÇÕES EVANGÉLICAS

### 2.1. Crescimento dos evangélicos no Brasil

As pesquisas sobre diversidade religiosa no Brasil partem, quase sempre, de uma constatação histórica incontestável, a predominância ampla do cristianismo sobre todas as demais religiões aqui existentes, o que tornaria a sociedade brasileira pouco diversa em termos de crenças. No Brasil contemporâneo, não é possível dizer que há uma enorme diversidade religiosa, quando observados os números de adeptos das grandes religiões universais (PIERUCCI, 2004), mas, a diversidade também ocorre, ao menos quando considerado o cristianismo e, em especial, o catolicismo. Segundo Faustino Teixeira (2005) é uma característica da formação do Brasil a pluralidade do campo religioso católico. Ou seja, o catolicismo no país revela-se como um grande complexo de diversidade, e melhor seria dizer que temos “catolicismos”, pois há o catolicismo “erudito ou oficial”, o catolicismo dos “reafiliados”, o “emergencial catolicismo midiático” e o catolicismo “santorial”<sup>14</sup>. (CRUZ, 2013)

Contudo, a diversidade na crença cristã não se estabeleceu apenas internamente no catolicismo. Nas décadas de 1940 e 1950, o Brasil presenciou um intenso período de mudanças sociais, dentre elas, a expansão das religiões evangélicas pentecostais, ao mesmo tempo em que as religiões afro-brasileiras ganharam visibilidade e foi possível saber um pouco mais de sua extensão social. Ambas, porém só vieram ter um lugar significativo no campo religioso brasileiro no final da década de 50, com destaque para os pentecostais que obtiveram ganho de filiados, visibilidade e importância sociológica maiores, adiantando o *boom* evangélico que viria acontecer no começo da década de 80. Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi (1996) abordam a importância desses fatos e, entre seus argumentos, vale destacar quando dizem que “não é a religião enquanto conservação e permanência que deve

---

<sup>14</sup> Resumidamente, para Teixeira o catolicismo “erudito ou oficial” configura-se baseado rigidamente em doutrinas, enquanto que o “catolicismo santorial” é caracterizado pelo culto aos santos. O catolicismo dos “reafiliados” é uma tentativa que busca sintonia com o catolicismo “oficial” e “santorial”, um exemplo é a Renovação Carismática Católica (RCC) e as Comunidades Eclesiais de Base. Por fim, o “emergencial catolicismo midiático” tem relação direta com a RCC, que se inseriu nos meios de comunicação de massa e expandiu o alcance da Igreja Católica, por exemplo, através das músicas tendo sua figura principal o carismático Padre Marcelo Rossi.



interessar a sociologia, mas sim a religião como possibilidade de ruptura e inovação, a mudança religiosa e, portanto, a mudança cultural” (1996, p. 9).

De fato, como se observa na Tabela 1<sup>15</sup>, abaixo, a soma dos percentuais de cristãos católicos e evangélicos alcançava 95,8% em 1980 e, em 2010, caiu para 86,7% do total de declarantes. Apesar da queda de 9,1% observada em três décadas, percebe-se que o Brasil se mantém como um país cristão em maioria esmagadora, sugerindo, por isso, à primeira vista, uma diversidade religiosa bastante limitada, quando se considera, por exemplo, os Estados Unidos da América do Norte, outro país que, como o Brasil, foi grande receptor de imigrantes das mais diversas origens culturais. Outros dados da mesma tabela confirmam os limites da diversidade religiosa no Brasil. A soma dos percentuais dos declarantes incluídos nas religiões espíritas, afro-brasileiras e em outras religiões não passa de 5% do total em 2010. Nem mesmo o fato dos espíritas e adeptos de outras religiões terem apresentado algum crescimento em três décadas permite constatar a diversidade religiosa da sociedade brasileira perante os EUA ou mesmo alguns os países da Europa Ocidental.

**Tabela 2:** Religiões declaradas nos censos do Brasil em 1980, 1991, 2000 e 2010. (%)

<b>Religião</b>	<b>1980</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Católicos	89,2	83,3	73,7	64,6
Evangélicos	6,6	9,0	15,4	22,2
Espíritas	0,7	1,1	1,4	2,0
Afro-brasileiras	0,6	0,4	0,3	0,3
Outras religiões	1,3	1,4	1,8	2,7
Sem religião	1,6	4,8	7,3	8,0
<b>Total (*)</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

(\*) Não inclui religião não declarada e não determinada.

Fonte: IBGE, Censos demográficos.

O que podemos constatar de continuidades e rupturas do Censo 2000 e 2010 é que o número de católicos continua decrescendo, o que preocupa vários estudiosos, pois pela primeira vez, nesse último Censo, seu ritmo de crescimento foi inferior ao crescimento da população brasileira, enquanto o dos evangélicos e sem religião crescem significativamente. Entre os setores da religião evangélica, o que mais cresceu foi a denominação pentecostal, que representa 13,3% do total de 22,2% dos evangélicos no Brasil. Mas, o que mais se destacou foi os evangélicos não determinados, pois em 2000 eles eram 1%, em 2010 chegaram a 4,8%, dado que será discutido à frente. Analisando o Censo desse modo, fica evidente o destaque ao

<sup>15</sup> JACOB, Cesar Romero (et al.). Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003 e IBGE. Censo 2010. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religio\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/tab1_4.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2012.



crescimento evangélico, mas, Teixeira (2013), ao apresentar a pesquisa de Paulo Ayres (2012), problematiza esse avanço, pois entre 1991 e 2000 ele foi de 120%, enquanto entre 2000 a 2010 constata-se o aumento de 62%. Acrescenta que isso ocorreu com a queda em números de fiéis da Congregação Cristã do Brasil, da Igreja do Evangelho Quadrangular e da Igreja Universal do Reino de Deus. Em contrapartida, a Assembleia de Deus, com suas vertentes variadas, registrou um vasto crescimento, um aumento de 4 milhões de fiéis na década passada.

Esses últimos dados são de grande novidade para pesquisadores da área, visto que o segmento neopentecostal <sup>16</sup>, composto pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), foi o que mais teve visibilidade e adesão de fiéis nas últimas décadas, por sua lógica de mercado e intenso proselitismo religioso. Enquanto isso, as pentecostais históricas continuaram diminuindo seu número de adeptos e as pentecostais clássicas perdiam fiéis justamente para as vertentes neopentecostais. Mas, no momento, as pentecostais clássicas, principalmente a Assembleia de Deus, aparecem como as que mais ganham fiéis. Anteriormente, ela já era considerada a maior igreja evangélico-pentecostal. No Censo 2010 registrou mais um vasto crescimento de 3,9%, passando de 8,4% em 2000 para 12,3%, isto é, cresceu 46,4% na última década. Uma das hipóteses dessa progressão é que existem no país mais de 100 vertentes<sup>17</sup> de denominações da Assembleia de Deus. Essa grande diversidade acarretaria flexibilizações de conduta entre igrejas mais conservadoras e outras mais “liberais”, como a de Silas Malafaia, “Vitória em Cristo”, segundo Marcelo Camurça. Assim, as igrejas pentecostais em geral, e em particular a Assembleia de Deus, conseguem acompanhar a “capilaridade da geografia social e a mobilidade e o trânsito de populações para lugares recônditos e inalcançáveis do país, através de organismo ágeis, múltiplos e funcionais.” (CAMURÇA 2013, p. 78/79) Desse modo, ela se insere no espaço urbano e garante opções para o pertencimento do fiel diante das várias vertentes e avança na competição do mercado religioso.

A hipótese da queda do número de fiéis da IURD é a de que isso se deve às dissidências que sofreu e desencadearam o surgimento de outras igrejas. Para Camurça (2013, p. 78) “esses grupos dissidentes passaram a ‘clonar’ o estilo e os métodos da IURD sua matriz com um considerável êxito.” Cabe lembrar que Max Weber (2007) identificara dissidências no calvinismo e constatou que as diferentes formas de ascese que eram criadas, em sua maioria, ou eram copiadas pelos movimentos ascéticos ou serviam de complemento para gerar seus princípios. Logo, desde o surgimento dos movimentos religiosos evangélicos ocorreram

---

<sup>16</sup> O IBGE utiliza “pentecostal” para se referir a essas igrejas.

<sup>17</sup> Ver fotografias de algumas delas localizadas em Uberlândia no anexo B.



dissidências que, em suas doutrinas, não são muito diferentes da igreja com a qual houve ruptura.

A primeira dissidência que se verificou entre igrejas neopentecostais mais visíveis no Brasil ocorreu no final do século passado, quando RR Soares, fundador da IURD juntamente com Edir Macedo, resolveu abandonar seu sócio e fundar sua própria igreja, a Internacional da Graça de Deus. Carlos Magno de Miranda rompeu com Macedo e fundou a Igreja do Espírito Santo de Deus. Outra cisão ocorrida foi a do pastor Valdomiro Santiago, que também era da IURD e criou a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD).

Atualmente, acontecem “dissidências das dissidências”. A primeira que ocorreu na IMPD acarretou na Igreja Mundial Renovada, criada por um ex-IMPD, a segunda foi a Templo Mundial do Resgate da Fé, também ex-membro da Mundial do Poder de Deus. Percebe-se a insistência com o termo “Mundial”, que sugere legitimidade e extensão ampla, mas questionável. Alguns estudiosos dizem que a razão da semelhança é para confundir e/ou roubar fiéis, no sentido de acreditarem que todas fazem parte de uma aliança. Pierre Bourdieu, em “Gênese e estrutura do campo religioso”, constatou que:

A estrutura dos sistemas de representações e práticas reforça sua eficácia mistificadora pelo fato de que exhibe as aparências da unidade dissimulando sob a capa de um mínimo de dogmas e ritos comuns interpretações radicalmente opostas das respostas tradicionais às questões mais fundamentais da existência. (BOURDIEU, 1974, p. 53).

Desse modo, essa seria uma das mediações que a religião exerce a fim de querer garantir uma *imposição lógica* a aspectos “opostos”, garantindo assim, uma coesão e eficácia perante os leigos. Para o autor, as dissidências se dão porque há uma contestação da hierarquia eclesiástica oriunda do conflito pelo poder no interior da igreja. Nesse sentido, as dissidências estimulam o surgimento de novas igrejas.

Como exposto, os evangélicos não determinados cresceram em uma década, com um aumento de 3,8%. Ultrapassaram o crescimento dos “evangélicos de missão”<sup>18</sup>. As pessoas que se identificam apenas como “evangélicas” sem mencionar a qual igreja pertencem ficam enquadradas nesta categoria de “evangélicos não determinados”. Camurça (2013) expõe que, para Mariano, esse fenômeno se deve a uma “privatização religiosa” e ao fortalecimento de uma religião “por fora das instituições”, o que acarreta uma diminuição do “compromisso religioso”, causando “autonomia” e “individualismo”. Mas, ainda para Camurça, esse fenômeno indica o “fim da *pertença exclusiva*”, pois estes evangélicos circulam entre variadas

---

<sup>18</sup> Esta denominação está caracterizada pelo IBGE como protestantes históricas.



opções que são oferecidas pelo universo evangélico, ou seja, para o autor ocorre um trânsito interno, que culmina em:

Ir ao culto de libertação da Iurd, participar dos eventos do “Diante do Trono” na igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte, se for jovem, frequentar a igreja “Bola de Neve” dos surfistas ou a “Sara Nossa Terra” dos artistas; no caso de ser um pequeno empreendedor, os cultos da Adhonet ou as palestras da prosperidade da igreja “Renascer em Cristo” do bispo Estevam Hernandes e da Episcopisa Sônia Hernandes... (CAMURÇA, 2013, p. 76).

Desse modo, com uma intensa diversificação plural de ofertas religiosas, aumenta a competição interna por bens religiosos. Essa competição e os modos para se exercê-la será vista com maiores detalhes no próximo capítulo. O trânsito interno, bem como as pessoas que não se identificam apenas com uma igreja, mas com várias, é que será analisado entre as igrejas “independentes” de Uberlândia. Caberia aos fiéis dessas igrejas a denominação de “evangélicos não determinados?” As pessoas que frequentam as pequenas igrejas da cidade não possuem um pertencimento exclusivo a elas?

## **2.2. Diversidade e identidade religiosa**

De acordo com Cruz (2013), diante do cristianismo e do catolicismo dominante, tendia-se pensar que a religião no Brasil era imutável, Pierucci e Prandi mostram justamente o contrário e que as mudanças ocorriam desde a segunda metade do século XX. Para eles,

O panorama religioso tem mudado não só porque há pessoas que abandonam seus deuses tradicionais laicizando suas vidas e seus valores, mas também porque há outras que em número crescente aderem a “novos” deuses, ou então redescobrem seus velhos deuses em novas maneiras. (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p.10).

Isto é, aderiam a novas religiões, novas formas de ser e estar no mundo. Mas, o mais importante é que as mudanças ocorrem no seio do cristianismo. Por outro lado, Pierucci (2004) mostra bem os limites da diversidade religiosa no Brasil, ao fazer uma análise das três principais religiões consideradas pela sociologia como tradicionais (Catolicismo, Luteranismo e Umbanda) que, para ele, mostram sérios sinais de esgotamento, como mostram últimos censos, pois a cada declínio de uma dessas religiões há, paralelamente, um avanço pentecostal, que sugere uma mudança quase unidirecional, descontado que também cresce o número dos declarantes “sem religião”.

Diante desta constatação, para tentar apreender as alterações no universo religioso, é preciso considerar também o tema da identidade. Ao tomar o indivíduo como categoria social em construção, via interação da vida social, faz-se necessário compreender as diversas formas



de interação, seu dinamismo e complexidade que caracterizam uma identidade individual. As identidades vão se definindo no contexto do movimento das culturas e da história, é no diálogo com os outros e em sua vivência no mundo que a identidade é formada. Portanto, ela não é estática, pode ser múltipla e fragmentada, não se completa, depende do que está a vir, conforme Gilberto Velho (2009).

Tomas Tadeu da Silva (2014) também considera a identidade como não sendo fixa ou estável. Para ele, identidade e diferença são conceitos criados tanto social quanto culturalmente e não se separam. A identidade não é um *dado ou um fato*, é uma construção, um processo que tem ligação com sistemas de representação e relações de poder. Ela não é “coerente, unificada, permanente. (...) Tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.” (SILVA, 2014, p. 96).

Quando se afirma ter alguma identidade, se nega outra. Demarca-se uma fronteira que, para Homi K. Bhabha (1998) é quando algo começa a se fazer existente. Existindo então uma identificação, há reconhecimento perante a identidade, vista aqui em dois sentidos: quando se identifica apenas a uma única, o que às vezes pode fomentar algum tipo de austeridade a quem não faz parte da mesma identificação e também quando se identifica de modo múltiplo, como no conceito de “identidades múltiplas”, que será visto logo abaixo.

A globalização e a fluidez das informações do mundo moderno aproximaram culturas e costumes diferentes, como também identidades diferentes. O enfraquecimento dos Estados nacionais gerou uma fragmentação das identidades nacionais e um multipertencimento das identidades individuais e grupais, segundo marcadores de gênero, étnicos, sexuais, de classe, entre outros. O sujeito não se define apenas, por exemplo, como homem ou mulher, mas, também, como branco ou negro, rico ou pobre, brasileiro ou indiano. Na religião, o sujeito não se restringe, pode frequentar uma igreja católica e também um terreiro de candomblé, ao mesmo tempo. Essas situações remetem ao conceito de “identidade múltipla”, que é resultado de encontros múltiplos dos sujeitos, posto que em cada situação ou prática sujeitos histórico-culturais interagem entre si (SANCHIS, 1997).

Sendo assim, não se pode fixar a identidade dos sujeitos em uma âncora ou mesmo em mais de uma. De acordo com Velho, a expressão *âncoras identitárias* é falha quando apresenta um caráter de inércia frente à vida social. Afirma que para pensar a identidade “sem congelar o agente individual numa postura essencialista, reveja-o na dinâmica sócio existencial” (VELHO, 2009, p. 15). Esse entendimento não-essencialista das identidades sociais pressupõe que identidades contraditórias coexistam em uma mesma pessoa, isto é, há



um multipertencimento conflituoso. Velho prefere relacionar identidade com memória, no sentido de que o sujeito tem possibilidades de reinterpretar seu passado e futuro e, daí, manter a identidade como a vivência de um processo tenso entre componentes firmados e componentes emergentes em seu modo de ser. Neste sentido, é que o trânsito religioso é trabalhado aqui, uma vez que, nossas identidades são múltiplas e fluídas.

### **2.3. Trânsito religioso**

O trânsito religioso e as dissidências não são fenômenos recentes, Weber o identificara na “Ética protestante e o espírito do capitalismo”, afirmando que:

Calvinismo e anabatismo enfrentaram-se ríspidamente no começo de seu desenvolvimento, mas tornaram-se muito próximos um do outro no seio do movimento batista do final do século XVII, sendo que já no início daquele mesmo século, nas seitas dos independentes na Inglaterra e na Holanda, o trânsito religioso entre um e outro se fazia de forma gradual. (...) As diferenças dogmáticas (...) assumiam umas as formas das outras nas mais variadas combinações e já no início do século XVII impediam de modo geral, regra essa não sem exceção, a preservação da unidade interna nas comunidades eclesiais (WEBER, 2007, p. 88).

Dessa forma, a não preservação de uma única vertente dentro de uma mesma religião, gerando outras, pode acarretar na saída da anterior e ida para a que se formou, logo causando o trânsito religioso. Esse fenômeno é estudado por vários estudiosos que buscam uma causa para ele. Almeida e Montero (2001) apontam que existe um movimento duplo quanto ao trânsito. Um se deve a circulação de pessoas pelas instituições religiosas e outro para a transformação das práticas e crenças das pertenças religiosas. Para eles, as pessoas não migram de uma religião a outra de maneira casual, vão em direções precisas, pois algumas instituições são “‘Doadoras’, enquanto outras são mais ‘receptoras’; algumas trocam adeptos entre si, enquanto em outras são as crenças que circulam mais” (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 93). Nesse sentido, pesquisaram nas décadas de 70, 80 e 90, as religiões que mais receberam e deixaram de receber fiéis. Para essa circulação foram atribuídos três vértices: católicos, sem-religião e os pentecostais, pois, como visto, esses foram os que mais tiveram alterados os números de fiéis.

Caracterizados como “doadores universais”, uma vez que vários segmentos angariam seus fiéis, os católicos foram os que mais perderam seguidores, especialmente para o pentecostalismo e os sem-religião. Estes são categorizados como “receptores universais”, pois recebem pessoas de todos os segmentos, mas cabe ressaltar que não se trata apenas de adeptos



do ateísmo, mas sim de não filiação religiosa, porque entre eles não se exclui a possibilidade de haver alguns com crenças. Os pentecostais, que compõe o terceiro vértice, pouco atraem os kardecistas, enquanto os adeptos das religiões afro-brasileiras são atraídos por serem alvos de proselitismo dos evangélicos. Contudo, o segmento em que mais obtêm fiéis é do catolicismo. Em resumo, as religiões que mais ganharam adeptos foram: pentecostais, sem-religião, protestantes históricos, católicos, kardecistas e afro-brasileiros. Enquanto os que mais perderam foram: católicos, sem-religião, os protestantes históricos, pentecostais e poucas perdas dos kardecistas e afro-brasileiros. (ALMEIDA; MONTERO, 2001).

Esses dados servem de parâmetros para termos uma noção do trânsito religioso no Brasil, mas é importante considerarmos, para além dessas informações, que há trajetórias de vida que passam por inúmeras conversões, tanto aquelas em que a pessoa muda de uma comunidade para outra, quanto conversões em que o fiel circula por diferentes credos ao mesmo tempo. Com a pluralidade de religiões, os adeptos têm sido menos fiéis a uma única crença e transitado mais entre as instituições religiosas. Geralmente, estes não ficam presos às doutrinas religiosas de uma comunidade, o que favorece o trânsito, bem como este não se dá apenas de um tipo de religião para outra, mas dentro de uma mesma religião. Neste sentido, a ideia de “conversão” como uma ruptura radical com a religiosidade vivida anteriormente é modificada para uma noção não muito rígida do fato de mudar de religião. A pessoa migra para outra experiência religiosa, mas não quer dizer que exclua a anterior, como visto no capítulo anterior.

Para Ricardo Bitun, autor da tese que analisa as rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal, com foco na IMPD, no capítulo três constata que: “O trânsito religioso ocorre pelo apelo não à conversão religiosa, mas à cura, a satisfação da necessidade instantânea, imediata. O fiel mobiliza-se todas as vezes que ocorrer o aparecimento de algo melhor às suas necessidades.” (BITUN, 2007, p. 28). Assim, o indivíduo é livre para escolher a religião que mais lhe agrada a cada momento e circunstância.

Como visto acima, o trânsito não ocorre somente com pessoas, mas também com circulação de práticas e ideias religiosas como, por exemplo, as dissidências expostas aqui. (ALMEIDA, 2004). Segundo Edênio Valle (2004), *No Brasil, que imita os evangelistas norte-americanos* surgem várias figuras carismáticas, tanto evangélicas como católicas. Estas, através da Renovação Carismática Católica (RCC), se aproximaram do pentecostalismo, usando das mesmas estratégias, a fim de conquistar fieis, enquanto a IURD se aproximou das



afro-brasileiras, principalmente da umbanda, incorporando elementos presentes nesta para seus cultos de exorcismo. Rituais como o batismo, o casamento e o funeral, até então pertencentes à Igreja Católica, foram normatizados pela umbanda, em especial o batismo, como marca de *pertencimento exclusivo a uma única fé*. Assim, o trânsito religioso está relacionado a uma intensa competição por adeptos, onde os sistemas religiosos também se modificam e inserem elementos de outras religiões nas suas práticas e/ou doutrinas.

A partir dessas mudanças, percebidas como *bricolagem*, que garante ao indivíduo opções de escolha que pode gerar o trânsito e a frequência a diversas religiões, Mariano (2010) analisa esse movimento, tendo como menção Carlos Steil (2001), observando que ele ocorre porque os brasileiros acreditam que os diversos *sistemas religiosos são complementares e não excludentes*, de modo que, juntos, eles ampliam sua eficácia e proteção. Como Citado acima, para Bourdieu é exatamente isso que as religiões esperam que aconteçam, então, no modelo brasileiro isso teria efeito, de acordo com Steil.

O *survey* realizado na RMSP, apresentado na introdução desta dissertação, constatou também que 1/3 dos evangélicos transitaram entre as denominações, principalmente as pentecostais. (ALMEIDA, 2004) Essa circulação não acarreta perda de identidade, apenas não há compromisso com uma coletividade. Trata-se de uma experiência individualizada, na qual o indivíduo pode elaborar:

Seu padrão religioso evangélico pentecostal com mais ou menos música, mais ou menos corporalidade, mais ou menos doutrina, mais ou menos moral, mais ou menos teologia, em suma, ele mesmo pode realizar a ‘calibragem’ da sua religiosidade e do seu vínculo com um grupo específico. (ALMEIDA, 2006, p. 8)

Com efeito, ele escolhe o que é melhor e tem mais eficácia para si mesmo, podendo mudar de opção caso a atual não lhe satisfaça. Assim, há uma *elasticidade no pertencimento às denominações*. Justamente por essa flexibilidade de escolha as igrejas se veem coagidas a sempre se utilizar de métodos que façam efeito na vida do adepto, de modo que permaneça, gerando assim uma concorrência dos *bens simbólicos* e adesão a mecanismos até então nunca pensados, como apresentado acima.

Essa grande quantidade de opções e, logo, intensa circulação entre elas, acarreta “zonas de transição”, nas quais aparecem novas variantes doutrinárias. Em outro estudo, Almeida problematizara sobre esse aspecto, alertando que faltam estudos no Brasil sobre “a crescente diversificação das práticas – a multiplicação das instituições – ao mesmo tempo em que há menor fidelidade a elas”, visto que os dados censitários mostram isso, bem como é perceptível num simples caminhar pelas grandes cidades, onde é possível verificar a



“profusão de locais de participação religiosa, sejam templos, terreiros, festas, lugares abertos e/ou tornados sagrados em um determinado período de tempo, entre outros.” (ALMEIDA, 2009, p. 30). Então, assim como há diversidade das alternativas, ocorre também a mobilidade de pessoas.

Para o autor, essa diversificação se reflete de modo mais intenso no contexto urbano, uma vez que este se modifica a todo o momento e, logo, exige dinamismo por parte de todas as esferas sociais. Por isso, a cidade deve ser tratada como uma variável independente que se dobra nas práticas e rotinas das religiões, isto é, cidade e religião são interdependentes. Neste sentido, será abordada aqui, mais à frente, uma breve história de Uberlândia e a configuração de seu campo religioso.

Constatou-se, então, que o trânsito religioso está intrinsecamente ligado com a circulação de pessoas, práticas e ideias religiosas que ultrapassam fronteiras institucionais consolidadas e flexibilizam o vínculo institucional. Haveria, assim, uma dilatação das opções institucionais. De acordo com Almeida e Paula Montero (2001):

Concomitante à circulação de pessoas, ocorreu também a multiplicação das alternativas religiosas, encontrando sua expressão máxima entre os evangélicos, cuja fragmentação institucional é estrutural ao seu próprio movimento de expansão. Nesse processo sempre renovado de divisão por “cissiparidade”, as denominações continuamente dão origem a novos grupos. (ALMEIDA, R.; MONTERO, P., 2001, p. 92)

Desse modo, em todo o Brasil, até mesmo em cidades pequenas, as novas denominações expressam uma pluralidade de instituições, que pode ser encontrada também em Uberlândia, como foi confirmado em pesquisa de campo preliminar, como visto na introdução.

Almeida (2004) também analisou o trânsito religioso e as variedades religiosas quanto a classes sociais na RMSP. Foi concluído que a mudança religiosa incluiu todos os extratos sociais, mas foi intensificada nas camadas baixa e médias baixas, principalmente entre os pentecostais e os “sem religião”. Quanto à distribuição espacial do crescimento dos afiliados às denominações evangélicas, segundo Cesar Romero (2003), os dados referentes, mostram que, desde os anos 90, a expansão evangélica é maior nas periferias metropolitanas, onde se concentram as classes sociais mais empobrecidas, excetuando as cidades da região Nordeste do país, onde o catolicismo permanece dominante. Mas a expansão evangélica ocorre também de forma notável nas demais regiões, conforme a mesma fonte. Enfim, a expansão religiosa evangélica ocorre mais acentuadamente entre as classes populares urbanizadas nas metrópoles



ou nas pequenas e médias cidades das fronteiras de expansão econômica, principalmente entre os grupos mais empobrecidos.

De posse dos dados censitários 2010, Camurça observa que o decréscimo dos católicos e o crescimento dos evangélicos estão associados às áreas da periferia metropolitana, uma vez que, nestas, há diversos templos evangélicos distribuídos nos bairros, enquanto, muitas das vezes, há apenas uma igreja católica em todo setor. O autor destaca que a “estrutura eclesial católica centralizada e burocrática centrada nas paróquias, não consegue acompanhar a mobilidade dos deslocamentos populacionais como as ágeis redes evangélicas.” (CAMURÇA, 2013, p. 72) Dessa forma, as redes evangélicas vão conseguindo adeptos devido à fácil acessibilidade de frequentar alguma igreja e também, conforme Almeida (2004), porque elas atuam de forma que reforçam os laços de confiança e fidelidade entre os fiéis, aumenta a autoestima pessoal, inclusive dando força para que a pessoa abra seu próprio empreendimento e consiga prosperar economicamente.

A associação da religião com a pobreza vem sendo muito criticada, principalmente quando vincula o crescimento dos evangélicos com o processo de industrialização e migração do rural para o urbano. Especialmente os antropólogos dos anos 80 atribuem essa associação a uma visão funcionalista, contudo, como mostram as pesquisas, o pentecostalismo continua crescendo entre pessoas da camada média baixa do solo brasileiro. Mariano (2011, p. 23) sintetiza bem essa questão, esclarecendo que:

Não há dúvida de que o pentecostalismo cresce na pobreza ou na base da pirâmide socioeconômica. Contudo, cabe fazer um parêntese para enfatizar que a pobreza e a privação social não explicam a expansão pentecostal. Elas não criam nem expandem a necessidade de as pessoas aderirem especificamente ao pentecostalismo. Este não pode ser interpretado como mera “resposta” a fenômenos socioculturais, econômicos etc. Para compreender por que o pentecostalismo cresce mais entre os estratos pobres e socialmente mais vulneráveis da população do que as religiões concorrentes, cumpre investigar, entre outras coisas, como ele se organiza para convertê-los, o que lhes promete e oferece, como se vincula a seus interesses materiais e a suas visões de mundo, que estratégias emprega para atraí-los, recrutá-los, mobilizá-los e cativá-los. Em suma, cabe investigar por que esse movimento religioso é mais eficiente que seus concorrentes no recrutamento dos estratos pobres.

Em Uberlândia, encontra-se grande quantidade de templos religiosos nas periferias da cidade. No capítulo 3 há uma análise mais aprofundada sobre esses aspectos.



## 2.4. Religião e Cidade

Segundo Bourdieu (1974), com o advento das cidades, surge e se desenvolvem concomitantemente, as religiões universais, como o cristianismo e o judaísmo. Indo ao encontro da teoria de Karl Marx, o sociólogo retoma a observação de que a divisão do trabalho intelectual e material fundou-se da separação entre campo e cidade. Desse modo, foram modificadas as relações econômicas, sociais, políticas e religiosas, expandiu-se o artesanato, o comércio e a visão de mundo dos camponeses. Com a urbanização, houve distanciamento do contato das pessoas com a natureza, bem como com as explicações míticas que esta oferecia a todos. Assim, houve racionalização das práticas religiosas.

Para Bourdieu, o maior mérito de Weber foi haver salientado o fato de que a urbanização contribui para a “racionalização” e para a “moralização” da religião apenas na medida em que a religião favorece o desenvolvimento de um corpo de especialistas incumbidos da gestão dos bens da salvação e que:

A racionalização da religião possui sua normatividade própria sobre a qual as condições econômicas podem agir apenas como ‘linhas de desenvolvimento’, estando ligada, sobretudo ao desenvolvimento de um corpo especificamente sacerdotal. (BOURDIEU, 1974, p. 36).

Tendo em vista que as religiões possuem um corpo sacerdotal racionalizado e hierárquico (o que será analisado no capítulo 3), almeja-se nesta parte da dissertação analisar as relações internas do campo religioso e de que forma ele está se modificando cada vez mais pela atuação das igrejas evangélicas. Tomando a cidade de Uberlândia, que sofreu um rápido processo de urbanização, como cenário desse acontecimento, cabem as seguintes indagações: Por que a quantidade de templos evangélicos nessa cidade supera a média nacional?<sup>19</sup> Os evangélicos se sentem mais acolhidos nessa cidade? Que mudanças houve na sociedade uberlandense a partir da expansão desses templos?

A cidade de Uberlândia está localizada na região no Triângulo Mineiro, a Oeste do Estado de Minas Gerais. Atualmente, possui 662.362 habitantes e uma área de 4.115.822 km<sup>2</sup>.

---

<sup>19</sup> O Professor de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, João Fernandes da Silva, fez um trabalho de mapeamento da cidade e constatou que “o índice de evangélicos em Uberlândia é superior ao da média nacional. Na cidade são mais de 150 mil evangélicos distribuídos em 1000 templos, em diversos bairros da cidade.” Ver: UIPI. **Cresce o número de fiéis evangélicos em Uberlândia.** Disponível em: <<http://uiipi.com.br/destaques/destaque-1/2013/07/24/cresce-o-numero-de-fieis-evangelicos-em-uberlandia/>> Acesso em: 24 jul. 2015



É a segunda cidade do Estado em termos populacionais e econômicos, ficando atrás da capital Belo Horizonte, que está aproximadamente a 600 km de distância. A cidade possui uma localização que favoreceu muito seu crescimento. Com sua economia fortemente ligada ao fluxo de produtos oriundos de São Paulo, maior centro econômico do país, a cidade do triângulo recebeu muitos investimentos públicos e privados desde os anos 50 do século XX. Mas muito antes a cidade apresentou sinais de que teria importância no cenário regional. Em 1909, foi instalada uma usina hidroelétrica e posteriormente, em 1912, uma rodovia interestadual quando a maior parte do transporte de cargas ainda se dava por ferrovias. O desenvolvimento do sistema rodoviário no entorno da cidade foi o fator que mais corroborou para seu crescimento. Desse modo, Uberlândia polarizou trocas importantes de mercadorias entre o Triângulo Mineiro, São Paulo, Goiás e Mato Grosso.

Outro aspecto importante em seu crescimento econômico foi o fornecimento de energia elétrica para as indústrias. Assim, foram surgindo pequenas fábricas, de móveis, cerâmicas, curtumes, para *transformação de produtos agropecuários*, entre outros empreendimentos econômicos (MESQUITA; ANDREOZZI, 2009). Para a instalação das indústrias foram escolhidos locais próximos às saídas da cidade, a fim de facilitar a transição dos produtos. Por volta de 1930, as ruas do centro da cidade contavam com intensa movimentação comercial e de serviços públicos e privados e nelas também se encontravam as residências dos segmentos sociais mais abastados. Por seu lado, as moradias dos trabalhadores deram origem a bairros que foram denominados vilas operárias que, em 1930, não contavam com luz elétrica, esgoto e água (SOARES, 1988). Nessas vilas se configurou certa segregação sócio espacial na cidade, que se reproduziu em sua expansão urbana até o presente.

Nas últimas quatro décadas, a cidade recebeu grande número de imigrantes em maioria oriundos do campo, que vieram buscar empregos em suas fábricas e em outras atividades econômicas. Com isso, foram criados vários bairros novos com moradias para os trabalhadores, ampliando o espaço urbano. Geralmente situados longe dos locais de trabalho, não demorou para que nesses bairros se manifestassem os sinais de segregação sócio espacial dos serviços públicos e a desigualdade social, problemas próprios da urbanização periférica.

Esse processo de urbanização em Uberlândia não é muito diferente do que aconteceu em outras cidades no Brasil que tiveram seu crescimento baseado no capitalismo industrial. Com o crescimento populacional acelerado, a estrutura urbana não conseguiu acompanhar o processo de expansão econômica, gerando desigualdade e segregação. Desse modo, houve uma grande expansão dos condomínios fechados, espaços fechados e privados, os chamados



“Enclaves fortificados”, conforme denominação de Teresa Pires do Rio Caldeira (2000). A consequência desses novos padrões residenciais constitui-se em um novo padrão de segregação urbana. Com a aproximação entre ricos e pobres nas cidades, os mais abastados não contentes com a situação e sentindo-se ameaçados objetivaram distanciar-se dos menos favorecidos.

Vivendo sob uma estrutura rígida de segurança, procuram se distanciar do crime e da violência e se isolam de outros grupos sociais, criando uma situação de homogeneidade. Em Uberlândia, esses “enclaves” encontram-se afastados do centro da cidade, mas em áreas valorizadas, como o bairro Morada da Colina, onde se localiza o Uberlândia *Shopping* e o Centro Universitário do Triângulo (UNITRI).

Nessas áreas não são encontradas muitas igrejas. São locais mais residenciais. A predominância delas ocorreu em bairros periféricos, como será visto adiante. Em muitos deles a infraestrutura é bastante precária e não há espaços de lazer.

Entre os grupos dominantes que mais se beneficiaram com o surgimento de novas áreas urbanas se encontram as empresas imobiliárias. Várias delas lotearam os bairros: Dona Zulmira (1954), Pampulha (1953), parte do Bairro Saraiva (1953), Bairro Bom Jesus (1956), Vila Maria (1966), atual Bairro Pacaembu, Jardim Brasília (1966), Maravilha (1966), Santa Mônica (1964), e os loteamentos que deram origem ao Roosevelt (1969), Jaraguá (1964), Jardim Califórnia (1966) e Marta Helena (1967), todos situados no entorno da área central da cidade, mas, inicialmente, criados depois de grandes áreas vazias, reservadas para especulação futura.

Nas duas últimas décadas, aumentou muito a demanda por moradias e várias áreas da cidade foram ocupadas por trabalhadores sem teto, que criaram bairros sem qualquer recurso de infraestrutura. Desse modo se formou a segregação espacial e residencial na cidade. As empresas imobiliárias atuaram como agentes da organização espacial de Uberlândia, especialmente na formação da periferia, proporcionaram infraestrutura adequada nas regiões mais centrais, enquanto muitas outras áreas não tinham sequer infraestrutura básica. Na década de 80, as periferias passaram por mudanças, como a autoconstrução<sup>20</sup>. Esta foi a maneira encontrada pelos trabalhadores que não se enquadravam nos programas habitacionais. Assim, muitos compram os terrenos e constroem suas casas aos poucos, geralmente nos finais de semana, enquanto cobram do poder público para que os

---

<sup>20</sup> Essa atividade foi encontrada em vários bairros pesquisados. Foi grande a quantidade de casas que havia tijolos ou areia em suas portas. No final de semana, foi visto a reforma sendo realizada. Essas residências encontram-se em bairros afastados, periféricos da cidade.



*equipamentos públicos sejam instalados*. Alguns bairros da cidade surgiram dessa forma, como o bairro Aclimação, Nossa Senhora das Graças, Maravilha, Santo Inácio, Laranjeiras, Jardim Canaã, Tocantins e outros.

Mesmo com a intensa desigualdade social, Uberlândia difundia uma imagem de cidade progressista e almejava se tornar moderna, alguns fatores cooperaram para isto, como projetos de urbanização, instalação do distrito industrial, edificação da universidade federal (JUNQUEIRA, 2012) e também:

A organização espacial influenciada pela industrialização estabelecida nas duas primeiras fases da economia industrial, fez com que Uberlândia se colocasse a frente de outros municípios da região, fator ao qual, permitiu com que essa cidade pudesse aproveitar mais intensamente os momentos de euforia da economia brasileira que viria principalmente no final da década 1950 com a terceira fase de industrialização e com o processo de desconcentração industrial a partir de 1970. (MESQUITA; ANDREOZZI, 2009, p. 142)

Com a criação da Universidade Federal de Uberlândia, dois bairros onde se instalaram seus *campi* (Santa Mônica e Umuarama), receberam instalações necessárias para atender ao público acadêmico, o que acabou por beneficiar, também, as áreas de sua proximidade, incluindo os bairros Saraiva, Cazeca e Tibery, Custódio Pereira, Brasil e Marta Helena. Assim, o desenvolvimento da cidade é marcado por grandes contradições. Nos anos 70, enquanto se desenvolviam essas áreas e a especulação imobiliária aumentava, bem como eram construídas áreas de lazer, como o Parque do Sabiá e novas avenidas centrais, as periferias iam se expandindo em condições precárias (MOURA; SOARES, 2009).

Ainda segundo as autoras:

A expansão territorial constante da periferia urbana produz, de acordo com Sposito (1999), um crescimento territorial urbano que ocorre por meio da produção de novas localidades urbanas, que são valorizadas de acordo com os interesses dos agentes modeladores do espaço, ou seja, enquanto uma área é loteada na periferia urbana, outra área, entre o novo loteamento e a área central, fica à espera de valorização (infraestrutura e serviços), formando o que se denomina de “vazios urbanos”. Assim, tem-se a formação de uma periferia que surge e se expande de forma desordenada, criando uma imagem de “caos” para a cidade, pois, normalmente, não segue nenhum padrão de construção que suavize a imagem desse espaço urbano fragmentado e hierarquizado, com exceção dos conjuntos habitacionais, que produzem uma imagem homogênea na paisagem urbana. (MOURA; SOARES, 2009, p. 25)

Neste sentido, a realidade uberlandense não está muito distante do que se vê nas cidades médias e em algumas capitais do país.

Atualmente a cidade, possui cinco distritos: Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga, Olhos d’Água e Tapuirama e 86 bairros, distribuídos por cinco regiões: Região Central, Zona Leste, Zona Oeste, Zona Sul e Zona Norte. Trata-se, portanto, de um município

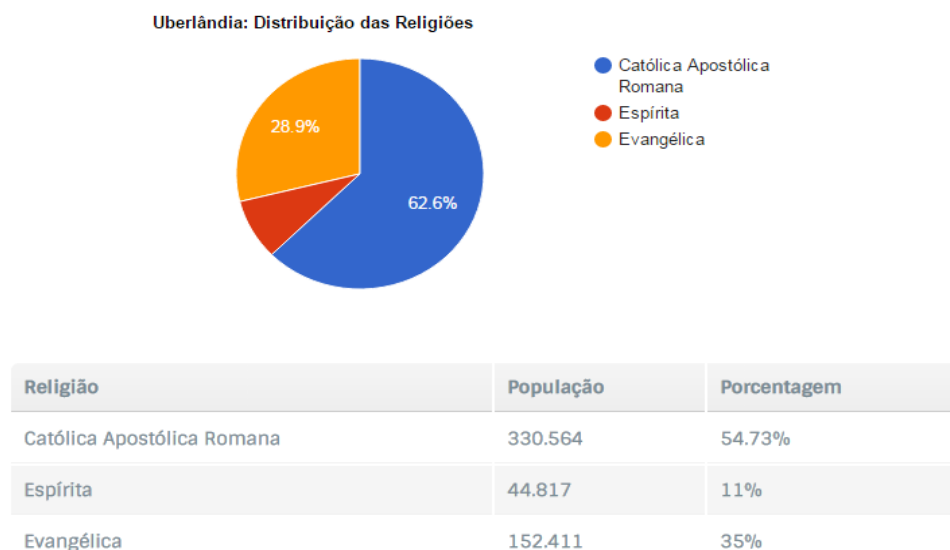


com estrutura urbana dotada de alguma complexidade, não apenas por conta de suas atividades econômicas.

Na esfera religiosa, a cidade apresenta a mesma diversidade observada para o todo da sociedade brasileira e abordada anteriormente, sendo composta por: católicos, evangélicos, espíritas, afro-brasileiros, budistas, religião de origem japonesa (*Perfect Liberty*), hinduístas, islamistas, judeus, testemunhas de Jeová, tradições esotéricas e indígenas. De acordo com o censo 2010, o número de católicos em Uberlândia era de 325.475 que, em 2010, passaram para 330.564, ou seja, 54,73%. Diferentemente do censo Brasil, nesta cidade os católicos cresceram. Mas não só eles, pois o crescimento mais significativo foi o de evangélicos, que, em 2000, eram 84.083 e em 2010 passaram para 152.411. Só os pentecostais são 86.201. Abaixo se encontra o gráfico com as porcentagens das três maiores religiões da cidade.

### Distribuição das Religiões de Uberlândia

No Censo 2010 foram avaliadas as religiões, distribuídas em religião católica apostólica romana, espírita e evangélicas.



Fonte: [http://populacao.net.br/populacao-uberlandia\\_mg.html](http://populacao.net.br/populacao-uberlandia_mg.html)

Então, os evangélicos representavam 35% da população em 2010. Entretanto, em termos de quantidade e criação de novas igrejas, estão disparados em relação aos católicos. Como apresentado na introdução, na pesquisa inicial para este estudo, foram mapeadas instituições religiosas de 20 bairros da cidade, sendo eles: Região Central: Centro; Zona Leste: Santa Mônica, Segismundo Pereira, Alvorada, Morumbi, Dom Almir, Jardim Sucupira, Joana Darc, Celebridade, Jardim Prosperidade, São Francisco e Alto Umuarama II; Zona Sul:



Laranjeiras, Jardim Botânico, Jardim Gravatás, Jardim Granada; Zona Norte: Minas Gerais; Zona Oeste: Jardim Patrícia, Jardim Canaã, Mansour. O mapeamento ocorreu em outubro/novembro de 2014 e julho de 2015. A lista das instituições presentes nesses bairros aparece no ANEXO A.

O bairro Morumbi possui igrejas com denominações variadas em número considerável. De acordo com o Censo 2010, há uma população de 18.004 habitantes. No seu início, foi ocupado de maneira irregular, o que acarretou demora em conseguir infraestrutura adequada e ainda hoje não é bem tratado pelo poder público, pois facilmente se encontram pelo bairro entulhos de lixo, sujeira pelas ruas e má iluminação. Em seu lado Oeste, encontram-se bairros ainda mais precários, que se formaram por ocupações irregulares, feitas por trabalhadores dos mais empobrecidos. No Morumbi, no total, foram encontradas vinte e oito igrejas<sup>21</sup>. Dentre estas, 25 evangélicas, sendo 13 pentecostais clássicas, 3 neopentecostais e 9 independentes; 2 comunidades Yehoshua e 2 igrejas católicas. Em números relativos, temos que: 89,3% dessas instituições são de igrejas evangélicas. Dentre elas, com 25 igrejas, 52% compõem o universo do pentecostalismo clássico, 36% as independentes, enquanto 12% são as neopentecostais. No universo total, as católicas e as comunidades Yehoshua representam apenas 7,1% cada.

No Jardim Sucupira, bairro próximo ao Morumbi, foram constatadas 9 instituições religiosas, sendo 7 igrejas evangélicas, 1 salão do reino das Testemunhas de Jeová e 1 Igreja Católica. Dentre as evangélicas, 5 são independentes e 2 pentecostais clássicas, o que em porcentagens representam 71,43% e 28,57%, respectivamente.

Os bairros Dom Almir, Jardim Prosperidade, São Francisco, Joana D'arc e Celebridade compõem o conjunto de bairros desta região da cidade, chamado de “Complexo Integração”. Na maioria, foram ocupados de modo irregular e só foram reconhecidos recentemente. No Dom Almir se localiza o presídio Professor Jacy de Assis e grande parte de seus moradores, assim como dos bairros próximos são parentes de presos do sistema penal. Segundo o depoimento de um morador do bairro Dom Almir, a prefeitura de Uberlândia, assinou contrato para pavimentar as ruas do bairro em 2013, depois de 20 anos de sofrimento com a poeira no período seco e com o barro das épocas de chuva. Ainda hoje há várias ruas não asfaltadas. No bairro Celebridade, a situação também é crítica. Apenas em 2013 a prefeitura instalou ramais de rede de esgoto do Departamento Municipal de Água e Esgoto

---

<sup>21</sup> Após a pesquisa de campo, constatou-se mudança nas igrejas, em que algumas fecharam e outras foram abertas, porém os dados do segundo capítulo foram atualizados e no geral de todos os bairros temos que: 18 igrejas fecharam e 23 foram abertas.



(DMAE). Antes disso os moradores eram obrigados a utilizar *fossas sépticas ou um poço para destinar os efluentes*. Também não há acesso fácil a linhas de ônibus em todo o conjunto desses bairros. Diante desses percalços, da precariedade da infraestrutura e da baixa qualidade de vida nesses bairros, não surpreende que sua população pareça ser dotada de grande fé, tendo em vista a quantidade de instituições religiosas presentes nestes. A maioria destas é composta por igrejas evangélicas.

Em resumo, como se observa pelo ANEXO A e no ANEXO F, no Bairro Dom Almir encontram-se 12 instituições, todas evangélicas. Dentre elas, 5 são pentecostais clássicas, 5 independentes, 1 protestante histórica e 1 neopentecostal. Em números relativos: 41,6%, 41,6%, 8,3% e 8,3%, respectivamente. No Jardim Prosperidade são 16 igrejas, uma católica e as demais evangélicas. Estas são compostas por 12 pentecostais clássicas e 3 independentes, isto é, 80% e 20%, respectivamente. No total, a igreja católica representa 6,25%, enquanto as evangélicas 93,75%. No São Francisco constata-se 4 igrejas evangélicas, 1 independente (25%) e 3 pentecostais clássicas (75%). No Joana D'arc há 1 centro espírita, 1 igreja católica e 19 igrejas evangélicas, sendo 8 independentes, 9 clássicas e 1 protestante histórica, sendo que estas representam: 42,10%, 47,36% e 5,26%. Apenas uma igreja evangélica de denominação pentecostal clássica foi encontrada no bairro Celebridade.

Nota-se que, dos cinco bairros que compõem o Complexo Integração, apenas no Jardim Prosperidade há igreja Católica e no Joana D'arc um centro espírita. Nos outros 3 bairros há exclusividade de igrejas evangélicas, com predominância da vertente pentecostal clássica, em sua maioria composta pelas Assembleia de Deus. Somados os 5 bairros temos 30 igrejas clássicas, seguidas das independentes com 17, protestantes históricas com 2 e 1 neopentecostal. O bairro Joana D'arc se destaca com mais igrejas no Complexo Integração.

No setor oeste da cidade, foram pesquisados os bairros Jardim Patrícia, Mansour e Canaã. O primeiro se caracteriza por ser bairro residencial e comercial relativamente bem organizado na infraestrutura, por resultar de loteamento regular destinado a segmentos da classe média, como se pode notar pelo padrão de qualidade das moradias. Neste mesmo bairro, as igrejas estão concentradas em avenidas, geralmente ao lado de cômodos comerciais. Foram constatadas 9 instituições, sendo 1 católica e 8 evangélicas. Dentre estas, 4 são pentecostais clássicas, 3 independentes e 1 neopentecostal, ou seja, 44,4; 33,3 e 11,1%, respectivamente. No Mansour, bairro também ocupado regularmente, mas destinado a moradias populares, encontra-se um pouco mais de igrejas. Evangélicas são 15, sendo que as



Clássicas somam 11 (73,3%) e as Independentes são 4 (26,6%). Há um centro espírita e uma igreja católica.

O Jardim Canaã possui uma singularidade. Antigos moradores relataram ao portal de notícias do G1<sup>22</sup> que o loteamento do bairro foi feito por alguém que era ligado à religião evangélica. Não há documentos que comprovam tal feito, mas a religiosidade faz-se presente no bairro, pelo próprio nome, bem como os de suas ruas e avenidas que são referenciados na Bíblia. Outra marca da forte presença da religião no bairro é que em quase toda esquina encontra-se uma igreja evangélica. Foram averiguadas 38 igrejas, sendo duas católicas e 36 evangélicas, das quais 23 são pentecostais clássicas, 8 independentes, 3 neopentecostais e 2 protestante histórica. Respectivamente, correspondem a 63,8%, 22,2%, 8,3% e 5,5%.

Na Zona Sul, entre os bairros pesquisados, o que mais se destacou foi o Laranjeiras, com 41 instituições religiosas, sendo 3 centros espíritas, 2 igrejas católicas, 1 salão das Testemunhas de Jeová e 35 evangélicas, com estas representando 85% do universo total. Dentre estas, 23 são pentecostais clássicas e 12 independentes. No conjunto das evangélicas, representam em porcentagem: 65,71% e 34,28%.

Os bairros Jardim Botânico, Jardim Gravatás e Jardim Granada são muito próximos e em algumas ruas não há placas, o que dificultou a separação de instituições entre eles. Então, elas foram agrupadas juntas nos três bairros. Foram registradas 14, sendo 1 centro espírita e 13 evangélicas, das quais 8 (61,53%) são clássicas, 3 (23,1%) independentes e 2 (15,38%) protestantes históricas.

No setor Norte foi pesquisado o bairro Minas Gerais e as proximidades, como o Alto Umuarama II, que mesmo estando no setor Leste é próximo àquele bairro. Foram constatadas 13 instituições, sendo dois centros espíritas, uma igreja católica e 10 evangélicas, em que 8 são pentecostais clássicas e 2 independentes. Em porcentagem: 80% e 20%.

A zona central da cidade é composta por vários bairros, como Centro, Fundinho, Nossa Senhora Aparecida, Martins, Osvaldo Rezende, Bom Jesus, Brasil, Cazeca, Lídice, Daniel Fonseca e Tabajaras. A formação inicial de Uberlândia ocorreu no bairro Fundinho, que foi fundando em torno da antiga Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo. Em 1943, esta foi demolida para ser instalada a estação ferroviária, que permaneceu por lá até a década de 70, depois foi transferida para o atual Terminal da cidade. Com o crescimento da urbe, as áreas centrais se ampliaram e na área denominada “Centro” concentram-se as atividades comerciais. Foi este o setor pesquisado, mas também foram anotadas algumas igrejas nas

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/11/bairro-canaa-revela-particularidades-nesses-mais-de-20-anos-de-existencia.html>> Acesso em: 25 ago. 2015



proximidades, como as do Bairro Nossa Senhora Aparecida, Martins e Brasil, até os limites das divisas desses bairros com a periferia. Assim, neles foram constatadas 21 instituições, 2 centros espíritas, 2 igrejas católicas, 1 religião de origem japonesa e 16 evangélicas, sendo que 7 são pentecostais, 2 independentes, 3 neopentecostais e 4 protestantes históricas. No conjunto, tem-se 76,19% de igrejas evangélicas. Dentre estas, 43,75% são pentecostais clássicas, 12,5% são independentes, 18,75% são neopentecostais e 25% protestantes históricas. Portanto, nas proximidades do Centro, em bairros relativamente grandes e densos em população, como nos casos dos bairros Aparecida, do Martins e do Brasil notou-se número maior de igrejas. Como não foi possível pesquisar todos os bairros da cidade, pressupõe-se que, somados aos bairros pesquisados da periferia, a pesquisa é bastante representativa da presença dos mais diversos templos e crenças religiosas na cidade.

A organização institucional das diversas igrejas evangélicas de Uberlândia é bastante considerável, pois a cidade possui há 28 anos o Conselho dos Pastores (CONPAS). Suas reuniões são realizadas na Igreja Sal da Terra<sup>23</sup> do bairro Daniel Fonseca, com objetivo de se reunirem para fortalecer seus ministérios, e também “representar os pastores perante a sociedade e autoridades estabelecidas, além de servir de plataforma para ações comuns da igreja na cidade”, de acordo com o presidente pastor Valdir Moraes da Costa<sup>24</sup>. Nos encontros não são discutidas doutrinas, mas os participantes buscam maneiras de encorajar todos no serviço a Deus. Os pastores que compõem esse conselho são de igrejas com números relevantes de fiéis e reconhecidas socialmente, contudo aceitam a participação de pastores pertencentes a igrejas menores.

Segundo o site da Igreja Metodista, no começo de 2014 houve uma reunião do CONPAS que teve a presença do prefeito de Uberlândia, Gilmar Machado. Como visto, ele pertence à igreja Batista, mas nenhuma informação foi dada sobre o porquê da sua presença na reunião. Além do prefeito, temos 11 vereadores de 27<sup>25</sup> que são evangélicos. As denominações variam entre: Assembleia de Deus Missão, Batista, Universal, Shalom, Igreja Cristã, Peniel, Presbiteriana e Sal da Terra. O fato de a cidade ter tamanha representação pública evangélica influencia em suas ações, como a da isenção do IPTU a templos religiosos, explicitado aqui.

Em suma, a partir do mapeamento das instituições religiosas em Uberlândia para este trabalho, foram encontrados 310 templos religiosos, com a seguinte composição: 22 templos

<sup>23</sup> Há pouco tempo as reuniões ocorriam na Igreja Metodista Renovada

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://coerenciacrista.com/2014/02/16/entrevistapastorvaldir/>> Acesso em: 5 ago. 2015

<sup>25</sup> Dois deles afirmaram que vão a duas igrejas, católicas e evangélicas. Um frequenta a igreja católica e maçonaria ao mesmo tempo.



da igreja católica, 12 centros espíritas, 4 salões dos Testemunhas de Jeová, um terreiro de umbanda, duas comunidades Yehoshua, uma religião de origem japonesa e 271 templos evangélicos. Com esses dados pode-se afirmar que o catolicismo não consegue acompanhar a dinâmica de expansão dos evangélicos, como ressaltado por Camurça e conforme abordado no tópico 2.3. Então, Uberlândia compõe consideravelmente o cenário religioso de crescimento dos evangélicos, assim como na maioria das cidades brasileiras.

O bairro com maior quantidade de templos foi o Santa Mônica. Com uma população de 35.737 habitantes, considerado o maior bairro da cidade, conta com 58 instituições religiosas. Trata-se de um bairro bastante heterogêneo quando se toma sua configuração social pelos padrões variados de moradias. Nas áreas mais próximas do *campus* da Universidade predominam prédios de apartamentos ocupados por segmentos da classe média, mas também são encontradas desde habitações rústicas e precárias até mansões de luxo. Contíguo ao Santa Mônica está o bairro Segismundo Pereira, situado na periferia e também mapeado na pesquisa, cujas características são próprias dos bairros populares. Sendo um bairro menos extenso, apresentou número menor de templos, mas, mesmo assim, também diverso em denominações religiosas. O segundo bairro a compor quantidade maior de instituições foi o Laranjeiras, com 41 templos, seguido pelo Canaã com 38. Nesses 3 bairros com números maiores de templos, os de evangélicos superam em muito os católicos. No total dos três bairros são 12 igrejas católicas para 116 evangélicas.

Interessante notar que as igrejas evangélicas possuem aspectos comuns em sua arquitetura. Muitas se encontram em prédios, salões e cômodos simples, muitas vezes assemelhados a um local comercial. Outra característica é que maioria delas está localizada próxima a salões de beleza, supermercados, sacolão de fruta, lojas de roupa, academias e/ou bares. Como se pode ver abaixo:



Fotografia 1 - Igreja Pentecostal Jesus Cristo Vive em Mim localizada no bairro São Francisco<sup>26</sup>



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Fotografia 2 – Igreja Evangélica Cristo para Todos



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 3 – Igreja Missionária Caminhando com Jesus no bairro Morumbi

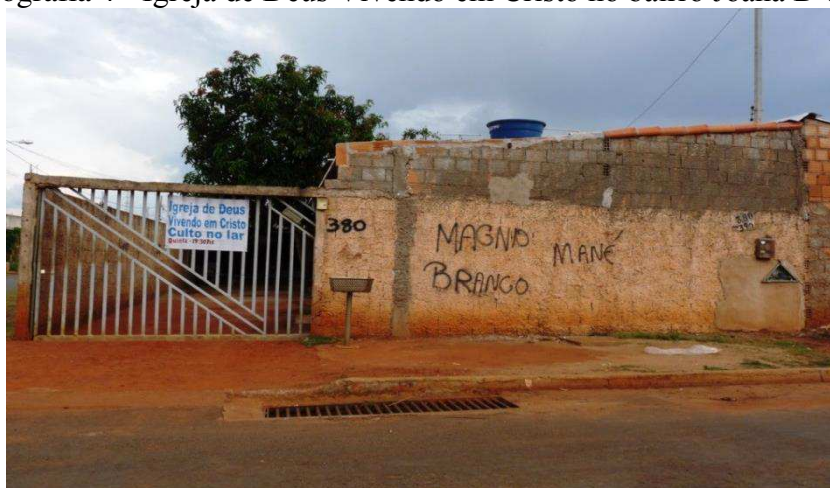


Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

<sup>26</sup> No decorrer da pesquisa essa igreja foi fechada



Fotografia 4 - Igreja de Deus Vivendo em Cristo no bairro Joana D'arc<sup>27</sup>



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Fotografia 5 - Igreja Evangélica Palavra de Jesus Cristo no bairro Morumbi



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

<sup>27</sup> Idem ao anterior



Fotografia 6 – Igreja Pentecostal Jesus é a Vitória no bairro Mansour



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Fotografia 7 – Ministério Pentecostal Rocha Eterna no bairro Morumbi



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 8 – Igreja Nova Revelação no bairro Minas Gerais.



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



Fotografia 9 – Igreja Pentecostal Passo a Passo com Jesus no bairro São Francisco



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 10 – Igreja Evangélica Jesus é o Poder no bairro Canaã



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 11 – Igreja Casa de Oração localizada no bairro Minas Gerais



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



De acordo com Roberto Lobato Corrêa (1993), a localização das igrejas evangélicas próximas a esses locais comerciais se deve ao fato de haver grande circulação de pedestres e automóveis, o que possibilita melhor visibilidade e pode vir a gerar crescimento das igrejas. O autor diz que há um processo de coesão em áreas urbanas que faz com que diferentes atividades fiquem localizadas em determinado espaço. É como se quando o consumidor vai adquirir algo indo até um estabelecimento comercial, pudesse ser despertado nele vontades e desejos de outros produtos, até mesmo o religioso. Pelo fato das igrejas se localizarem em cômodos comerciais simples a coesão com outros estabelecimentos fica mais fácil de ocorrer.

Todas as igrejas das fotografias acima são “independentes”, de acordo com a definição exposta anteriormente. Geralmente, se encontram nas principais avenidas ou esquinas no interior de bairros periféricos, os quais possuem infraestrutura precária, com algumas ruas não asfaltadas, cheirando a esgoto. No cotidiano do bairro é possível ver meninos brincando, algumas pessoas sentadas nas portas de suas casas, senhores nos botecos e mulheres cuidando da estética em salões de beleza. Em dois dias da semana que ocorreu o mapeamento de igrejas nesses bairros, duas estavam abertas. Mesmo de longe, era possível perceber que estavam funcionando, pelo som de canções e pessoas orando e cantando, geralmente mulheres e senhoras, dentro do templo. Em meio a esses barulhos, ouvia-se o som de carros, pessoas conversando na rua e o agito do comércio.

Essas igrejas estão instaladas em casas residenciais, sobrados ou em cômodos pequenos, diferentemente de templos como da Igreja Pentecostal Clássica Congregação Cristã do Brasil, com seu modelo arquitetônico típico. Sobre essas características do *espaço cúltico*, Campos (1997, p. 119) constata que: “O pentecostalismo, salvo exceções, fez com que o espaço de culto abandonasse a arquitetura gótica ou rebuscada e se instalasse em antigas garagens, lojas comerciais e desativados galpões industriais, comerciais ou áreas de lazer.”. Com isso, apenas no seu interior o templo torna-se um espaço sagrado para os administradores dessas igrejas, não importando se, anteriormente, o lugar era ocupado por lojas, açougues, cinemas ou bares. Entretanto, segundo o depoimento de um pastor citado por Campos, somente no momento do culto é necessário ter seriedade, pois antes do seu início as pessoas podem conversar e rir; o que ele almeja é que elas se sintam à vontade em estar no templo. Assim, percebe-se que não há importância se a igreja é pequena, está em construção ou não possui características rebuscadas, o que realmente importa é haver culto em que todos se sintam acolhidos.

Ainda conforme Campos sobre a arquitetura dos templos da IURD, afirma que:



Os templos iurdianos extremamente se assemelham muito mais a um salão comercial, cinema ou teatro do que aos modelos arquitetônicos de um templo católico ou protestante. Na sua fachada nunca falta um amplo painel, contendo em letras góticas, o moto da Igreja: “Jesus cristo é o Senhor”, e logo abaixo: “Igreja Universal do Reino de Deus”. Ao lado, o insubstituível símbolo iconográfico, um coração vermelho e dentro dele uma pomba branca em pleno voo, ambos estilizados. (CAMPOS, 1997, p. 75 e 76)

Essas características foram encontradas nos templos das igrejas do segmento neopentecostal da IURD em Uberlândia. As fotos abaixo ilustram as particularidades dessa igreja ressaltadas por Campos.

Fotografia 12 - Igreja Universal do Reino de Deus localizada na Avenida João Naves de Ávila



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 13 - Igreja Universal do Reino de Deus localizada no bairro Dom Almir



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Assim, pode-se afirmar que não há um padrão predial nessas igrejas, uma vez que suas aparências podem variar, tanto na construção como no modo de se apresentar suas fachadas.



A primeira fotografia é a sede matriz da IURD em Uberlândia. Percebe-se que sua estrutura é mais elaborada e monumental que a da igreja da foto de número 2. A matriz se assemelha a um teatro, enquanto a outra igreja é sua filial em um bairro de periferia e possui aspecto de salão comercial. A matriz está localizada em uma das avenidas centrais da cidade, enquanto a igreja do bairro está ao lado de um salão de beleza que ao mesmo tempo é uma loja de roupas e tem próximo um estabelecimento de venda de produtos de pesca e ração para animais.

Os templos evangélicos estão compostos em ordem crescente por 132 igrejas pentecostais clássicas, 99 independentes, 26 neopentecostais e 14 protestantes históricas. Os templos das variantes pentecostais clássicas e independentes se encontram em sua maioria nas periferias da cidade, enquanto os das neopentecostais e das protestantes históricas situam-se mais na região do Centro ou próximas a ele. Isso faz com que igrejas como a IURD e IMPD pareçam ser *maiores do que realmente* são. Instaladas nas avenidas principais, próximas a terminais de ônibus<sup>28</sup> e abertas ao público quase 24 horas, elas passam uma imagem de crescimento contínuo, mas, como exposto aqui, de acordo com o censo 2010 elas não crescem tanto, ao contrário da pentecostal Assembleia de Deus. Segundo Almeida (2004, p. 23):

A implantação dos templos e, mais recentemente, a construção de grandes catedrais visam a dois objetivos: visibilidade e adesão em massa. Esse tipo de construção imponente nas vias principais é uma estratégia de visibilidade e *marketing* que se articula com sua presença na mídia e na esfera política, visto que para sua efetivação necessitam de trâmites burocráticos nas administrações municipais.

Tendo estes dados em mãos, a hipótese de que a expansão dos templos caminha concomitantemente ao número de fiéis na cidade de Uberlândia sugere que a urbe possui uma realidade semelhante ao que ocorre no Brasil, um crescimento de várias denominações novas, igrejas pequenas, aqui denominadas “independentes” e diversas variantes da Assembleia de Deus. Posto isso, a pesquisa de campo verificou se realmente essas novas denominações podem ser consideradas relevantes e diferentes doutrinariamente das demais existentes e se poderão, um dia, conseguirem uma nova classificação sociológica, como por exemplo, uma 4ª “onda” evangélica. Almeida (2006) acredita que depois da terceira onda, não houve nenhuma outra significativa e impactante. Cabe então, averiguar se isto poderá ser comprovado em Uberlândia ou se realmente os neopentecostais são os últimos a causarem rupturas significantes com as demais vertentes evangélicas.

---

<sup>28</sup> No bairro Morumbi foi encontrado uma igreja “independente” em frente a um ponto de ônibus, conforme a Fotografia 7.



## CAPÍTULO 3: CADA IGREJA UM PASTOR?

### 3.1 Trajetórias da pesquisa de campo

No decorrer da pesquisa etnográfica que gerou as análises apresentadas neste capítulo, alguns pressupostos teórico-metodológicos estiveram sempre presentes como orientações fundamentais. Na trilha sugerida por Clifford Geertz (1978), tentei alcançar as teias de significados expressas nas fontes do trabalho de campo. Tratei de buscar os significados das práticas e das representações dos sujeitos abordados pressupondo sempre que, reciprocamente, as práticas falam tanto quanto as falas agem, conforme defende Bela Feldman-Bianco (1987). Dei atenção especial para as condutas dos sujeitos abordados durante as entrevistas, assim como para suas maneiras de agir e de falar antes, durante e depois dos cultos observados. Considerei sua maior ou menor receptividade, disposição e disponibilidade para as entrevistas; evitei atrapalhar os cultos ou causar incômodos aos pastores e fiéis abordados; procurei gravar as falas e fazer anotações depois de obter empatia na relação com os entrevistados. Assim, a etnografia praticada esteve orientada pelo esforço de garantir uma relação dialógica construída no encontro de dois sujeitos, pesquisador e pesquisado, conforme a premissa metodológica sugerida por Roberto Cardoso de Oliveira (1996). Ainda como orientação fundamental, vale lembrar que, tendo consciência da dificuldade de transformar o *exótico em familiar*, procurei alcançar os objetivos da pesquisa de campo mantendo as distâncias e as reservas necessárias para respeitar as histórias de vida e os relatos dos sujeitos abordados. (ZALUAR (2004); DA MATTA (1978); VELHO (1978)).

Também foram utilizados os seguintes critérios propostos por Durham:

Jamais se contentar com uma única afirmação obtida de um informante privilegiado: coteja diferentes informações, verifica-se através da observação direta do comportamento das pessoas em situações sociais específicas, examina a coerência daquilo que observou diretamente com informações e observações paralelas, analisa o conteúdo emocional do comportamento manifesto. (DURHAM, 1978, p. 56)

Desse modo, nas entrevistas, procurei obter o “modelo nativo” de representação da vida religiosa dos pastores e fiéis com base nas informações com eles obtidas durante as entrevistas e das observações de suas práticas, principalmente durante os cultos.

Por se tratar de pesquisa etnográfica, a escolha das igrejas para observação dos cultos e abordagem dos pastores e fiéis por meio de entrevistas não obedeceu a critérios quantitativos de amostragem. Entretanto, alguns critérios de representação da diversidade de igrejas e de heterogeneidade social do universo abordado foram adotados. Assim, foram



incluídos entrevistados de igrejas de todos os bairros selecionados na pesquisa preliminar, conforme os critérios registrados na Introdução deste trabalho.

No total, foram feitas 62 entrevistas, sendo 41 com pastores e 21 com fiéis de 42 igrejas diferentes, abordados durante visitas feitas no período de outubro de 2015 a janeiro de 2016. Em alguns casos, foram necessários retornos para complementar informações e tirar fotos. O recurso utilizado para registrar as entrevistas foi um gravador digital e um roteiro impresso semiestruturado, com questões abertas e fechadas abordando diversos aspectos pertinentes aos objetivos da pesquisa.

De posse do quadro das igrejas mapeadas em vinte bairros da cidade no ano de 2014, que incluía seus endereços e dias de culto, selecionei as igrejas a serem visitadas. A estratégia adotada foi começar pelos bairros que tinham maior número de igrejas. Assim, o bairro Laranjeiras, localizado no setor Leste da cidade, foi o primeiro a ter igrejas visitadas e considerei ser relevante visitar todas as suas 13 igrejas. Diante do tempo escasso para a pesquisa, este procedimento não pôde ser repetido nos demais bairros, para os quais adotei o critério de visitar 50% do total em cada um. Contudo, depois de um ano de volta às ruas dos bairros que tiveram igrejas mapeadas em 2014, o objeto tal como definido para a pesquisa se mostrou bastante mutável, pois me deparei com bairros que perderam igrejas. Foi o caso do bairro Minas Gerais que, em 2014, possuía sete igrejas, mas em 2015 e até fevereiro de 2016 apresentou apenas duas, que foram visitadas. Assim, este bairro e o Laranjeiras tiveram 100% das igrejas estudadas.

A primeira igreja visitada no bairro Laranjeiras se encontra em rua não muito movimentada, como acontece com a maioria das igrejas em todos os bairros, sendo esta uma posição que parecer visar, antes de tudo, proximidade com fiéis que formam grupos de afinidades por vizinhança. Logo ao chegar, tive uma surpresa. Depois de um ano, quando foi registrada no mapeamento como a “Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio de Cristo”, a frente do prédio não tinha mais letreiros indicando ser um local de culto. Suas paredes, antes pintadas de cor cinza, estavam pintadas com a cor amarela. Esses sinais indicavam que a igreja “Pentecostal Vida Nova e Domínio de Cristo” teria sido fechada. Ao perguntar para uma moradora próxima, ela afirmou que a igreja se transferira para a casa da pastora Eduarda,<sup>29</sup> e me deu o endereço. Ao chegar me deparei com a garagem de uma casa, equipada com bancos próprios de igrejas.

---

<sup>29</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios para preservação da identidade dos pesquisados.



Fotografia 14 – Igreja Pen. Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 15 – Antigo templo da Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 16 – Atual localização da Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo no bairro Laranjeiras



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



Em um dos bancos havia uma pessoa sentada com a cabeça baixa, certamente orando. Fui recebida pelo pastor Ricardo e por Lucas, marido da pastora Eduarda. Apresentei-me como mestrande da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que estava ali para realizar uma pesquisa e conhecer um pouco sobre a igreja. Logo depois, a pastora me foi apresentada. Ela não se mostrou muito disposta a dar entrevista, alegando que “essas coisas demoram”, mas acabou aceitando e consegui agendar para o dia seguinte. No dia da primeira visita haveria culto, faltavam alguns minutos para começar e apenas duas pessoas haviam chegado.

No dia da entrevista com o pastor Ricardo e a pastora Eduarda, esta me perguntou novamente de onde eu era; ela estava preocupada, pois alguns moradores da rua estavam fazendo abaixo assinado para impedi-la de realizar cultos em sua casa, alegando que havia muito barulho. Então expliquei que eu não tinha nada a ver com esse movimento e mostrei minha identificação como aluna da Universidade Federal de Uberlândia. A entrevista ocorreu tranquilamente, mas ela não permitiu que eu gravasse.

O ministério foi fundado há 15 anos. O nome atribuído a ele foi dado por Lucas, seu marido, depois de uma visão em um sonho que o nome deveria ser “Vida Nova e Domínio de Cristo”. E assim ficou chamada a igreja, da qual faz parte uma filial no bairro Morumbi, Uberlândia. No início as reuniões eram em uma casa e depois foram transferidas para um prédio maior. Atualmente os cultos voltaram a ocorrer em casa, pois o proprietário do prédio pediu o imóvel alegando que o utilizaria. Algum tempo depois, já em 2016, eu passei na porta desse cômodo no momento em que acontecia um culto, da filial de uma outra igreja do bairro Santa Mônica, chamada “Igreja Evangélica Nova Vida”. Ainda não havia placa anunciando sua denominação, mas conversei com o pastor e soube que ela tinha sido aberta há pouco tempo. Percebe-se, assim, uma sucessão de acontecimentos que modificam o universo de igrejas pesquisadas, que é extremamente mutável.

Tendo que desocupar o templo, a casa da pastora foi cedida para a realização dos cultos, na garagem; por isso a área externa da residência ganhou pisos e em breve será pintada. Segundo Eduarda, o dinheiro vem de doações de fiéis. Ela não trabalha em outro lugar e diz não receber dinheiro assalariado por parte da igreja. Tudo que tem é fruto de arrecadação. Além dela, há outro pastor. Eles e Lucas são pessoas muito humildes e com baixa escolaridade. Acreditam que não é a escolaridade que faz um bom pastor (a). Os fiéis ali não são muito fixos, a que está há mais tempo tem 5/6 anos de ministério. O próprio pastor Ricardo está na igreja há apenas 2 anos e foi consagrado há poucos meses. Ele havia fundado



um ministério, mas depois de divorciado teve que fechar a igreja. Frequentou outros ministérios, como a Metodista Wesleyana e a Quadrangular.

Durante o tempo de pesquisa, algumas igrejas foram pintadas, e aquelas que não tinham os dias de culto expostos na parede, o colocaram. Houve também mudança nesses dias. Algumas foram fechadas, outras se abriram, outras foram para locais diferentes ou bairros e houve até o caso daquelas que “trocaram” de lugar com outras, a exemplo das igrejas no bairro Dom Almir: O cômodo em que ficava a “Igreja Pentecostal de Cristo de Uberlândia” em 2014, em 2015 foi ocupado pela “Igreja do Evangelho Cristo para Todos”. Aquela agora ocupa o cômodo onde ficava a “Igreja Pentecostal Casa dos Milagres”. Por sua vez, a outra se encontra atualmente perto de um posto de combustível, local onde, de acordo com minhas informações, não havia igreja anteriormente. Isto é, em um ano houve mudança de igrejas em dois cômodos. Percebe-se que o fluxo de mudança das igrejas é muito intenso no bairro. No geral, foram abertas 18 igrejas e fechadas 23<sup>30</sup>.

Ao perceber essas modificações nos cenários das igrejas, resolvi adotar a metodologia de mapear novamente os bairros, de acordo com a lista já existente. Assim, foi mais fácil identificar e chegar às imediações com a certeza de que a igreja ainda funcionava e em quais dias.

### **3. 2. Teologia é importante para quem?**

Dos 41 pastores (as) entrevistados, 15 deles não têm nenhum tipo de formação para exercer essa função. Alegaram que estudam sozinhos e/ou que não precisam de curso, pois foram ungidos por Deus. Outro pastor também utilizou esse argumento e disse que não adianta ter curso, pois há muitos pastores que o tem, mas cometem atitudes erradas, como roubar fiéis e esnobar pessoas pobres. Uma pastora disse que tem vontade de fazer um curso teológico e outra afirmou que irá fazer. Eduarda relatou estar fazendo curso, mas não disse onde. A maneira como contou parecia não ser verdade, pois quando perguntei: “Onde, com quem e como se deu sua formação de pastor (a)?”, ela ficou em silêncio e depois de um tempo disse rapidamente: “Estou fazendo...” Muitos se mostravam assustados com essa pergunta, geralmente entre os que não tinham formação. Outra pastora me perguntou para que essa questão e começou a falar que para conhecer Deus não precisa de curso, basta ler a Bíblia.

---

<sup>30</sup> Das igrejas fechadas temos os dados apenas daquelas que são objeto deste estudo. Das abertas também há outras denominações, as que encontramos pelo caminho que não existiam na época do primeiro mapeamento. Ou seja, pode ser que mais igrejas tenham sido fechadas ou abertas, mas esses dados não foram investigados por demandar maior tempo e não ser objetivo da pesquisa.



Analisando pelo método indiciário (GINZBURG, 2012), que busca perceber nas entrelinhas os significados das ações humanas, de acordo com a reação das pessoas quanto a essa pergunta, podemos afirmar que nem todos que disseram ter curso o têm. Às vezes por vergonha ou medo de acontecer algo caso a resposta seja negativa.

Quando feita essa pergunta ao pastor da “Igreja Missionária Casa de Davi”, que se apresentou exercendo tal função, disse:

Na verdade eu não tenho consagração de pastor. A gente está na frente do trabalho, apascentando, aí as pessoas chamam a gente de pastor, mas eu ainda não tenho a consagração, sou presbítero também né. Aqui nós tamo formado de três presbíteros e um diácono. Que a gente não pode mentir, não tem necessidade de mentir.

Fundada em janeiro de 2014 nas imediações do Dom Almir, sua igreja possui matriz no bairro Morumbi. Lá ela está presente há 8 anos e também não há nenhum pastor consagrado. Ao dizer que não é pastor, apenas o intitulam, apresentou-se humilde e sincero, sem pretensão de ser o que não é. O fato de não ter sido consagrado o impede de se intitular como pastor, mas nem todos têm essa opinião, visto que as pessoas sem formação ou consagração se denominam pastores (as) sem nenhuma ressalva.

O caso da pastora Beatriz da “Igreja Pentecostal Poder de Cristo” foi diferente, ela também se intitulou como tal, mas no decorrer da entrevista disse que a Bíblia não diz “pastora”, isto é, esse cargo cabe apenas aos homens, mas a chamam por respeito, pelo fato de seu marido ser pastor da igreja. Mesmo não se considerando, ela exerce funções que dizem respeito a essa escala de gerência, os fiéis não fazem apenas associações ao marido, a chamam assim porque ela está no comando da igreja, juntamente com o esposo. Beatriz diz que há 3 tipos de fiéis que vão no templo: os frequentes, os perturbadores e os visitantes, o que garante que há um trânsito intenso de pessoas nessa igreja.

Do total de pastores (as) entrevistados, 15 eram mulheres. A contar com Beatriz, que se intitulou pastora na hora da entrevista e depois negou. Duas outras pastoras lideram a igreja com ajuda de um pastor, apenas uma comanda sozinha; as restantes têm a ajuda do marido, que também é pastor. Quando a instituição é comandada por casais de pastores, o homem é o que mais atua à frente. Eu entrevistei essas mulheres justamente por elas estarem disponíveis no momento, pois o marido estava pregando, em uma reunião ou não havia chegado. Quando perguntei aos homens sobre quantos pastores atuam regularmente na igreja, alguns diziam que suas esposas os ajudavam como pastoras. Estas não entram nesse quantitativo, apenas as que de fato conversaram comigo.

Então, com esses dados é possível considerar somente 3 igrejas em que não há casais pastoreando. Nestas, é a mulher que detém as decisões mais importantes, inclusive foram elas



que fundaram as igrejas; a “Pentecostal Vida Nova Domínio de Cristo”, por exemplo, existe há 15 anos e foi aberta por Eduarda. Ela é casada e o marido a ajuda, mas não diretamente, quem cumpre esse papel é o pastor que está lá há 2 anos. A pastora passou por vários ministérios até ter o seu; queixou-se dos anteriores principalmente na questão de que mulher não pode ser pastora. Segundo ela, esse foi um dos motivos que a fez ter coragem de abrir sua própria igreja, para ter um espaço e poder ajudar a Deus em sua obra. Começou primeiramente em sua casa e depois conseguiu alugar um cômodo e hoje possui uma filial no bairro Morumbi.

A pastora Regina se converteu em 1989, pela igreja “Assembleia de Deus Madureira”, onde permaneceu por um tempo, indo depois para a “Templo da Vinha”. Essa mudança, há 6 anos, se deu porque “eu senti necessidade de ajudar o nosso pastor, ele precisava de ajuda né, como eu tenho muito interesse pela obra, muito desejo e anseio pela palavra de Deus, de pregar e ajudar, ganhar fiéis, aí eu resolvi”. O pastor que Regina quis ajudar já tinha esse cargo na A.D., mas saiu para fundar seu próprio ministério no bairro Tibery, hoje com 9 anos de existência. Então, ela passou a frequentar a igreja “Templo da Vinha”, começando a fazer reuniões na garagem da sua casa, no bairro Laranjeiras; e “quando a gente viu que tinha um número bom, a gente já podia alugar um cômodo, com dízimo e oferta, a gente alugou”. Assim, logo que abriu foi consagrada pastora e fez curso de “teologia básica”, segundo ela. Desde então, ministra os cultos com ajuda de um pastor. Dificilmente ela se tornaria pastora na A.D. Madureira, por sua rigidez quanto às mulheres pastoreando, a não ser ao lado do marido. Regina é casada, mas seu esposo não interfere nas decisões da igreja.

A igreja “Ministério Internacional do Avivamento” também é liderada por uma mulher. Simone, 46 anos, pedagoga aposentada, não tem filhos e é solteira. Católica de origem se converteu à religião evangélica por influência de uma amiga. Frequentou a “Igreja de Deus” e há três anos abriu seu próprio ministério, que teve início em uma casa com um grupo de pessoas. Com ajuda de amigos, alugou um cômodo no bairro Santa Mônica. Ela tem pretensão em aumentar a igreja, fazer sopa para servir aos mais carentes e abrir um centro de recuperação para drogados. Há igrejas em Brasília e em Goiás (segundo a pastora, mas pode ter em outras cidades) com o mesmo nome do templo de Simone, mas, segundo ela, não têm nenhuma ligação. A sua é a única, na cidade de Uberlândia. Igualmente a Eduarda, Simone também ressaltou que outras igrejas não dão liberdade<sup>31</sup> para as mulheres se expressarem.

---

<sup>31</sup> Algumas igrejas se apoiam em versículos da Bíblia, a exemplo: “Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio



Essas atitudes das mulheres evangélicas, que tiveram coragem de largar sua igreja anterior e lutar por mais espaço, estão crescendo cada vez mais. Uma reportagem da BBC Brasil mostrou que jovens mulheres estão se utilizando das redes sociais para criar grupos de discussão, onde conversam sobre o papel da mulher na igreja que, segundo uma das organizadoras do grupo, tem que ser revistos, pois:

Somos meninas e temos orgulho disso. Discordamos de inúmeras coisas, mas quem aqui foi feito pra apenas concordar? (...) Ainda que revolucionárias, cremos em um Deus soberano e cheio de amor, que traz a todos, mulheres e homens, a misericórdia e a graça, igualmente, sem distinção.<sup>32</sup>

Desse modo, discutem sobre passagens bíblicas consideradas machistas, falam sobre algumas atitudes misóginas de pastores ou padres e tentam pensar outro modo de continuar na igreja, sem serem submissas. Por haver muito preconceito em determinadas comunidades, estas jovens, assim como as pastoras entrevistadas, procuraram igrejas mais inclusivas. Como não querem se distanciar da fé, vão à busca de igrejas que aceitam melhor as indagações feministas.

Mas, elas encontraram um problema ao discutirem com feministas não cristãs, pois estas não entendem como pode haver mulheres revolucionárias sendo religiosas. Essa divergência causou o isolamento das jovens evangélicas. Agora, apenas elas participam do grupo na rede social. Para uma das jovens ativistas, o modo como são afrontadas nas discussões pode distanciá-las do debate e essa situação aumenta a “rejeição que sentem dentro das próprias comunidades religiosas”. Como estão em busca de apoio que não encontram em suas igrejas, ao depararem com essas situações, muitas delas sentem-se isoladas e podem vir a desistir da luta feminista. Percebe-se a importância das redes sociais nessa batalha, pois lá encontram seus iguais e se fortalecem. Muitas utilizam o argumento de que “eu fazer parte da igreja não faz de mim menos feminista” e assim tentam se inserir no mundo sem se afastar de sua fé.

Apesar dos avanços nas conquistas feministas dentro das igrejas, ainda predomina o pensamento androcêntrico e as mulheres encontram dificuldade de se tornarem protagonistas. Na igreja “Ministério da Fé Reino do Deus Vivo” há um caso que comprova essa afirmação.

---

marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja" (1 Coríntios 14:33-35). E também nesse: “1 Tm 2.12 diz que a mulher não deve exercer autoridade de homem. Logo, ela não pode ser pastora. E na Bíblia não vemos nenhum exemplo de Deus chamando pastoras.” Assim, as mulheres não tomam frente da comunidade religiosa. Textos disponíveis em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d31.htm>> e <<http://estudos.gospelmais.com.br/o-papel-da-mulher-crista.html>>. Acesso em: 31 de mar 2016

<sup>32</sup> Texto disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729\\_salasocial\\_evangelicas\\_feministas\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc)> Acesso em: 15 de mar 2016



Uma fiel frequentava a igreja sem o marido. Passados alguns anos ele passou a ir junto com ela e depois tornou-se pastor. Nota-se que o fato de a esposa estar a mais tempo, ter experiência, conhecer bem a igreja não fez diferença para a escolha do líder. Importante ressaltar que essa igreja apresenta grande rotatividade de pastores<sup>33</sup> sendo que, em 11 anos de existência em Uberlândia, 13 pastores passaram por ela.

Dos 26 pastores (as) que possuem formação a buscaram em cursos de teologia, seminários de outras igrejas ou mesmo da sua, e em “cursinho”. Um pastor contou que além do curso de teologia fez um de oratória<sup>34</sup>. No primeiro dia em que visitei a igreja “Batista do Amor” estava acontecendo um culto em oração pelos formandos do curso de Teologia da FAECAD (Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus<sup>35</sup>). Formaram-se sete pessoas, dentre elas a esposa do pastor. Essa igreja demonstrou estar sempre se atualizando e formando pessoas, pelo estudo da Bíblia. No segundo dia em que a visitei, havia fiéis fazendo uma prova que, logo depois, o pastor me disse se tratar de um exame “de maturidade”. Uma avaliação para saber o grau de conhecimento das pessoas sobre a Bíblia. A Igreja “Essência do Amor” vai abrir um curso de formação para os obreiros.

Pode-se dizer que, mesmo com os pastores tendo formação, este não é o único aspecto que os fiéis observam e esperam, para continuar seguindo determinada igreja e admirando seu pastor. Não há mais a ideia de um “pastor-doutor”, conforme apontou Jean-Paul Willaime (1992) e Bourdieu (1996), utilizado por Campos (1999). Segundo o autor:

A sociedade passou a exigir um novo perfil de pastor, no qual inclui-se o conhecimento prático do *public relations*, a simpatia do *show man* dos programas de auditório das redes de televisão, o calculismo do administrador de empresas, a acuidade de gerente de *marketing*, a capacidade de ouvir e orientar do psicoterapeuta, a facilidade de representação de um ator profissional e a eficiência de um mágico. (CAMPOS, 1999, p. 90)

Tais características foram encontradas nos líderes de Uberlândia. Em todos os cultos assistidos os pastores demonstraram habilidades para falar em público, atuar com capacidade de sedução pelas palavras e gestos e boa condução nos momentos de pedir oferta. Utilizam-se do capital religioso para manutenção dos seus templos e aumento dos fiéis.

---

<sup>33</sup> Característica da vertente neopentecostal, mas afirmaram não pertencer a ela e sim à pentecostal.

<sup>34</sup> Curso que auxilia não só a falar em público, como também na dicção e para aprimorar técnicas de oratória. Com certeza, o pastor que o faz consegue melhor êxito ao persuadir sua comunidade. Para Mateus esse curso o ajudou a aprender sobre os tipos de evangélicos existentes: “Eu tenho um curso de oratória então a gente sabe qual é o estilo da igreja, se é pentecostal, se é tradicional. A gente prega na forma que... Se você vê que a igreja é avivada você traz uma palavra avivada. Se é tradicional você traz uma palavra dentro da hermenêutica né, com início, meio e fim”, ao contar que um primo é pastor da Igreja Batista e que de vez em quando ele participa, como pastor, dos cultos.

<sup>35</sup> Não há nenhuma ligação dessas duas igrejas. Pelo fato da FAECAD ser uma faculdade muito conhecida, muitos fiéis de denominações diferentes a frequentam tendo como objetivo o conhecimento sobre o divino.



### 3. 3. Dos nomes das igrejas

A igreja anterior da pastora Eduarda, “Chegada de Cristo e Curas Divinas” (que depois conheci), era uma das que não aceitavam mulheres nesse cargo; sobre abrir a sua própria igreja, ela afirmou: “Não é a gente que quer ter uma igreja, é Deus que nos chama, se não tivesse chamado, eu não teria, eu não queria ter”. Ricardo concordou e também disse que não queria ser pastor, mas quando Deus pede, não tem como recusar. Percebe-se em todas as falas a convicção de que qualquer ação humana é fruto da obra divina, como a abertura de uma igreja e o nome escolhido. Essa justificativa foi apresentada por muitos pastores (a). A maioria disse ter visto em sonho a direção de Deus para a nomeação do templo.

Alguns justificaram que a nomeação se deu através do sonho de um vizinho, amigo ou que Deus revelou. Há muitas igrejas com nomes similares, porém sem ligação, como a Igreja Evangélica “Assembleia de Deus Ministério Trono de Fogo”, “Igreja Evangélica de Missões Ministério Fogo do Altar”, “Ministério Fogo no Altar Igreja Cristã” e “Igreja Pentecostal Chamas de Fogo Celestial”. Todos (as) os (as) dirigentes dessas igrejas alegaram que a palavra “Fogo” está ligada a Pentecostes, à presença do Espírito Santo.

As igrejas “Batista do Amor” e “Essência do Amor” encontram-se na mesma avenida no bairro Santa Mônica. Os pastores disseram que o nome foi revelação de Deus e indica que o Amor é o sentimento mais importante no mundo. Seus dirigentes não se conhecem e disseram não se importar com o nome parecido. O pastor da “Batista do Amor” até brincou dizendo que avenida onde se encontram as igrejas é a “Avenida do Amor”.

A pastora da “Igreja Pentecostal o Poder da Fé” relatou que, depois da abertura de sua igreja, descobriu que há outra em São Paulo com o mesmo nome, mas não possuem vinculação. Ela e seu marido acreditavam que não existiria outra com essa mesma nomeação, como no caso do pastor da “Igreja Pentecostal do Agir de Deus”. No local em que o pastor abriu a igreja havia outra, que fechou, sendo instalada essa com denominação diferente. Porém, por ocasião da minha visita, o antigo nome da igreja fechada ainda estava escrito na parede, pois havia se passado apenas um mês desde a substituição. Então, entrevistei o pastor acreditando que ele fizesse parte da igreja “Caminhando na Graça”, quando na verdade era a “Igreja Pentecostal do Agir de Deus<sup>36</sup>”. Disse que esta não tem vinculação com igreja matriz, mas quando pesquisei na *internet*, constatei a existência em Pelotas, Rio Grande do Sul. Porém, o pastor pareceu realmente acreditar que sua igreja é a única existente. Ou seja, pode

---

<sup>36</sup> Ver foto no anexo.



haver mais igrejas em Uberlândia nessa situação, onde se acredita ter fundado um ministério inovador, a partir do nome, quando na verdade ele não é inédito.

No geral, encontramos nomes curiosos, como no caso de “Passo a Passo com Jesus”, “Palavra da Verdade”, “Igreja evangélica vida em Cristo”, “Igreja pentecostal remanescentes de Cristo”, “1ª igreja evangélica Olaria de Cristo”.

### **3. 4. Dos cultos**

A fim de conhecer melhor o terreno da pesquisa e entender as relações estabelecidas entre pastor, fiel e Deus, assisti a vários cultos. Em alguns chegava como se fosse uma fiel, cumprimentava a todos e participava normalmente. Após o culto, conversava com algumas pessoas, fazia perguntas do questionário, isto é, fazia uma entrevista informal e depois dizia os reais motivos de lá estar ou, às vezes, não era necessário dizer pois não perguntavam. Ao pastor, apresentava-me como pesquisadora e este aceitava realizar a entrevista ou agendava para outro dia. Interessante ressaltar que, no momento do culto, todos os pastores notavam minha presença. Perguntavam meu nome e pediam aos fiéis para cantarem “boas vindas”. Mas, depois de terminado o culto, quando eu me apresentava ao pastor, a recepção mudava. Percebia um desânimo da parte deles, como se expressassem: “não é fiel, não irá me ajudar”. Mas, não houve qualquer atitude de hostilidade para comigo, todos me trataram bem, disseram para voltar e responderam a todas as perguntas. Alguns pareciam não entender o objetivo da pesquisa e perguntavam a vários momentos “para que essa pesquisa mesmo?”; outros, enquanto eu explicava, balançavam a cabeça em sinal de entendimento, mesmo quando eu não havia terminado de falar; alguns, ao final da pesquisa, quando eu perguntava: “Você tem alguma coisa a acrescentar?” diziam: “Não. Está tranquilo, apesar de que eu não sei o fundamento das suas perguntas”. Foram poucos os entrevistados que demonstraram realmente entender a pesquisa, dentre eles um casal de pastores da Igreja Universal Independente. Ambos fizeram curso de mestrado<sup>37</sup>, o que pode ter facilitado o entendimento, visto que pesquisaram para a dissertação, sabendo, portanto como funcionam as pesquisas. O pastor da igreja “Vida Nova em Cristo” está fazendo curso de mestrado na área de

---

<sup>37</sup> A mulher, formada em Serviço Social, teve como tema da sua monografia a relação entre violência doméstica e a conservação da vida social que a igreja cumpre. No sentido de que, muitas vezes, a igreja prefere esconder casos de violência contra a mulher, dizendo ser o diabo que está no corpo do marido, do que combater. Essa pastora mostrou-se madura, uma pessoa que sabe conciliar ciência e religião, casos raros no ambiente evangélico.



contabilidade e lembrou que a irmã de uma fiel faz Psicologia e, há um tempo, também esteve na igreja fazendo perguntas.

Contudo, não é intenção dessa dissertação fazer um recorte intelectual, no sentido de acreditar que um nível superior de escolaridade garantiria maior discernimento, até porque pastores com diplomas não entenderam a pesquisa, enquanto outros que não têm tal nível de escolaridade entenderam. Acredito que o entendimento se deva às suas experiências de vida (sem incluir graduação) e a disposição do pastor (a) em querer entender, pois muitos responderam rapidamente, demonstrando pressa, e também o modo como expliquei a cada um, visto que, com o passar do tempo na pesquisa, com mais experiência, foi possível aprimorar as falas e perguntas.

Em todos os cultos que assisti, as pessoas faziam o mesmo ritual ao chegar. Cumprimentavam todos que estavam na igreja dizendo “Paz do Senhor” e antes de se sentarem nas cadeiras (apenas em algumas igrejas havia bancos como os da Igreja Católica) ajoelhavam-se no chão e, com os ombros em cima delas, faziam uma oração. Depois se sentavam ou ficavam em pé, dependendo do que estava ocorrendo no culto, geralmente iniciado com músicas de louvor. A maioria das igrejas visitadas deixava o fiel à vontade para ir à frente da comunidade e cantar. Um pastor que caracterizou sua igreja como protestante pentecostal, pois existe há muitos anos, mas que foi adaptada, a exemplo de uma igreja renovada, disse que dá liberdade para os fiéis cantarem ou testemunharem nos cultos, que esse momento é importante; e ressaltou que algumas igrejas não o fazem, não deixam os fiéis participarem. Contudo, todas as igrejas, objeto da pesquisa, deram essa liberdade aos fiéis, mesmo as mais conservadoras, como a da “Igreja Pentecostal Remanescentes de Cristo” que separa o lado dos assentos na igreja para homem e mulher, assemelhando-se à Igreja Congregação Cristã do Brasil; as mulheres usam cabelos comprimidos e saias longas. Quando realizei a entrevista com o pastor, ele pediu para a filha ficar perto de nós e, quando ela se distanciava um pouco, pedia para que voltasse a ficar do nosso lado.

Todas as pessoas que participaram do momento inicial do culto diziam “Obrigado (a) por essa oportunidade” e em seguida, todos aplaudiam. Após o momento de louvor, é feita a leitura da Bíblia pelo pastor (a) da igreja. Todos ficam em pé para ouvir a Palavra e depois se sentam para escutar a homilia feita por quem leu as passagens da Bíblia. Há então o pedido de oferta do dízimo. Em algumas igrejas existe um envelope na cadeira de cada um (ou são entregues no final de um culto para a pessoa levar no próximo), onde se coloca o dinheiro que, no momento da oferta, é colocado em lugar estabelecido pela igreja. Em outras, um



obreiro com uma cesta passa de fileira em fileira recolhendo a oferta. Enquanto as pessoas se direcionam à entrega do dízimo ou o obreiro a elas, há os seguintes cantos: “Quem dá com alegria o Senhor alegrará” ou o “Tem casa através de um mandamento chamado dízimo (...). Obedece a Deus e é abençoado (...). A placa da igreja não me leva para o céu, o que me leva é a fé.” Ao fim, desejavam “boas vindas” a quem estava na igreja pela primeira vez, inclusive a mim, e se despediam uns dos outros com “Paz do Senhor”.

Em algumas igrejas, durante essa despedida, o pastor abençoava quem desejasse. Em uma igreja do bairro Laranjeiras, o mesmo homem que celebrou o culto fez imposição de mãos na cabeça dos fiéis. Estes formaram fila para tal. Falou em línguas e teve uma fiel que pulava, enquanto ele orava em línguas, com as mãos sobre a cabeça da pessoa. No final, descobri que o homem que impôs as mãos sobre os fiéis não era o pastor, mas um obreiro. Segundo ele, (mas não me respondeu muito bem) qualquer um pode fazer isso. Ao entrevistar o próprio pastor, me disse que só não é permitido à pessoa que não tem essa função ungir com azeite; porém fazer imposição de mãos e orar é aceitável<sup>38</sup>.

Em algumas igrejas onde presenciei os cultos cantaram-se músicas tocadas na igreja católica, como: “Deus enviou seu filho amado, pra me salvar e perdoar, na cruz morreu por meus pecados, mas ressurgiu e vivo com o pai está.”, “O culto hoje vai ser maravilhoso porque Jesus vai derramar o seu poder. Derrama, Senhor! Derrama, Senhor! Derrama sobre nós O seu poder” e “A alegria está no coração de quem já conhece a Jesus, a verdadeira paz só tem aquele que já conhece a Jesus”. Esta última é conhecida pela voz do Padre Marcelo Rossi. A segunda, por dizer “culto” entendemos tratar-se de evangélicos, mas esse termo é excluído dos cânticos católicos e adaptado por “Nossos irmãos serão/foram abençoados”; o restante é cantado igualmente. Realizei uma pesquisa na *internet*, mas não encontrei a origem dessas músicas. Não se sabe se seus compositores são católicos ou evangélicos. O fato é que ambos se utilizam delas em seus momentos de louvor. Como se sabe, há relações estreitas entre o pentecostalismo evangélico e a Renovação Carismática Católica.

Interessante notar que alguns pastores que eram católicos criticaram essa religião<sup>39</sup>. Uma pastora que era católica assídua, mas através de um convite pra ir à igreja evangélica, ao

---

<sup>38</sup> Essa foi uma das diferenças apontadas pelo pastor em relação à sua igreja anterior, a “Deus é amor”, além dos instrumentos musicais que nesta não existem. Em termos de semelhança, disse que pega alguns aspectos utilizados na igreja anterior e aplica na atual, pois “Não tem como, puxa né, fui criado lá. É igual um nordestino que vai pra São Paulo, não deixa de ser nordestino, de ter características”.

<sup>39</sup> A religião afro-brasileira também foi muito criticada e ridicularizada. Em um culto, a mulher de um pastor pediu para Deus curar doenças, proteger contra a “magia negra do candomblé e umbanda”, mais tarde, quando o pastor falou, também pregou contra as religiões de matriz africana dizendo “Magia negra, candomblé... seja queimado nessa noite... toda estratégia de satanás”.



perceber que os primeiros não leem a Bíblia, questionou a legitimidade dessa instituição. Então, se converteu. Passou pelas igrejas: “Manancial”, “Shalom”, “A. D. Missão”, até chegar à “Salva Vidas” para, depois, fundar seu próprio ministério, o da “Igreja Pentecostal o Poder da Fé”. Eduardo, que também era católico, se interessou pelo modo de falar das pessoas, dos pastores, que segundo ele, era muito diferente dos padres e dos “simples folhetos da igreja Católica”. Converteu-se pela IURD e depois frequentou a “Igreja Metodista”. Abriu seu próprio templo em 2013, denominando-o de “Igreja Evangélica Vida em Cristo”. Escolheu esse nome pois acredita que uma vida deve ser vivida em Cristo.

No que se refere ao dízimo, a maioria dos pastores criticaram igrejas que “pedem muito, só pensam em dinheiro”. Fabiano é evangélico há 30 anos, o que representa metade de sua vida. Atualmente é pastor da igreja “Passo a Passo com Jesus”. Natural do Espírito Santo e morador de várias cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, antes de ter sua igreja aberta, frequentou a Assembleia de Deus, “Jesus é a Esperança” e a Universal. Criticou bastante essa última, pois seus pastores pensam muito na questão financeira, e também as igrejas que são grandes. Segundo ele, esses gestores acreditam que suas igrejas sejam melhores por terem mais fiéis e assim menosprezam as pequenas. Também ressaltou que em época de eleições os candidatos, que muitas vezes são evangélicos, aparecem em sua igreja para pedir votos e nunca mais retornam. Fabiano era pedreiro, atualmente é comerciante. Possui uma mercearia na frente de sua casa e ao lado da igreja. Esta existe há 3 anos e há 1 e meio está nesse local, pois conseguiu comprar prédio próprio. Poucos fiéis a frequentam: fixos são seis, os que visitam de vez em quando chegam a doze pessoas. Tem filial na cidade de Montes Claros e em Cachoeira Escura, distrito de Belo Oriente, também em Minas Gerais. Acredita que a igreja fundada por ele não se assemelha à Universal em nenhum sentido. É mais parecida com “Jesus é a Esperança”, frequentada por ele no Rio de Janeiro.

### **3. 5. Liberdade de ação e expressão**

Uma característica muito importante dos cultos é o fato de os pastores darem liberdade para os fiéis cantarem, testemunharem e lerem trechos da Bíblia no púlpito. É notável a expressão de felicidade de quem está ocupando esse espaço no momento do culto. Não importa se a pessoa canta bem, possui afinação e ritmo, o importante é estar lá diante da comunidade. Em posição superior, se sentem úteis na igreja. Saem, por um momento, do papel de coadjuvante e se tornam protagonistas. No que se refere aos testemunhos, os fiéis



não só falam como, a partir dessas falas, podem deixar marcas, exemplos para a vida das pessoas que os ouvem; diferentemente da igreja Católica, em que há os “eleitos”, isto é, pessoas que são mais conhecidas, pois ajudam com tarefas ou dízimos e participam de movimentos internos como encontro de casais, encontro de jovens, pastorais de doação de alimentos, entre outros. Durante as missas não há testemunho, apenas em alguns grupos de oração, onde a maioria também é de “eleitos”.

Jessé Souza (2012), em sua análise sobre os batalhadores brasileiros e o pentecostalismo, afirma que, ao ouvir um testemunho a pessoa se sente chamada a também honrar e lutar por sua vida, para obter os resultados positivos testemunhados e, assim, se estabelece uma crença de um futuro melhor que o presente. “A identificação afetiva com um exemplo, ou seja, ‘o desejo de ser como uma outra pessoa’ é algo muito comum na vida de todas as pessoas, independente da classe social” (SOUZA, 2012, p. 322). Nesse sentido, tanto quem fala quanto quem ouve desempenha um papel social. O primeiro se mostra à comunidade e torna-se exemplo, o segundo faz de tudo para continuar caminhando na igreja e no futuro também ser um exemplo para todos.

O sociólogo também ressalta que uma das causas para que o crente permaneça na fé é a presença constante dos pastores na vida dele. A semelhança entre eles, no sentido de, morarem no mesmo bairro<sup>40</sup>, de muitos serem vizinhos, terem a mesma condição financeira, profissões similares, não ter formação acadêmica, entre outros dados de aproximação social, orientam e reforçam a conduta do crente fiel à instituição. Dos 41 pastores (as) entrevistados, 27 exercem outra profissão<sup>41</sup>, não se dedicam apenas às atividades da igreja<sup>42</sup>. As ocupações profissionais entre eles variam entre pedreiros, barbeiro, vigilante, vendedores, cuidadores de idosos, motorista, passadeira, corretor, mestre de obras e mecânico industrial. Profissões estas que foram encontradas entre os fiéis, o que indica mais uma similaridade entre eles, e demonstra que as pessoas pesquisadas estão inseridas nas classes economicamente menos favorecidas. Uma fiel do bairro Morumbi, ao dizer que Deus está em todos os lugares, mas deve-se procurar “onde a gente se sente melhor”, contou que “a nossa igreja é de classe mais baixa, são todos trabalhadores, assalariados, como dizem, não tem nenhum rico aqui não”. Pela observação em um dia de culto, essa afirmação foi confirmada.

---

<sup>40</sup> O que facilita o encontro entre eles. Seja no supermercado, farmácia e as visitas que fazem entre si.

<sup>41</sup> Os pastores (as) que não trabalham estão aposentados, outros desempregados, dentre esses alguns poucos procurando emprego e os demais estão nessa situação porque querem se dedicar exclusivamente à igreja. Um pastor, que é policial militar, está de licença do trabalho por estar ampliando sua igreja em outro bairro, quer participar ativamente desse processo e também dos outros serviços da comunidade.

<sup>42</sup> Pelo fato de a maioria das igrejas serem novas, os pastores (as) não conseguem se sustentar apenas com os dízimos dos poucos fiéis.



Relatou ainda que muitos moradores do bairro São Jorge frequentam sua igreja. Eles vão até o culto e no fim, o pastor os leva até suas casas. Há outros fiéis que o pastor não só leva em suas casas como busca para o culto. No primeiro dia em que visitei sua igreja ele demorou a retornar: tinha ido buscar um pessoal e, durante o caminho, encontrou uma pessoa passando mal e a levou até a UAI (Unidade de Atendimento Integrado). A sua igreja existe há 9 anos na garagem de sua casa<sup>43</sup>. Estão construindo um templo próprio, na mesma rua. Existe uma filial na zona rural e estão começando a abrir uma no bairro São Jorge. Tadeu diz ser um “pastor diferente, que atua em prol dos fiéis, os ajuda, não quer o dinheiro deles, um pastor diferente de líder”, mas depois não negou que também é líder e associou igrejas a empresas.

O pastor da “Igreja Evangélica Palavra da Verdade”<sup>44</sup>, presente no bairro Dom Almir, também busca fiéis para os cultos. Ele tem uma *Kombi* que transporta duas famílias do bairro Morumbi. Destacou que a maioria de seus fiéis é de fora, vieram do Nordeste para trabalhar na cidade, conheceram a comunidade e passaram a frequentá-la. Assim, vários fiéis nordestinos estiveram nessa igreja, mas voltaram para suas terras, muitas vezes por causa do desemprego. Os que permanecem na igreja hoje moram no assentamento próximo ao bairro.

Esse modo de tratar o fiel, buscando-o em casa para ter sua presença na igreja, faz com que ele se aproxime do pastor e acredite ser importante para a comunidade. Esse sentimento é determinante para a continuidade da igreja e as semelhanças entre eles podem fazer o fiel ter a crença de que um dia chegará ao cargo de pastor. Além disso, quando se assemelha com o pastor e, em alguns casos, mesmo não tendo formação, consegue tornar-se um “especialista”, o fiel passa a acreditar que esse pode ser um futuro que lhe pertença. Mas, Mariano (2003) atenta para o fato de que o acesso à hierarquia eclesiástica evangélica não é tão democrático quanto parece ser. Ele relembra Rolim (1985), quando afirmou que as mulheres sofrem exclusão do corpo eclesiástico e os leigos não podem participar da escolha de seus líderes<sup>45</sup>. Para Mariano, o fato de o pastor não precisar mais ter diploma ou curso teológico para exercer tal função só nos permite verificar que *o acesso à hierarquia dessas igrejas não é elitizado*, mas nem por isso torna-se democrático.

Importante ressaltar o papel que a disputa pelo poder do campo religioso possui na distribuição dos cargos eclesiásticos. O interesse religioso do pastor ao buscar o seu fiel para levá-lo ao culto, ou ao cativá-lo, não é o de que ele um dia fique na mesma posição que a

---

<sup>43</sup> O pastor fez questão de dizer que sua casa possui alvará para atuar como igreja.

<sup>44</sup> Em fevereiro de 2016, quando retornei ao bairro para procurar o pastor da “Comunidade Gauguau” notei que esta igreja havia fechado. Mas não tive notícias se teria se mudado para outro lugar. Enquanto isso, percebi que outra igreja havia sido aberta.

<sup>45</sup> Pela pesquisa de campo e entrevistas vimos que, por esses pontos, o (a) fiel tende a abrir sua própria igreja.



sua<sup>46</sup>. É mais a conservação dele para o corpo de fiéis, contribuindo para ampliação da comunidade, tanto em termos expansivos e financeiros quanto de mais pessoas atuantes. Segundo Bourdieu (1974), os gestores tentam convencer os leigos de que há um caráter sagrado em sua escolha como pastor, que é necessário ter essa “qualificação especial”. Como vimos, há casos de o pastor entrevistado dizer que ele mesmo não queria sê-lo, mas Deus o escolheu, então aceitou. E mais, não só o escolheu como ordenou que abrisse outra igreja para angariar mais pessoas fiéis à sua palavra. Isto é, mesmo sendo fácil atualmente tornar-se pastor, quem quer sê-lo tem que enfrentar a *classe dirigente* que crê que somente a ela cabe o papel de gestora dos meios de salvação.

Por outro lado, o interesse religioso do fiel, além de alcançar graças divinas, é tornar-se visível e quem sabe pastor, ainda mais quando seus pensamentos não estão de acordo com a igreja em que ele se encontra. A consequência desse *habitus* impresso nas condutas dos agentes são as dissidências das igrejas e o crescimento da pluralidade de denominações. Vence nesse *campo de força* quem for capaz de se utilizar melhor dos meios simbólicos capazes de mobilizar a comunidade religiosa.

### 3. 6. Reconhecimento social

Como então a mobilização religiosa se dá em Uberlândia? Segundo um pastor, essa cidade é “carente espiritualmente”, principalmente no bairro onde sua igreja se encontra, Dom Almir, pois ele é caracterizado como violento. Esse bairro teve origem pelas ocupações e, como visto no segundo capítulo, ainda apresenta uma infraestrutura precária. Os pastores desse bairro e de outros nessa situação disseram que o escolheram para instalar suas igrejas porque a população necessita se encontrar e precisa de um acolhimento divino. Um pastor relatou que, quando sua igreja foi aberta, havia uma casa em frente que servia como ponto de drogas e prostituição. Depois de um tempo esse tipo de serviço não funcionava mais na casa e para ele isso se deu pelas obras de Deus. Por isso as igrejas têm que se fazer presentes, para livrar o mal do mundo. Segundo ele, os próprios moradores acham bom a presença dos evangélicos para afastar os “inimigos de Deus”. Christina Vital da Cunha (2008) ao estudar os “traficantes evangélicos” e a periferia do Rio de Janeiro, apontou que:

---

<sup>46</sup> A não ser em casos que o pastor (a) está querendo se afastar da gerência da igreja ou esteja pensando quem ficará no seu lugar no futuro.



É como se a percepção da existência de um lugar ou grupo no qual é possível obter acolhimento e proteção material, emocional e/ou espiritual já fizesse o indivíduo dispor de alguma sensação de segurança (...). Nos estudos realizados em bairros populares e em favelas, um tipo específico de relação de proteção e de reciprocidade destaca-se das demais pela densidade dos vínculos por ela ou nela criados e por sua constância e abrangência: as redes religiosas. Estas seriam, segundo os estudos em questão, redes mais eficazes no combate à sensação e experimentação de vulnerabilidade social e insegurança (CUNHA, 2008, p. 27 e 28).

Nesse sentido, percebemos que as redes religiosas ocupam uma grande importância para a manutenção da esfera religiosa evangélica. Em uma igreja do bairro Laranjeiras um pastor destacou que ele e os fiéis são bem unidos. Quando não estão juntos na igreja, vão se visitar, fazem churrasco, almoço e outras festividades. Uma pastora do bairro Santa Mônica também comentou sobre a rotina dela e dos fiéis. Algumas vezes, em dia de culto, ela prepara algum lanche ou jantar e leva para servir aos fiéis após o culto. Além das falas, pude perceber intimidade entre as pessoas das igrejas pesquisadas. Sempre se cumprimentavam de forma alegre e carinhosa.

Depois de algumas entrevistas, comecei a perguntar aos pastores se eles achavam que Uberlândia é uma cidade religiosa. A maioria disse que sim, mas que era necessário um trabalho contínuo pela fé. Dois pastores afirmaram ter conhecido o evangelho de Deus nessa cidade quando adultos e, posteriormente, mudaram-se para ela. Então falam da urbe como se ela os tivesse libertado.

Como visto no capítulo 2, a quantidade maior de igrejas foi encontrada em bairros periféricos da cidade, que apresentam estruturas precárias. Há muitos comércios, bares, salões de beleza, supermercados e outros, mas não há subpostos da prefeitura, bancos ou qualquer estabelecimento para se obter documentos pessoais. Em termos de saúde, a situação também é falha. As Unidades de Atendimento Integrado da Saúde (UAIS) da cidade encontram-se em bairros mais antigos e são afastados para quem está longe do centro e nas periferias. Também não há espaços, instalações e equipamentos de lazer para essa população. As dificuldades encontradas são muitas, o que acaba favorecendo o crescimento das igrejas evangélicas como espaço de convívio e até mesmo de lazer. Com poucas opções de vida pública, os cultos tornaram-se alternativa de deslocamento e diferenciação do caminho trabalho/casa. A rigor, as igrejas constituem o principal espaço de sociabilidade e reposição de laços afetivos, como visto acima.

Em uma igreja do bairro Minas Gerais conheci uma fiel muito dedicada à igreja e, por isso, a pastora atual a consagrou missionária, apesar de seu pouco tempo de participação na comunidade; deseja que ela se torne pastora. A fiel chamada Luzia é uma jovem nortista de 22



anos, que há 4 anos se mudou para Uberlândia com a irmã Cátia e seus sobrinhos, para ajudá-los na nova vida, desde que a irmã conseguiu um emprego na cidade. Em pouco tempo, Cátia ficou sem o emprego e regressou à terra natal com os filhos, mas Luzia não quis ir, pois sentiu que “Deus não queria que eu fosse embora”; então ficou.

Evangélica há muitos anos pela Assembleia de Deus, estava afastada da igreja, mas quando a irmã foi embora começou a trabalhar em um restaurante (também dormia lá, para não pagar aluguel) cujo dono era pastor de uma igreja, e, a convite dele, passou a frequentá-la. O pastor se separou de sua mulher, então saiu do ministério e o entregou para uma fiel. Esta, que não possui curso, tornou-se pastora. Aproximou-se de Luzia e a convidou para morar em sua casa. Luzia aceitou, começou a trabalhar como vendedora no centro da cidade e tornou-se missionária da igreja. Elas ficaram muito amigas, Luzia considera Cláudia como uma mãe.<sup>47</sup> Cláudia quer que a garota se torne pastora. Luzia, diz ainda não pensar nisso, “mas quem sabe um dia...”. Vemos aqui um exemplo de similaridade entre pastor e fiel que faz com este almeje ou considere fácil conquistar a posição de líder.

Nota-se que não há uma seleção, orientada por critérios, para se tornar pastor (a) nessa igreja. Não se busca uma pessoa com referências doutrinárias ou teológicas. Dessa forma, tem-se um (a) líder religioso não qualificado para o cargo, mas uma pessoa com experiência em observar o que seus pastores (as) anteriores faziam. Assim, assimila seus comportamentos e passa a reproduzir na prática esses ensinamentos. Essas pessoas reproduzem as experiências de vida e criam sua própria retórica baseada nelas, se autonomizando e não tendo como base a teologia; suas doutrinas se lastram, incorporando aspectos da vivência ordinária, que muitas vezes escapa dos preceitos bíblicos. Apesar desse apontamento, todos os pastores (as) afirmaram seguir apenas a Bíblia<sup>48</sup>, não fazem utilização de nenhum outro livro ou revista para os cultos, quando os utilizam é para escolas dominais. O que ocorre nessa igreja se identifica com as demais pesquisadas.

Talvez seja possível afirmar que não há *habitus* religioso instituído, consolidado nas igrejas pesquisadas e sim um *habitus precário* (SOUZA, 2003). Para este autor, o *habitus precário* abarca grupos sociais ou indivíduos que não encontram reconhecimento social significativo. Não são considerados úteis ou produtivos para a sociedade moderna. Nesse sentido, os evangélicos pesquisados instalaram-se em Uberlândia, inseridos no mercado de bens simbólicos e conquistaram espaço, mas não tão relevante a ponto de causarem destaque,

---

<sup>47</sup> Aqui podemos perceber a igreja cumprindo o papel de reposição dos laços afetivos, bem como a cidade de Uberlândia, que a acolheu.

<sup>48</sup> Exceto um pastor que disse utilizar apenas a Bíblia, mas no momento do culto havia a revista Sentinela, publicada e utilizada pelas Testemunhas de Jeová.



se diferenciarem das demais e inaugurarem uma 4ª onda evangélica. A sociedade não os enxerga, não existem disposições duráveis, ou seja, não há um *habitus* consolidado, como propõe Bourdieu.

Retomando o primeiro capítulo, com base ainda na teoria de Bourdieu, verificamos que deveria haver uma organização interna do campo religioso para amenizar as dissidências, mas não há, visto que o crescimento de várias igrejas diferentes não é controlado, pois não há alguém que o controle, como o papa na Igreja Católica, por exemplo. Cada igreja tem seu pastor e olha para si própria; assim a tendência é que as rupturas aumentem cada vez mais.

Em 2003 Mariano apontou para:

A emergência de algo até então absolutamente inédito no campo religioso brasileiro: o início da transformação de pequenas seitas pentecostais, mal organizadas e desprovidas de corpo burocrático, em empresas produtoras de bens de salvação, administradas segundo a lógica do mercado. (MARIANO, 2003, p. 118).

Nesse sentido é que se encontram as igrejas pesquisadas em Uberlândia: com forte inserção na lógica de mercado e produtoras de meios de salvação. São pequenas e possuidoras de *habitus precário*, mas mesmo assim se inserem na cidade, cada vez mais, em busca de espaço.

### 3. 7. Das denominações

A maioria dos pastores afirmou que sua igreja segue a linha pentecostal<sup>49</sup>. Negam ser neopentecostais devido à associação com o bispo Edir Macedo. Alguns pastores confundiam esses termos, então eu explicava brevemente cada um deles<sup>50</sup>. Às vezes, citava o bispo da Universal como exemplo para o seguimento neopentecostal. Sempre que ouviam o nome dele balançavam a cabeça indicando reprovação quanto à semelhança de suas igrejas. Talvez essa reação se dê porque Macedo constantemente se envolve em polêmicas relacionadas ao dízimo que ele arrecada dos fiéis. Contudo, apesar de os pastores entrevistados afirmarem que suas igrejas são diferentes da Universal, foi possível notar algumas características que os fazem serem considerados adeptos dessa vertente, como a ênfase na imposição de mãos e glossolalia<sup>51</sup>, liberação dos usos e costumes em relação à utilização de calças e cosméticos, no caso da mulher, assim como fazem uso dos meios de comunicação de massa, pois muitas

<sup>49</sup> Os que se consideram neopentecostais faziam questão de dizer que a prática do seu templo era diferente da Igreja Universal do Reino de Deus, exceto a “Igreja do Evangelho Resplendor de Cristo”, onde seu pastor afirmou seguir a Teologia da Prosperidade e que já frequentou a Mundial do Reino de Deus e a Universal.

<sup>50</sup> O termo “pentecostal” era o mais familiar a eles. Afirmaram que é a denominação em que há muitos louvores e músicas animadas. Alguns diziam “Somos pentecostais, como está no nome da igreja”.

<sup>51</sup> Essas características também são pentecostais, mas se reforçam e são mais utilizadas pelos neopentecostais.



igrejas têm rádio ou o pastor tem um programa, as igrejas tocam instrumentos musicais, como bateria e guitarra, veem o diabo como o causador de todos os males sociais. (ORO, 1996)

Contudo, também existem igrejas com atitudes conservadoras, onde mulheres não podem usar maquiagem e calça e há separação dos fiéis por sexo em dois lados na igreja. O pastor de uma igreja que possui características neopentecostais disse que, no dia a dia, as mulheres podem usar calça, mas na igreja prefere que usem saia e roupas comportadas, mas nada que seja proibido ou que gere expulsão caso alguém não siga o padrão. Para ele “é difícil deixar por conta do povo”, então colocam esse padrão para não virar bagunça.

O pastor Lucas<sup>52</sup> da igreja “Batista Fundamental<sup>53</sup>” afirmou que “a gente já perdeu fiel por não mudar, tem que ser flexível”, mas destaca que o que muda são os usos e costumes, como roupas, mas não a doutrina. A doutrina e a palavra de Deus seriam as mesmas. A igreja visitada com nome de “Batista”, à primeira vista se encaixa no modelo das igrejas tradicionais clássicas, mas segundo seu pastor, ela faz parte do movimento batista renovado, onde é possível cânticos e louvores. É mais avivada, faz mais uso de instrumentos (mas não toca *rock and roll*, por exemplo).

O pastor Lucas destaca essas modificações com as primeiras igrejas batistas, mas como o exemplo acima, há alguns gêneros musicais que não são tocados na igreja, ou seja, há um limite para essa mudança. Diferente de outras igrejas que estão abertas a qualquer tipo de modificação nos seus costumes e rituais, como as emergentes e inclusivas. Lucas ressaltou que a doutrina da “Fundamental” é a mesma das igrejas mais antigas, porém afirmou fazer uso da revista da igreja presbiteriana e também a da sua para ministrar cultos ou no estudo bíblico das crianças. Ele acredita que sua igreja se assemelha à “Assembleia de Deus”.

A igreja “Batista Fundamental” está presente em Uberlândia, no bairro Laranjeiras, há 4 meses<sup>54</sup>. O cômodo onde ela está instalada é pequeno, há cerca de 30 cadeiras de plástico e Lucas almeja alugar o cômodo em frente por ser maior, mas como é mais caro, ele se mantém onde está. Com isso, a igreja conta com 15 a 20 fiéis, mas no dia a visitei havia 5 pessoas, incluindo dois cantores. Evangélico desde que nasceu, em Ituiutaba, Lucas sempre frequentou essa igreja. Antes de ela ser aberta em Uberlândia, a única da cidade, ele atuava como pastor

---

<sup>52</sup> Quando fui à sua igreja ele estava na porta, então começamos a conversar sobre ela. Em nenhum momento me perguntou quem eu era e o que queria. Foi a única entrevista informal em que não necessitei explicitar a pesquisa e seus objetivos.

<sup>53</sup> Essa igreja não faz parte do objeto deste trabalho, mas como o pastor estava à sua frente quando passei, aproveitei a oportunidade para conversar e tirar uma dúvida. Seria aquela igreja Batista protestante?

<sup>54</sup> Dados de outubro de 2015.



em Araguari. Dedicar-se a essa função na igreja há 10 anos e sempre conciliou seu cargo com o trabalho.

A igreja que mais se aproximou da denominação neopentecostal foi a “Igreja Evangélica Essência do Amor”<sup>55</sup>. Fundada em 2011 no bairro Santa Mônica pelo pastor Augusto, tem 80 fiéis. Seu prédio é alugado, mas está em reforma<sup>56</sup>. Começaram com cultos em casa até alugarem esse cômodo. Mesmo vivendo um momento de expansão da igreja, o pastor pretende, futuramente, abrir filiais em outros bairros da cidade. Há chances de ter a igreja aberta em outra cidade, pois um casal que participava mudou-se para Itumbiara, onde pretendem abrir uma filial. Segundo Augusto sua igreja é bem agitada. Possui muitos momentos de louvor e animação e, para ele, quem “quer calmaria vai na Presbiteriana ou na igreja católica”. Afirmou que “o povo precisa de Deus e nós viemos fazer a diferença”, por isso faz questão em agregar pessoas necessitadas da cura divina, não recusa ninguém, “como outras igrejas fazem”, provavelmente se referindo às denominações evangélicas tradicionais, que não são adeptas ao proselitismo e não têm características de “salvar” enfermos, drogados, entre outros. Não querem “escandalizar a palavra de Deus”, tudo que fazem tem como base a Bíblia.

Durante a entrevista, o pastor sempre se referia a alguns versículos bíblicos como exemplos de sua fala. Ele não tem emprego atualmente, pois faz trabalho evangelizador visitando casas e quer mais tempo para se dedicar às tarefas da igreja. Segundo Augusto, que passou por várias igrejas antes de ter seu ministério, a diferença entre eles são as visões diferentes dos pastores e não do entendimento bíblico, por isso há várias igrejas distintas. Criticou igrejas com poucos fiéis, “são fracas”.

Houve pastores que, ao responder sobre qual denominação pertencem, afirmavam que: “Não levantamos bandeira pentecostal, neopentecostal. Não somos adeptos a nada, a não ser Jesus” ou ainda “Não temos rótulos de denominação, somos integrais”. Essa negação parece significar que esses conceitos, criados por intelectuais acadêmicos, não expressam nada para eles e não alteram suas práticas.

A igreja que mais se aproximou de um tipo ideal buscado nessa pesquisa é a “Comunidade Evangélica no Brasil Ministério GAUgau<sup>57</sup>”, que representa um novo tipo de igreja evangélica na cidade de Uberlândia, como se pode ver na fotografia abaixo:

---

<sup>55</sup> Durante toda a pesquisa, segui o perfil dessa igreja no *facebook*. Diariamente eles postam fotos e vídeos, sendo possível acompanhar sua rotina.

<sup>56</sup> Inclusive, um pedreiro contratado para fazer a obra passou a frequentar essa igreja por tê-la conhecido. Como fica perto da casa dele, não frequenta mais sua igreja anterior “Nova Vida” e diz preferir a atual.

<sup>57</sup> Segundo o Pastor Ronaldo significa “Glória que sobe, glória que desce”.



Fotografia 17 – Comunidade Evangélica no Brasil. Ministério GAUgau no loteamento Integração.



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Com uma proposta escrita no mural da igreja de cultos todos os dias, (das 7h às 22h e a cada 2 horas um pastor diferente pregaria) esse ministério revelou-se diferente dos demais. Essa disposição de atuação para Deus e fiéis ainda não havia se apresentado na cidade. Durante o mapeamento das igrejas em 2014 ela ainda não existia, passou a existir em 2015. Encontrei-a quando retornei a campo para entrevistar os pastores. Mas desde o primeiro dia que a vi no bairro Dom Almir ela estava fechada. Perguntei a um morador que é o locador do prédio e pastor da “Assembleia de Deus Madureira”, e ele me disse que a igreja não estava abrindo todos os dias, mas estava funcionando. Retornei alguns dias depois e não encontrei a igreja aberta.

No último dia em que fui visitá-la, em fevereiro de 2016, a placa com o nome não estava mais lá. Novamente, fui à casa do pastor locador Ronaldo para ter notícias sobre o que havia acontecido. Ele me disse que foi fechada, tendo permanecido lá por três meses. Disse-me que o motivo foi que os cultos estavam acontecendo até à 0h, o que fez com que alguns fiéis não a frequentassem mais, pois ficava tarde para irem para casa. Outro motivo foi que o líder religioso da “GAUgau”, Ernane, não conseguia muitos pastores disponíveis para pregarem de 2 em 2 horas. O locador do imóvel pregou algumas vezes no ministério “GAUgau”, mas como ele tem outra igreja e trabalha fora, não tinha muito tempo disponível. Ernane queria alguém que orasse das 10h às 15h, uma espécie de vigília na igreja, mas também não houve ninguém disponível<sup>58</sup>. Outro dado importante que Ronaldo revelou foi que

<sup>58</sup> O que reforça os dados de que a maioria dos pastores (as) das pequenas (micro) igrejas precisa trabalhar.



conhecia Ernane há um tempo, pois frequentava sua igreja, mas não sabia que ele era pastor. Ficou sabendo quando este pediu para alugar o imóvel<sup>59</sup>. No início do ministério surgiram muitos fiéis, mas depois começou a acontecer um esvaziamento. Com tantas barreiras, foi inevitável o fechamento. Será que Uberlândia ainda não está preparada para este tipo de igreja inovadora?

### **3. 8. Vivências religiosas**

A maioria dos fiéis e pastores entrevistados era de católicos na crença de origem, geralmente não frequentes aos seus rituais e que se converteram à religião evangélica por uma igreja, mudando para outras até aderirem à atual, no caso dos fiéis, ou abrirem a própria no caso dos pastores. Depois de algumas entrevistas realizadas, percebi a necessidade de uma pergunta e a acrescentei no questionário: “Algum fiel desta igreja saiu dela para abrir outra?”. A maioria dos pastores disse não ter acontecido isso, contudo os que disseram “sim”, justificaram as razões desse trânsito religioso com respostas similares: “Porque não tinha o que eles queriam, então foram pra outra”; “Tem que ficar onde se sente bem”; “Quem não está fica satisfeito, procura outra”. Assim, a teoria de Almeida (2006) exposta no segundo capítulo se confirma, no sentido de que o fiel escolhe a religião que é melhor para si naquele momento de sua vida. Percebe-se a exaltação do “estar bem” e ser feliz assim. O pastor da “Igreja do Evangelho Resplendor de Cristo”, que frequentou várias denominações até estar na atual, disse: “Tem que estar bem onde está, mudei muito de ministério, não tem diferença entre eles”. De acordo com todos os pastores não há diferenças doutrinárias das igrejas que eles estavam e a que estão atualmente. O que muda são as formas, por exemplo, uma comunidade é mais animada que a outra, possui mais instrumentos, louva mais, possibilita mais espaço de participação, entre outros.

Uma fiel da igreja “Fogo Celestial”, do bairro Laranjeiras, que era católica de origem, converteu-se há dez anos à religião evangélica pela Assembleia de Deus Missão, que continua frequentando e acredita que é mais rígida que a “Fogo Celestial”. Fez pós-graduação em Ciências da Religião e explicou as diferenças das denominações evangélicas. Pela prática, confirmou a teoria de que a “Assembleia de Deus” (pelo menos a que ela frequenta) é mais rigorosa que as que estão surgindo nos dias de hoje. Disse frequentar as duas, pois se sente

---

<sup>59</sup> Pode ser que Ernane de fato não fosse pastor, mas resolveu abrirem uma igreja e assim teve legitimidade para tal cargo.



bem nelas, se identifica. Rogéria criticou igrejas como a “Universal do Reino de Deus”, afirmando que estão interessadas somente no dinheiro dos fiéis.

Alice, uma fiel da Igreja “Templo da Vinha”, a frequenta há pouco tempo. Veio da Igreja Adventista, mas por desentendimentos que não quis dizer quais, saiu há um tempo e estava sem religião. Depois de um período sem frequentar nenhuma igreja, resolveu voltar para a Adventista e em seguida, ficou sabendo do “Templo da Vinha” através de uma vizinha, e resolveu conhecer. Atualmente frequenta as duas, mas seu objetivo é frequentar apenas uma. Alice e Rogéria foram as únicas fiéis entrevistadas que vivem um trânsito religioso entre evangélicos, ou seja, frequentam duas igrejas ao mesmo tempo.

Desse modo, fica entendido que os fiéis das igrejas pesquisadas possuem vínculos relativamente firmes e estáveis com as igrejas que estão frequentando, o que não significa que não possam mudar de igreja futuramente; mas, no momento, há um pertencimento exclusivo. Ao perguntar: “Você frequenta outras igrejas, além desta?” respondiam firmemente: “Não!”. Outra fiel da igreja “Templo da Vinha” a frequenta desde seu início, há 6 anos, e se manifestou quanto ao trânsito religioso: “Não pode ficar mudando não, senão Deus não abençoa né?! Tem que ficar em uma só”. Anteriormente, ela frequentava a Igreja Quadrangular que criticou, dizendo que lá é “Mais teatro do que tudo, muita dança, se eu quiser dançar eu vou pra rua né?! Não vou pra igreja (...). Não gosto de muito barulho, gosto de lugar que tem paz”. A pastora que estava perto e escutou a fala da fiel deu uma risada e acrescentou: “Lá tem bateria!”. Na sua igreja existe apenas violão.

As igrejas que mais crescem hoje em dia são caracterizadas por seu aspecto animado nos cultos, muitos cânticos e encenações, mas para essa fiel a melhor igreja é a mais calma. Contou também que na Quadrangular as pessoas vão bem vestidas, parecem se importar com roupas, enquanto na que está não vê essa preocupação. Afirma gostar de tudo nos cultos da igreja que frequenta.

Mas, como as igrejas pesquisadas, em sua maioria, são recentes, tendo de um mês a quinze anos de existência, quem era evangélico anteriormente, logicamente, pertencia a outra denominação. E estes foram a maioria. As justificativas de mudança de igreja variaram muito entre pastores e fiéis. Aqueles tinham como argumento o fato de que Deus quis, Deus revelou que eles deviam abrir uma igreja, que foi um chamado para proclamarem a Palavra para mais pessoas, e salvar almas. Assim, reconheciam a necessidade de acolher as pessoas, fossem drogados ou bandidos. É essa força espiritual, esse chamado que guia os pastores, até mesmo aqueles que não queriam abrir uma igreja, pois, segundo os depoimentos de alguns, é difícil e



trabalhosa a manutenção, restando lembrar que quase sempre reiteram que “com a ajuda Dele tudo é possível”.

Também houve casos em que as igrejas estavam passando por períodos de turbulência e foram fechadas. Em situações constatadas na pesquisa, com o fechamento, a pessoa mais próxima do pastor resolveu abrir sua própria igreja e levou consigo os fiéis. Também houve depoimento de um pastor que disse ter encontrado irregularidades na administração da sua comunidade, bem como irresponsabilidade do seu dirigente; ficou decepcionado e resolveu sair e montar seu próprio templo.

A questão de gênero também teve papel importante para a intensificação do trânsito religioso pois, como visto, em algumas igrejas a mulher não pode atingir posição de destaque. Em alguns casos, houve discriminação ou rejeição por buscarem cargo maior na igreja; então saíam em busca de igrejas mais inclusivas<sup>60</sup> e democráticas. Por essa não adequação a algumas igrejas, vemos o trânsito religioso seguir seu curso e fazer com que exista uma *elasticidade no pertencimento às denominações*, conforme apontado no capítulo 2, tópico 3 desta dissertação.

A pastora da “Igreja Pentecostal o Poder da Fé” e seu marido pertenceram por 12 anos à igreja “Salva Vidas”, mas há 7 resolveram abrir sua própria. Segundo ela, tiveram essa atitude pois receberam um chamado de Deus e também pelo fato de o pastor da “Salva Vidas” “não pensar em fazer a igreja crescer”, pois focam em tratamentos de recuperação de viciados, então não acolhem muitas pessoas. Contudo, segundo a pastora Ana, agora ele está “se atualizando e sua igreja já é pentecostal, o pastor abriu a mente”. Afirmou que outro casal saiu dessa igreja para fundar outra no bairro.

Com sete anos de existência, ela afirma que não é fácil manter uma igreja: “as pessoas acham que é fácil abrir igreja, mas não é, a gente não tem ajuda de prefeito, como outras igrejas, a gente paga IPTU, tudo certinho, manter é difícil”. Mesmo assim, ora para abrir outro ministério. Ela e seu marido não têm formação de pastor (a), apenas “prática, dia a dia, experiência”. Eles possuem “visão de abrir almas”. Acredita que Deus dá o necessário, então não é adepta da T.P. até porque “se a gente tiver tudo, pra que procurar Deus?”.

Seus dois filhos adolescentes não frequentam a igreja, disse que fazem faculdade e “fica corrido”. Nenhum pastor (a) tradicional, ou até mesmo algumas linhas que são

---

<sup>60</sup> Inclusivas no sentido de que incluem a mulher na cena religiosa e não no sentido da origem do termo “igreja inclusiva”, que são igrejas formadas por gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais que sofrem discriminação dentro das igrejas tradicionais e então, decidem formar a sua comunidade.



pentecostais, não aceitariam tal situação. Percebe-se uma flexibilidade desses novos pastores, que só tiveram esse título, mesmo sem formação, quando abriram a sua própria igreja. Também são flexíveis quanto à vestimenta, pois havia um fiel com a camisa do time de futebol Flamengo, o que é considerado falta de respeito por algumas igrejas, pois significa que a pessoa é fanática por futebol, o que exclui a adoração ao Senhor. Outro fato inusitado no momento do culto foi que o pastor disse “sai do celular e vem receber Jesus”, pois havia dois homens mexendo no aparelho. Passados uns minutos, um deles se retirou para atender uma ligação.

A utilização do telefone celular na hora dos cultos ocorreu em várias igrejas que visitei, mas apenas nesta foi chamada a atenção do fiel; porém, não só eles cometeram desrespeito. Houve caso de algumas igrejas, não a maioria, em que os pastores estavam do lado de fora conversando, quando o culto já havia se iniciado e estava no momento de louvor dos fiéis. Poderíamos dizer que nesses dois casos há uma reciprocidade de não atenção. Essas atitudes significariam desrespeito não só para com as pessoas, mas também a Deus, que é a principal razão desse encontro religioso.

As justificativas dos fiéis quanto ao trânsito religioso entre as diferentes denominações evangélicas também variaram muito. Alguns trocaram de igreja porque foi aberta outra mais perto de sua casa ou eles mudaram de cidade e não havia aquela denominação, então foram obrigados a frequentar outra. Há ainda relatos de que a igreja anterior valorizava quem se vestia bem para ir aos cultos e isso afetava quem não seguia essa “regra”. Ou ainda o fato de que “só a filha do pastor cantava”. Gustavo, autor dessa fala, é fiel da igreja Essência do Amor onde tem um lugar de destaque, onde canta, lê a Bíblia e dá testemunho. Jovem de 16 anos e há 2 na igreja, que existe há 4, um outro fiel disse no dia da entrevista: “Ele será pastor”. Gustavo apenas sorriu. Em sua igreja anterior, “Deus é Amor”, não havia muito espaço para ele, como relatado acima. Percebe-se então a busca por um lugar de reconhecimento na igreja. Mas não basta apenas orar e conseguir graças, é necessário ser notado.

As falas dos entrevistados sempre eram de rejeição à igreja anterior e exaltação à atual, diziam que esta “é mais animada”, “menos rígida”<sup>61</sup>, “acolhedora”, “familiar”, as pessoas são

---

<sup>61</sup> No sentido de maior liberdade na vestimenta das mulheres. Interessante notar que em muitas igrejas que fui havia mulheres usando calça, mas ao perguntar para o pastor se ele realmente não se importa, disse que não tem problema enquanto a fiel é recém-chegada na igreja, depois de um tempo ela vai entender o chamado de Deus e a necessidade de mudar o vestuário. Mas o que ocorre é que depois desse tempo pode ser que ela não compreenda essa obrigação e saia da igreja em busca de outra mais aberta aos costumes.



mais “legais”, entre outros adjetivos. Percebemos então que essas diferenças foram decisivas para o trânsito religioso e não a doutrina, que segundo eles, é a mesma.

Podemos afirmar, com base nas entrevistas feitas com os fiéis, que o trânsito interno entre os evangélicos tem como origem as rupturas causadas por dissidências com gestores da igreja anterior ou entre os próprios fiéis. A questão de ter liberdade e destaque para conduzir os cultos, semelhante ao pastor, influencia diretamente a permanência em uma comunidade religiosa. E faz com que os envolvidos passem a representar, a se tornar uma pessoa que nunca haviam sido.

Há casos de pessoas extremamente tímidas, mas quando chegam ao púlpito se transformam. Seria a sobreposição do destaque diante da timidez? Ou o discurso de que se deve servir ao Senhor teria falado mais alto? Erving Goffman (2004) nos auxilia a compreender essas atitudes. Em seu estudo sobre a representação dramática das pessoas no cotidiano, utilizou-se da seguinte frase de Sartre para explicar os sentidos das representações: “O aluno atento que deseja *ser* atento, olhos fixos no professor, ouvidos bem abertos, consome-se tanto em representar o papel de atento que termina por não ouvir mais nada”. (SARTRE, 1956, p. 60 apud GOFFMAN, 2004, p. 39)

Isto é, os fiéis recém-convertidos que nunca estiveram em posição de importância na vida, quando passam a frequentar cultos se esforçam ao máximo para serem vistos na igreja, podendo assim conquistar um lugar de destaque. Mas o esforço pode ser tão grande que o fiel pode ter o mesmo fim do aluno e *não ouvir mais nada* das pregações.

Contudo, se sua representação for capaz de convencer o pastor e este se aproximar do fiel tornando-o importante, podemos ter o resultado encontrado em muitas igrejas: a reprodução de um discurso baseado em experiências que a pessoa obteve com seu pastor, tudo que ela viu e ouviu e não nas doutrinas religiosas. Nessa perspectiva, a expansão das igrejas pode aumentar e obter êxito na conquista de fiéis, na medida em que o que eles esperam de uma comunidade religiosa seja cumprido (curas), mas dificilmente serão novidades sociológicas diferentes das anunciadas até os dias de hoje.

Quanto à hipótese levantada neste trabalho, de que a flexibilização das crenças originais seria a causa do trânsito interno entre os evangélicos, mostrou-se inválida, pois a doutrina e a crença permanecem as mesmas, a maioria com semelhanças ao neopentecostalismo, como vimos. O que muda são as maneiras de exercê-las. A exemplo de um pastor que disse “não somos igual antigamente”. Sua fala foi direcionada para os rituais e não para doutrinas.



Outra hipótese derrubada é a de que os evangélicos pesquisados não se enquadram na categoria de “evangélicos não determinados”, pois eles têm denominações, apenas há muita circulação entre elas. Mas quando pertencem se determinam, se classificam.

Como visto nesse tópico, a maioria dos pastores das igrejas pesquisadas em Uberlândia pertencia a outra denominação antes de ter a sua própria igreja. Muitos disseram ter mudado de vida para melhor, junto com sua própria comunidade, diziam até que, sendo um desejo de Deus, não tem porque ser ruim ou não dar certo. A maioria das igrejas teve origem com reuniões em uma residência, ou do pastor ou de algum fiel. Depois de reunir significativa quantidade de pessoas e ter oportunidade para alugar um cômodo, o faziam. Esse cômodo, que pode ser pequeno ou grande, é considerado sagrado pelos evangélicos por ser o seu templo, que é o local de cura, libertação dos males e um meio para se obter uma vida bem sucedida. Para Campos:

Os templos neopentecostais contêm sempre um palco e uma plateia e, muitas vezes, um corredor por onde o animador da plateia passa distribuindo bênçãos, toques sanadores e palavras abençoadas. Assim, junto com os pastores e obreiros, o povo participa e constrói o momento litúrgico, com muita ação e pouca contemplação. Nesse espaço, é possível encontrar os “oráculos de Deus”. É nesse sentido que o lugar de reuniões e cultos é considerado “casa de Deus”, metáfora que traz consigo uma promessa que, para se concretizar, exige uma interferência de um “Deus dos milagres”. (CAMPOS, 1997, p. 137)

Mesmo que este trabalho não tenha como foco as igrejas neopentecostais e nem mesmo os pastores se denominem como tal, seus templos possuem as características descritas acima. Desse modo, é importante para eles terem um espaço, uma “casa de Deus” para se reunirem, fazer pedidos e conclamarem bênçãos.

Das igrejas pesquisadas, 15 não têm filial. São únicas na cidade de Uberlândia e no Brasil. Mas algumas pretendem expandir seu capital religioso. As demais 24 igrejas têm filial por vários cantos do Brasil, algumas são elas mesmas filiais. Contudo, em sua maioria as filiais estão em Uberlândia, logo são comandadas pela própria pessoa que fundou a igreja matriz e não alteram muito sua administração. Elas continuam sendo igrejas pequenas e autônomas. A intenção dessa pergunta era a de saber até que ponto as igrejas pesquisadas são independentes, no sentido de não dependerem de outra comunidade maior, seja em termos financeiros ou de doutrina.

Elas apenas não se encaixam exatamente no conceito de igrejas emergentes, inclusivas ou novos movimentos religiosos, apresentados ao longo desta dissertação. Não por possuírem filial, mas pelo fato de não constituírem mudanças doutrinárias, que não foram constatadas na



literatura sociológica e antropológica. Então, para além de independentes, caberia a elas o nome de micro igrejas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial suscitada nesta dissertação era a de que os evangélicos das igrejas identificadas por uma profusão enorme de denominações novas e variadas estavam se expandindo cada vez mais e podiam representar uma proposta nova de doutrinação evangélica. Diferentes dos evangélicos clássicos, neoclássicos, pentecostais ou neopentecostais, essas igrejas representariam vertentes novas entre os evangélicos, formando um grupo religioso capaz de alterar de forma significativa a composição das denominações evangélicas não apenas na cidade de Uberlândia, uma vez que têm surgido em todo o Brasil. As consultas à literatura que trata da expansão das igrejas evangélicas no Brasil em anos recentes não permitiram saber ao certo se representavam a proposição de uma variante doutrinária nova, seja na retórica das pregações, nas práticas dos cultos, nas estratégias de conquista de fiéis. Entretanto, durante a pesquisa de campo para este estudo, a hipótese inicial foi sendo modificada para outra, a de que essas igrejas não eram tão diferentes das anteriormente classificadas e conhecidas pela literatura sociológica e antropológica sobre os evangélicos no Brasil. Em sua maioria, suas pregações, práticas rituais e estratégias de atração de fiéis são semelhantes às observadas nas igrejas das variantes que têm denominações neopentecostais, a despeito de um grande número de seus dirigentes em Uberlândia negarem isso. Portanto, não há novidades significativas em suas doutrinas e práticas religiosas para o universo evangélico, por mais que suas variadas denominações sugiram a emergência de algo como “cada pastor uma igreja”.

A atomização que essas igrejas sugerem ter provocado no universo de templos evangélicos não constitui exatamente um fenômeno de dissidência, na medida em que não trazem novas visões e perspectivas e, por isso, não ampliam o pluralismo religioso no Brasil. Compreende-se, então, que surgiram da liberdade religiosa que o cristianismo teve no Brasil e que se ampliou ainda mais na medida em que o catolicismo refluíu nas duas últimas décadas. Surgiram, também, da diversidade interna que os evangélicos têm processado desde que suas denominações clássicas sofreram dissidências.

Contudo, a pesquisa também indicou que seus pastores e fiéis se diferenciam dos adeptos das igrejas evangélicas mais consolidadas em alguns aspectos. É inegável que a religião evangélica como um todo tem crescido cada vez mais no Brasil e exercido influência em diversos setores da vida social, mas, no aspecto numérico, ainda se destacam os evangélicos históricos, clássicos, pentecostais e neopentecostais, ou seja, as denominações



conhecidas no ambiente acadêmico e não as igrejas que são objeto deste estudo. No caso destas, por atuarem como “independentes” das denominações dominantes e parecerem “emergentes” por suas denominações variadas, os resultados da pesquisa de campo em Uberlândia sugerem a ideia de ser “micro igrejas”. Sendo atomizadas e de número incerto, do ponto de vista de sua posição no campo dos evangélicos, seus próprios pastores e adeptos admitem não terem alcançado, ainda, reconhecimento social significativo, conforme o conceito de *habitus precário*, proposto por Jessé Souza (2003) e aplicado neste trabalho para analisarmos a condição de inserção e manutenção dessas igrejas. Descobriu-se que elas enquadram-se como contraponto ao *habitus* consolidado, de Pierre Bourdieu (1972).

Outra constatação diferencial importante é que suas práticas de arregimentação de fiéis parecem ser mais flexíveis que as observadas na maioria das igrejas neopentecostais. Os pastores declaram, em maioria, não se importar que mulheres usem maquiagens, vestuários diversos, assim como acolhem drogados, aceitam que fiéis e até seus filhos não compareçam sempre aos cultos. Parecem, assim, compreender sua condição emergente e carente de reconhecimento. Mas não são capazes de inovarem nesse aspecto, uma vez que outras igrejas assemelhadas a elas também são flexíveis em uma ou outra conduta. Em alguns aspectos são tão conservadores como suas congêneres, pois repetem o ataque às religiões afro-brasileiras e disseminam preconceitos de gênero.

Entre os aspectos de flexibilidade que diferenciam as igrejas aqui pesquisadas das suas congêneres, também é possível destacar a possibilidade de qualquer fiel se tornar pastor (a) e ter seu próprio templo. Sobre isso, vale lembrar que muitos pastores e, principalmente, pastoras, por força de preconceitos de gênero, declararam ter abandonado suas igrejas evangélicas iniciais para abrir seus próprios templos. Também vale destacar que muitos pastores começaram a exercer a função sem qualquer formação teológica por meio de cursos ou atividades similares, fundamentando sua atuação no aprendizado pela observação de pastores experientes de suas igrejas anteriores. Nesse sentido é que se apresenta o interesse religioso e a disputa nesse campo. Mas, vale ressaltar que o acesso à hierarquia eclesial não é elitizado, nem tampouco, democrático, conforme aponta Ricardo Mariano (2003). Ademais, os gestores tentam convencer os leigos de que há um caráter sagrado na função do pastoreio, que é necessário dispor de uma “qualificação especial”. (BOURDIEU, 1974).

Uma constatação importante foi que a maioria das igrejas é composta por pastores e fiéis de origens sociais humildes. Em vista disso, os pastores não podem deixar de trabalhar para se dedicarem exclusivamente às igrejas, razão apontada por alguns deles para a



difficuldade de crescimento significativo de suas comunidades, visto que têm pouco tempo para dedicação ou investimentos nas igrejas. Esta foi a razão apontada também para se ter uma suposta proposta inovada, como a da “Comunidade Evangélica GAUgau”, cujos dirigentes propuseram uma igreja que funcione com cultos das 7h às 19h, sendo necessário que o pastor esteja sempre presente. Argumentaram ser importante conhecer pessoas com disponibilidade de tempo e, no caso dessa comunidade, era necessário ter ajuda de outros pastores para conseguirem dar conta da proposta de ter a cada duas horas um pastor diferente para os cultos. Neste aspecto, percebe-se que a intenção de crescer, “expandir suas comunidades”, é permanente entre os pastores das igrejas pesquisadas, a despeito de muitos fazerem críticas às igrejas das denominações mais consolidadas, alegando que só pensam em angariar fiéis para obter lucro. Durante a pesquisa, percebeu-se com clareza que boa parte das igrejas pesquisadas possui apenas uma porta de entrada e poucos fiéis, mas, mesmo assim, seus dirigentes veem um futuro próspero para suas igrejas.

O tamanho reduzido das igrejas pesquisadas pode ser bem percebido pelo número pequeno de seus adeptos, que tanto podem ser efetivamente fiéis como podem eventualmente frequentar outras igrejas evangélicas, pois quase todos os entrevistados afirmaram ter experiências em outra religião ou denominação evangélica. Desse modo, os fiéis dessas igrejas parecem aderir ao templo que lhe agrada em determinado período de sua vida, não se preocupando em pertencer de forma cativa a alguma igreja ou a uma identidade religiosa definitiva, o que confirma a teoria de Almeida (2006) exposta nesta dissertação.

Por fim, vale destacar mais uma constatação relevante a título de conclusão deste trabalho, que foi a rapidez com que se dão a abertura e o fechamento das igrejas evangélicas pesquisadas. Em dois anos de pesquisa observou-se uma grande quantidade de micro igrejas que mudaram de lugar, fecharam ou surgiram. Essa movimentação reflete a instabilidade dessas igrejas na inserção que buscam ter no campo dos evangélicos em Uberlândia. Isso sugere que não estão consolidadas e desse modo não são passíveis, pelo menos até o momento, de causarem impacto significativo na composição dominante dos evangélicos na cidade.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo R. M. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: **As religiões no Brasil: continuidade e rupturas**. Faustino Teixeira; Renato Menezes (Org.) Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. A universalização do reino de deus. **Revista Novos estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 44, p. 12-11. 1996.

\_\_\_\_\_. Religião em Transição. In: Martins, Carlos B. (coord.) e Duarte, Luiz F. D. (Org). **Horizontes das Ciências Sociais**. Antropologia, São Paulo, Anpocs, 2010.

\_\_\_\_\_. Religião na metrópole paulista. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 19, n. 56, out 2004.

\_\_\_\_\_. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. In: **Religião e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. Ronaldo de Almeida; Clara Mafra (Org.). São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, vol. 15 n. 3, p. 92-101, jul, set 2001.

BBC BRASIL. **Nas redes sociais, feministas evangélicas se unem contra duplo preconceito**. Disponível em: <  
[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729\\_salasocial\\_evangelicas\\_feministas\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150729_salasocial_evangelicas_feministas_cc)> Acesso em: 15 de mar 2016

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p.9-24, 2001.

BITUN, R. Trânsito religioso. In: **Igreja Mundial do Poder De Deus - Rupturas e continuidades no Campo Religioso Neopentecostal**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila et. al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.



BRANDÃO, C. R. Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentidos, crenças e religiões no Brasil de hoje. **Revista Estudos Avançados da USP**. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 1974

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e mercado**. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CAMURÇA, M. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. **BIB**, São Paulo, n. 56. P. 55-69, 2º semestre, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, vol. 39, n. 1, pp. 13-37, 1996.

COERÊNCIA CRISTÃ. **Entrevista com o Pastor Valdir Moraes da Costa, presidente do CONPAS Uberlândia**. Disponível em: <http://coerenciacrsta.com/2014/02/16/entrevistapastorvaldir/> Acesso em: 5 ago. 2015

CÔRTEZ, Mariana. A configuração flexível da expansão neopentecostal na sociedade brasileira contemporânea. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, XI 2011, Salvador. **Anais...** Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894\\_ARQUIVO\\_Artigo-CongressoLusoAfroBrasileiro-2011-MarianaCortes.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308352894_ARQUIVO_Artigo-CongressoLusoAfroBrasileiro-2011-MarianaCortes.pdf) Acesso em: 24 jun. 2011

\_\_\_\_\_. **O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.



CORREIO DE UBERLÂNDIA. **Aumenta o número de católicos e evangélicos em Uberlândia.** Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/aumenta-o-numero-de-catolicos-e-evangelicos-em-uberlandia/>> Acesso em: 17 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Instituições religiosas com sede própria terão isenção de IPTU padronizada.** Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/instituicoes-religiosas-com-sede-propria-terao-isencao-de-iptu-padronizada/>> Acesso em: 27 jan. 2016

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

CRIVELLA, Marcelo. **Lula e Dilma ajudam os pobres, que dão mais dízimo, diz ministro da Pesca.** Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-e-dilma-ajudam-os-pobres-que-dao-mais-dizimo-diz-ministro-da-pesca,1012125>> Acesso em: 19 nov. 2015.

CRUZ, Anna C. A. **Evangélicos na cidade templária de Romaria – MG.** 2013, 106 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

\_\_\_\_\_. Expansão evangélica e mobilidade religiosa em Uberlândia - MG. In: Terceira Jornada em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

DA MATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. IN: Ruth CARDOSO (Org.) **A Aventura antropológica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ESTUDOS BÍBLICOS. **O Papel das Mulheres no Plano de Deus.** Disponível em: <<http://www.estudosdabiblia.net/d31.htm>> Acesso em: 31 de mar 2016

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. Beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: **Uma nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



GINZBURG, Carlos. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2004

GOSPEL +. **O Papel da mulher cristã**. Disponível em: <<http://estudos.gospelmais.com.br/o-papel-da-mulher-crista.html>>. Acesso em: 31 de mar 2016

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. **Bairro Canaã revela particularidades nesses mais de 20 anos de existência**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/11/bairro-canaa-revela-particularidades-nesses-mais-de-20-anos-de-existencia.html>> Acesso em: 25 ago. 2015

HISTÓRIA DA ARTE. **Escadarias, frontão e colunas**. Disponível em: <[http://historiadaarte1qui.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://historiadaarte1qui.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html)> Acesso em: 24 ago. 2015

IBGE. **Características gerais religião**. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_De\\_ficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_De_ficiencia/tab1_4.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2012

IBGE. **IBGE divulga as estimativas populacionais dos municípios em 2015**. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2972>> Acesso em: 07 set. 2015

IGREJA METODISTA RENOVADA. **Reunião de pastores CONPAS**. Disponível em: <<http://metodistarenovadauberlandia.com/portal/reuniao-de-pastores-conpas-fev-2014/>> Acesso em: 25 jan. 2016

JACOB, Cesar Romero (et al.). **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

JUNQUEIRA, Ivanilda A. A. Olhares sobre a cidade: Uberlândia (1940-2005). In: **XVIII ENCONTRO REGIONAL (ANPUH-MG)**, Mariana, 2012.



MAFRA, Clara. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: **Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. Ronaldo de Almeida; Clara Mafra (Org). São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARIANO, R. Competição e pluralismo religiosos na esfera política: a concordata e a Lei Geral das Religiões 2010. In: **34º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=1293&Itemid=350](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1293&Itemid=350)> Acesso em: 4 ago. 2015

\_\_\_\_\_. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2003.

\_\_\_\_\_. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados da USP**. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

\_\_\_\_\_. **O “boom” pentecostal**. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/42818\\_O+BOOM+PENTECOSTAL](http://www.istoe.com.br/reportagens/42818_O+BOOM+PENTECOSTAL)> Acesso em: 27 out. 2012

\_\_\_\_\_. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. **Revista Novos estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 44, p. 24-44. 1996.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço*. Perspectiva Teológica, v. 43, n. 119, p. 11-36, 2011.

MARIZ, Cecília L. Secularização e Dessecularização: Comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 25-39, 2001

MEISTER, M. F. **Igreja Emergente, a Igreja do Pós-Modernismo?** Uma avaliação Provisória. Fides Reformata. São Paulo, Makenzie, vol. XI, nº 1, p. 95-115, 2006.

MESQUITA, F.; ANDREOZZI, S. O início do processo de industrialização em Uberlândia: Uma análise das primeiras indústrias até o Estado Novo. In: **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 1, n. 1, 2009.



MITCHELL, J. Clyde. A questão da quantificação na Antropologia Social. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos**. São Paulo: Global, 1987.

MONTERO, Paula. Magia, racionalidade e sujeitos políticos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 26, p. 72-89, 1994.

\_\_\_\_\_. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Revista Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 74, p. 47-65, 2006.

MOURA, G.; SOARES, B. A periferia de Uberlândia/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 1990. In: **Caminhos da geografia** – revista online, v. 10, n. 32, 2009.

OLIVEIRA, Sérgio F. dos Santos. **Poder e fragmentação na modernidade religiosa**: Uma análise da atomização neopentecostal em Sorocaba. 2009, 242 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

ORO, Ari Pedro. A Política da igreja universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. **RBCS**, v. 18, n. 53, 2003

\_\_\_\_\_. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. A religião como solvente – Uma aula. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 75, julho, pp. 111-127, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo, 2003

\_\_\_\_\_. **O retrovisor polonês**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1004200504.htm> Acesso em: 29 jul. 2015

\_\_\_\_\_. "Reencantamento e dessecularização - A propósito do autoengano em sociologia da religião." **Novos estudos CEBRAP**, nº 49: 99-117, 1997.



POPULAÇÃO UBERLÂNDIA – MG. **Distribuição das religiões me Uberlândia.** Disponível em: <[http://populacao.net.br/populacao-uberlandia\\_mg.html](http://populacao.net.br/populacao-uberlandia_mg.html)> Acesso em: 18 ago. 2015

PORTAL UBERLÂNDIA. **Moradores do bairro Celebridade passam a ter esgoto coletado para tratamento.** Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/5225/noticia.html>> Acesso em: 18 ago. 2015

PORTAL UBERLÂNDIA. **Prefeitura inicia pavimentação de ruas da região do Bairro Dom Almir.** Disponível em: <[http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/7767/prefeitura\\_inicia\\_pavimentacao\\_de\\_ruas\\_da\\_regiao\\_do\\_bairro\\_dom\\_almir.html](http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/noticia/7767/prefeitura_inicia_pavimentacao_de_ruas_da_regiao_do_bairro_dom_almir.html)> Acesso em: 18 ago. 2015

PS *MARKETING*. **Religião em Uberlândia.** Disponível em: <<http://psmarketing.com.br/estatisticas/socioeconomico/religiao-em-uberlandia>> Acesso em: 17 ago. 2015

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo social**, v.20, n.2, p.155-172, 2008

PRANDI, R. "Religião paga, conversão e serviço". **Revista Novos estudos CEBRAP**. São Paulo, n.45, jun. 1996.

SILVA, Thomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In. ORO, Ari Pedro e STEIL, Alberto (orgs.). **Globalização e religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica.** Editora UFMG. Belo Horizonte. 2003

\_\_\_\_\_. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2012.



SWATOWISKI, C. W. Texto e Contextos da Fé: O Discurso Mediador de Edir Macedo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 27, v.1, p. 114-131, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, 2005.

TEIXEIRA, F. O censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, n. 40, p. 27-56, 2006.

UIPI. **Cresce o número de fiéis evangélicos em Uberlândia**. Disponível em: <<http://uiipi.com.br/destaques/destaque-1/2013/07/24/cresce-o-numero-de-fieis-evangelicos-em-uberlandia/>> Acesso em: 24 jul. 2015

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. **Revista Estudos Avançados da USP**. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

\_\_\_\_\_. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VITAL DA CUNHA. Christina. **Traficantes evangélicos: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.15, 2008.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: **A aventura antropológica**. Teoria e Pesquisa. Eunice R. et al. Ruth C. L. Cardoso (Org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do Capitalismo** (edição de Antônio Flávio Pierucci). São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



\_\_\_\_\_. Psicologia social das religiões mundiais. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

\_\_\_\_\_. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

\_\_\_\_\_. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.



## ANEXOS

### ANEXO A – Lista por bairros das instituições religiosas pesquisadas em Uberlândia

<b>Bairros: Santa Mônica e Segismundo Pereira</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Sal da Terra
Santuário do Altíssimo
Evangelho Quadrangular
Unção Poderosa de Deus. Crísamis
Assembleia de Deus Madureira
Internacional Shekiná
Universal do Reino de Deus
Sara Nossa Terra
Batista do Amor
Essência do Amor
Maranata
Ministério Internacional do Avivamento
Assembleia de Deus Missão
Ministério Reino das nações
Congregação Cristã do Brasil
Ministério Levítico Boas Novas
Tabernáculo da Fé
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Igreja Adventista do sétimo dia
Igreja Deus provedor (Núcleo de oração)
Igreja Batista Betel
Igreja Presbiteriana
Igreja Cristã Evangélica “Jesus é o caminho”
Igreja Evangélica Cristo às nações
1ª igreja Evangélica Olaria de Cristo
Igreja Presbiteriana Luz e Vida
ADRA - Agência Adventista de desenvolvimento e recursos assistenciais
Metodista
Igreja Evangélica Avivamento da Fé
Avivamento da Fé
Metodista Wesleyana
Batista Ebenézer
Deus é Amor
Comunidade Cristã Vida Nova
Igreja de Deus no Brasil
Comunidade Semeadores de Cristo



Núcleo de Estudos Espirituais e Orientação Construção Civil	Fundação Ananda Reiki
--	-----------------------

<b>Igrejas Católicas:</b>
Santa Mônica
Nossa Senhora Perpétuo Socorro
Comunidade São Paulo
Matriz São Mateus
Católica sem nome
Comunidade Santo Antônio
São João Batista
Comunidade São José

<b>Terreiro</b>
Tenda Pai Domingos

<b>Centros espíritas:</b>
Centro Espírita Obreiros do Bem
Centro Espírita Auta de Souza

<b>Testemunhas de Jeová</b>
2 Salões Testemunhas de Jeová

<b>Bairro: Alvorada</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Metodista Wesleyana
Assembleia de Deus
Pentecostal Jesus <sup>62</sup>

<b>Igreja Católica</b>
Paróquia Cristo Rei

<sup>62</sup> Foi descoberto durante a pesquisa de campo que essa igreja, na verdade funciona como casa de oração. Não há cultos, e sim oração entre a família que utiliza a garagem da casa para tais finalidades e para quem deseja uma oração.



<b>Bairro: Morumbi</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Assembleia de Deus – Ministério São Bernardo do Campo
Ministério Pentecostal Rocha Eterna
Igreja Pentecostal Domínio de Cristo
Igreja Evangélica Palavra de Jesus Cristo
Igreja de Deus no Brasil
Assembleia de Deus
Igreja Evangélica Assembleia de Deus Missão
Assembleia de Deus Missão Soteria Roma
Mundial do Poder de Deus
Igreja Pentecostal de Cristo de Uberlândia (PCU)
Assembleia de Deus Madureira
Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil. Lugar de Refrigério
Assembleia de Deus Ministério Viver em Cristo
Templo Navarro do Amanhecer – Vale do Amanhecer (Salve Deus)
Pentecostal. Missão Evangélica
Assembleia de Deus, Bereana
Igreja Metodista Renovada
Sara Nossa Terra
Universal do Reino de Deus
Internacional da Graça de Deus
Igreja de Cristo
Assembleia de Deus Ministério de Uberlândia
Pentecostal de Missões Ministério Fogo do Altar
Assembleia de Deus Missão

<b>Testemunhas de Yehoshua:</b>
Yehoshua é a minha força

<b>Igrejas Católicas:</b>
Católica
Comunidade Divino Pai Eterno



<b>Bairro: Prosperidade</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Assembleia de Deus Madureira. Campo de Patrocínio
Igreja Pentecostal Missões Ministério Fogo do Altar. Campo de Bebedouro/SP
Igreja Adventista do Sétimo dia – Projeto Salomão
Igreja Assembleia de Deus. O Senhor é Justiça Nossa
Igreja Pentecostal Santidade do Senhor. Sede bairro Planalto. Pastor Adalberto
Igreja Brasil para Cristo (Prédio ao lado casa)
Igreja Casa de Oração (ao lado casa)
Igreja Assembleia de Deus Madureira. Sede Jd. Ipanema
Congregação Cristã
Igreja Missão Servos de Uberlândia
Assembleia de Deus do Brasil
Assembleia de Deus Ministério Fama

<b>Igreja Católica:</b>
Igreja Católica sem nome

<b>Bairro: Dom Almir</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Sal da Terra
Igreja do Evangelho Quadrangular
Ministério da Fé. Igreja Reino de Deus Vivo
Palavra da Verdade
Assembleia de Deus Missão aos Povos
Assembleia de Deus Madureira
Presbiteriana
Igreja Pentecostal Casa de Milagres
Assembleia de Deus Madureira. Campo de Patrocínio
Igreja Pentecostal de Cristo de Uberlândia
Igreja de Deus no Brasil
Universal do Reino de Deus
JP – Geração de Adoradores



<b>Bairro: São Francisco</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Igreja Cristã Evangélica do Avivamento. Campo de Paracatu
Pentecostal Jesus Cristo Vive em Mim
Igreja Quadrangular
Sal da Terra
Igreja do Evangelho Cristo para Todos
Passo a Passo com Jesus

<b>Bairro: Jardim Sucupira</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Assembleia Nova Jerusalém
Nova Jerusalém da Promessa
Igreja Cristã do Calvário. Ministério: Ide e pregai
Ministério Resgate Vida pra Jesus. Levando o Reino do Senhor aos Povos. Jesus é o caminho
Assembleia de Deus Missão
Igreja Evangélica Apostólica. Sede em Campinas
Igreja da Missão

Testemunhas de Jeová
----------------------

<b>Igrejas Católicas:</b>
Igreja Católica

<b>Bairro: Celebridade</b>
<b>Igreja evangélica:</b>
Assembleia de Deus Fé Renovada

<b>Bairro: Joana D'arc</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Assembleia de Deus Novo Templo



Igreja Pentecostal Unida do Brasil. O evangelho completo para o mundo.
Assembleia de Deus
Assembleia de Deus Madureira
Assembleia de Deus
Igreja de Deus – Vivendo em Cristo (Culto no lar)
O povo de Deus em Marcha
Assembleia de Deus Missão
Metodista Wesleyana (espaço emprestado)
Igreja Pentecostal Chamas do Fogo Celestial. Sede em Betim
Ministério Chama viva – Onde o Fogo não pode apagar
Igreja Monte das Viveiras
Deus é Amor
Igreja Pentecostal Paz de Deus Todo Poderoso
Batista Redenção
Igreja Pentecostal Betel – Missão Renovada
Comunidade Caminhando para Salvação

<b>Centro espírita</b>
Centro Espírita Esperança e Caridade

<b>Bairro: Jardim Patrícia</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Avivamento Bíblico
II Igreja Internacional Evangelho Pleno
Comunidade Evangélica Ser Livre
Igreja Evangélica Ministério Original
Igreja Batista do Evangelho Pleno (IBEP)
Mundial do Poder de Deus
Missão Seguidores de Cristo. Semeando terra fértil
Comunidade e Vida. Igreja em Células
Congregação Cristã
Maranata

<b>Igrejas Católicas</b>
Igreja Católica Paróquia Santa Isabel



<b>Bairro: Mansour</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Congregação Cristã no Brasil
Igreja Missão Servos de Uberlândia
Igreja Pentecostal Monte Sinai
Adventista do Sétimo Dia
Deus é amor
Deus no Brasil
Casa de Oração
Santuário da Graça Igreja Pentecostal Jesus é a vitória
2ª igreja Evangélica dos Irmãos
Sal da Terra
Igreja do Evangelho
Assembleia de Deus Missão
Ministério ATOS Cidadãos do Céu para as Nações
Igreja Metodista

<b>Igreja Católica</b>
Igreja Católica Sant'Ana

<b>Centro espírita</b>
Centro Espírita Joanna de Ângelis

<b>Bairro: Jardim Botânico, jd.gravátas e jd.granada</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Comunidade e Vida – igreja em células
Igreja Cristã Árvore da Vida
Igreja Adventista da Promessa
Deus é Amor
Igreja Pentecostal Tribo Jubá
Igreja Cristã Maranata
Igreja Evangélica Palavra da Verdade
Assembleia de Deus Missão
Missão Atos Comunidade Cristã
Igreja Batista Manancial de Águas Vivas
Igreja Adventista do Sétimo Dia
Igreja Metodista Betel – igreja em células



Casa de Paz (igreja na casa)
Assembleia de Deus Vila Nova

<b>Centro espírita</b>
Casa de Oração Espírita Sarapião Ribeiro

<b>Bairro: Laranjeiras</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Igreja Pentecostal Remanescentes de Cristo
Deus é Amor
Sal da Terra
Igreja Evangélica Vida em Cristo
Congregação Cristã no Brasil
Jesus Restaurando Vidas
Igreja Batista do Evangelho de Cristo (IBEC)
Igreja Quadrangular. Uma igreja 100% família
Igreja Presbiteriana Renovada da Família
Igreja Batista
Igreja Pentecostal Chamas de fogo celestial
Igreja Pentecostal Vida Nova – Domínio de Cristo
Assembleia de Deus - Ministério Nova Vida (Igreja na casa)
Igreja de Deus no Brasil
Sal da Terra
Assembleia de Deus Missão
Assembleia de Deus Bereana
Igreja Evangélica Cidade de Deus
Igreja Evangélica Quadrangular
Igreja Assembleia de Deus Semear
Igreja Cristã Ministério Fogo no Altar
Igreja Metodista Unida
Igreja Pentecostal Poder de Cristo
Igreja Presbiteriana Aliança
Igreja Pentecostal Restaurando servos
Igreja Cristã Universal Independente
Templo da Vinha (Lugar de vencedores)
Igreja Batista Filadélfia Avivada. Missão Batista Independente (de garagem)
Assembleia de Deus Madureira
Igreja Batista Manancial – Uma Igreja movida pelo Espírito Santo



Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil
Assembleia de Deus Madureira
Sem nome
Assembleia de Deus Missões
Igreja de Deus no Brasil
Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio de Cristo

<b>Centros espíritas</b>
Lar Espírita Maria Lobato de Freitas
Centro Espírita Cristã Ticôte

<b>Igrejas Católicas</b>
Comunidade São Francisco e Santa Clara
Igreja Católica em construção

<b>Bairro: Canaã</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Assembleia de Deus
Universal do Reino de Deus
2º Igreja Redenção e Graça
Igreja cristã
Igreja Evangélica Assembleia de Deus Madureira
Igreja Metodista
Assembleia de Deus Madureira
Igreja Evangélica Palavra da Verdade
Deus é Amor
Igreja Evangelho Quadrangular
Igreja Pentecostal o Poder da Fé
Assembleia de Deus Ministério Trono de Fogo
Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério Fogo do Altar. Ministério Formosa (GO)
Comunidade Vida. Igreja e Células
Congregação Cristã
Assembleia de Deus Missão Tradicional
Assembleia da Missão (diferente das Assembleias de Deus “missão” Clássicas)
Igreja Evangélica Pentecostal Jesus é o Poder
Assembleia de Deus Ministério Pedregulho SP
Igreja Adventista do Sétimo Dia



Igreja Protestante Clássica (em reforma)
Igreja Mundial da Seara de Deus
Igreja Universal Assembleia dos Santos
Igreja do Evangelho Quadrangular
Sal da Terra
Igreja Metodista Unida
Igreja Assembleia de Deus Monte Maria
Igreja Evangélica Nova Vida
Igreja Profética Monte Sinai
Igreja Mundial da Seara de Deus Ministério dos Milagres
Igreja Maranata
Igreja Pentecostal Paraíso dos Salvos
Igreja Evangélica a Palavra de Cristo no Brasil
Igreja Evangélica Renascer
I Igreja Internacional do Poder de Deus
Igreja Cristã Salva Vidas

<b>Igrejas Católicas</b>
Igreja Católica
Igreja Santa Rita de Cássia

<b>Bairro: Minas Gerais e Alto Umuarama II</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Casa da Oração (faixa com o símbolo do coração da “Universal”)
Congregação do Evangelho Pentecostal Reino do amor
Igreja Nova Revelação – Missionário Templo dos Milagres
Igreja Pentecostal Colheita de Milagres
Igreja de Cristo
Congregação Cristã
Assembleia de Deus Missão
Evangelho Quadrangular
Igreja Maranata
Igreja da Fé Evangélica Pentecostal Missionária
Assembleia de Deus
Igreja Missionária do Deus vivo
Assembleia de Deus
Casa de Oração



<b>Igrejas Católicas</b>
Igreja Católica

<b>Centros espíritas</b>
Seara Espírita Vinha de Luz
Centro Espírita Oxossi Caçador

<b>Bairro: Centro</b>
<b>Igrejas evangélicas:</b>
Missão Mundial Jerusalém
1ª Batista do Livre Arbítrio
Ministério Cristão Edificar – aliançados VINHA. Comunidade Vida – Igreja em Células
Congregação Cristã
El Shadday –Igreja em Células
Igreja Adventista do 7º dia
Metodista Renovada
Igreja Evangélica Cristo Vive- seu refúgio em Uberlândia. Missão Apostólica da Graça de Deus
Igreja Batista Getsêmani
Universal do Reino de Deus
Internacional da Graça de Deus
Igreja Maranata
Sal da Terra
Mundial do Poder de Deus
Presbiteriana Central
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Instituição Religiosa PL (Perfect Liberty)

<b>Centros espíritas</b>
Centro Espírita Paulo Apóstolo
Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade

<b>Igrejas Católicas</b>
Nossa Senhora do Rosário
Catedral Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face



## ANEXO B – Algumas vertentes da Igreja Assembleia de Deus

Fotografia 14 – Igreja Assembleia de Deus Ministério Fama localizada no bairro Prosperidade



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Fotografia 15 – Igreja Assembleia de Deus IADSUL localizada no bairro Minas Gerais



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 16 – Igreja Assembleia de Deus Pentecostal “O Senhor é justiça nossa” no bairro Prosperidade



Fonte: Márcio Ferreira de Souza



Fotografia 17 – Igreja Assembleia de Deus Monte Moriá no bairro Canaã



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## ANEXO C – Mapa da cidade de Uberlândia por setores

### UBERLÂNDIA - MG

Bairros Integrados  
X  
Setores Censitários

#### Legenda

SETORES  
CENTRO  
LESTE  
NORTE  
OESTE  
SUL

Setores Censitários

Bairros Integrados

\* Bairros em Projeto de Lei





**ANEXO D** – Fotos de todas as igrejas que tiveram seus pastores e fiéis entrevistados

## **CENTRO**

Fotografia 18 – Missão Mundial Jerusalém



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

## **LOTEAMENTO INTEGRAÇÃO**

Fotografia 19 – Passo a Passo com Jesus



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 20 – Ministério da Fé



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 21 – Igreja Pentecostal de Cristo de Uberlândia



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



Fotografia 22 –  
Igreja Missionária Casa de Davi



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 23- Igreja Palavra da Verdade



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 24 – 1ª Igreja Pentecostal Jesus é o Caminho



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 25 – Igreja Pentecostal O Povo de Deus em Marcha



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



Fotografia 26 – Igreja Pentecostal Paraíso dos Salvos



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 27 – Assembleia de Deus Chama Viva



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

## BAIRRO MINAS GERAIS

Fotografia 28 –  
Igreja Pentecostal Colheita de Milagres



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 29 – Igreja Nova Revelação



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## BAIRRO MANSOUR

Fotografia 30 –  
Igreja Pentecostal Jesus é a Vitória



Fonte: Márcio Ferreira de Souza

Fotografia 31 – Igreja de Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 32 – Casa de Oração



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 33- A Palavra de Cristo no Brasil



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 34 - 2ª Igreja Evangélica dos Irmãos



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## BAIRRO CANAÃ

Fotografia 35 - 2ª Igreja Profética Monte Sinai



Fonte: Flávio Pereira de Oliveira

Fotografia 36 – Igreja Nova Vida



Fonte: Flávio Pereira de Oliveira

Fotografia 37 – Igreja Pentecostal do Agir de Deus



Fonte: Flávio Pereira de Oliveira

Fotografia 38 – Igreja Mundial da Seara de Deus



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 39 – O Poder da Fé



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## BAIRRO JARDIM PATRÍCIA

Fotografia 40 – Comunidade Evangélica Ser Livre



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 41 – Missão Seguidores de Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

## BAIRRO MORUMBI

Fotografia 42 – Ministério Pentecostal Rocha Eterna



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 43 – Palavra de Jesus Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 44 – Igreja do Evangelho Resplendor de Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## BAIRRO LARANJEIRAS

Fotografia 45- Chamas do Fogo Celestial



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 46 - Templo da Vinha



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 47 - Igreja Cristã Independente



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 48 – Ministério Fogo no Altar



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 49- Poder de Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 50- Vida em Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



Fotografia 51- Remanescentes em Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 52 - Jesus Restaurando Vidas



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 53 – Igreja Pentecostal Chegada de Cristo e Curas Divina



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 54- Igreja Pentecostal Vida Nova e Domínio em Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## BAIRRO SANTA MÔNICA E SEGISMUNDO PEREIRA

Fotografia 55 – Igreja Batista do Amor



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 56 – Comunidade Cristã Vida Nova



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 57 – Ministério Internacional do Avivamento



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 58 – Essência do Amor



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz

Fotografia 59 – Comunidade Cristã Semeadores de Cristo



Fonte: Flávio Pereira de Oliveira



Fotografia 60 –1ª Igreja Evangélica Olaria de Cristo



Fonte: Anna Carolina Alves Cruz



## ANEXO E – Roteiro de entrevistas para pastores (as) e fiéis

### I. ROTEIRO PARA PASTORES (AS) DADOS INSTITUCIONAIS

1. Denominação da igreja: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_
3. Data de fundação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Tempo de existência: \_\_\_\_ anos.
4. Prédio próprio ou alugado? \_\_\_\_\_
5. Número de pastores atuantes regularmente: \_\_\_\_\_
6. Hierarquia de cargos: \_\_\_\_\_
5. Número atual de fiéis: \_\_\_\_\_
6. Tem vinculação com igreja matriz? \_\_\_\_\_
7. Se sim, qual e onde se localiza?  
\_\_\_\_\_
8. Resumo histórico de instalação da igreja: \_\_\_\_\_

### DADOS PESSOAIS

1. Identificação: \_\_\_\_\_
1. 1. Idade: \_\_\_\_ anos      1. 2. Sexo: \_\_\_\_      1. 3. Estado civil: \_\_\_\_\_
1. 4. Possui filhos? Se sim, quantos? \_\_\_\_\_
1. 5. Ocupação atual: \_\_\_\_\_
1. 6. Escolaridade: \_\_\_\_\_
1. 7. Naturalidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_
2. Se oriundo de outro município, há quanto tempo reside em Uberlândia? \_\_\_\_\_
3. Qual sua religião de origem? \_\_\_\_\_
4. Há quanto tempo é fiel da igreja? \_\_\_\_\_ (meses ou anos)
5. Foi adepto de outra (s) religião (ões) antes? \_\_\_\_\_
6. Se sim, qual (ais) e por quanto tempo?
7. Se passou por conversão, há quanto tempo é fiel desta igreja? \_\_\_\_\_
8. Motivo da conversão: \_\_\_\_\_
9. Há quanto tempo é pastor? \_\_\_\_\_
10. Já foi pastor de outras igrejas?
11. Onde, com quem e como se deu sua formação de pastor (a)?



12. Quais são as referências doutrinárias (livros, revistas) para sua formação como pastor (a) e quais você utiliza na sua prática como pastor (a)?
13. O que motivou você a abrir esta igreja? Por quê deu esse nome a ela?
14. Você considera a sua igreja adepta do pentecostalismo, neopentecostalismo ou alguma outra vertente?
15. Por quê?
16. Alguém saiu dessa igreja para fundar outra? Qual foi a causa da saída?
17. Você gostaria de falar algo a mais?

## II. ROTEIRO PARA FIÉIS

1. Identificação: \_\_\_\_\_
1. 1. Idade: \_\_\_\_ anos      1. 2. Sexo: \_\_\_\_      1. 3. Estado civil: \_\_\_\_\_
1. 4. Possui filhos? Se sim, quantos? \_\_\_\_\_
1. 5. Ocupação atual: \_\_\_\_\_
1. 6. Escolaridade: \_\_\_\_\_
1. 7. Naturalidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_
2. Se oriundo de outro município, há quanto tempo reside em Uberlândia? \_\_\_\_\_
3. Há quanto tempo é fiel da igreja? \_\_\_\_\_ (meses ou anos)
4. Quanto tempo evangélico? \_\_\_\_\_
5. Qual sua religião de origem? \_\_\_\_\_
6. Se passou por conversão, há quanto tempo é fiel desta igreja? \_\_\_\_\_
7. Você frequentou outras igrejas antes desta? Se sim, quais? \_\_\_\_\_
8. Você frequenta outras igrejas, além desta? \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_
9. Se sim, qual (is)?
10. Como você ficou sabendo e veio para esta igreja?
11. Você considera sua igreja adepta à vertente do pentecostalismo, neopentecostalismo ou outra?
12. Por quê?
13. O que você mais gosta nos cultos? (Oração, música, benção, transe...).
14. Toca algum instrumento musical? \_\_\_\_ 15. Participa diretamente do culto? \_\_\_\_
16. Você gostaria de falar algo a mais?

**Anexo F** – Localização das instituições religiosas nos bairros pesquisados

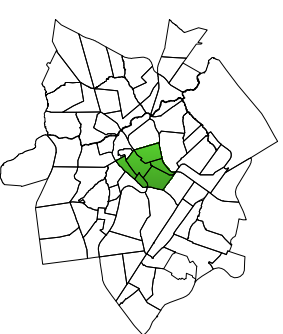






# Localização das Instituições Religiosas do Bairro

## Centro



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO  
URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA  
S/ESCALA

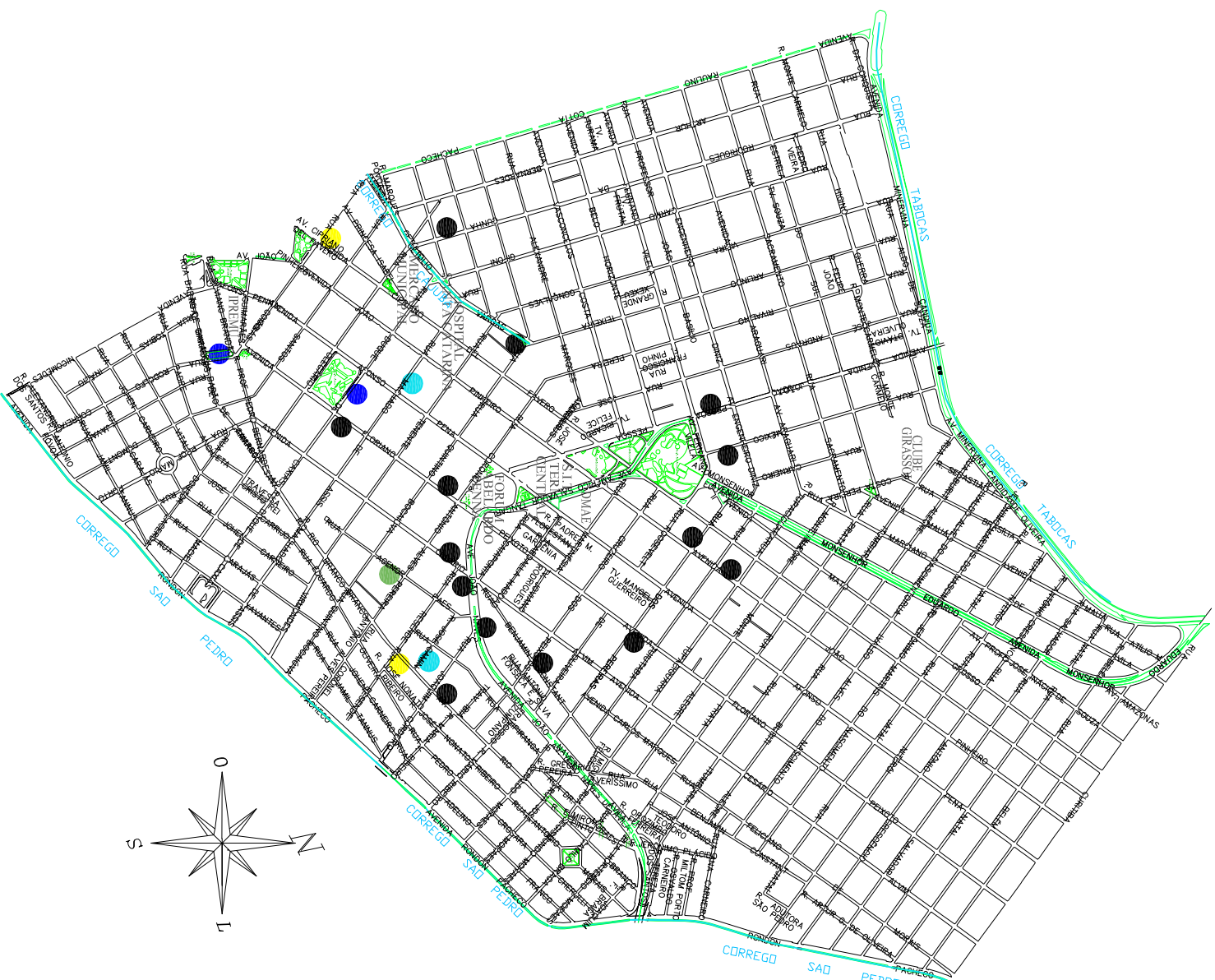
### LEGENDA

- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Testemunha de Jeová
- Centro Espírita
- Micro Igreja Evangélica
- Religião de Origem Japonesa

FONTES:  
BASE CARTOGRÁFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFEÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.

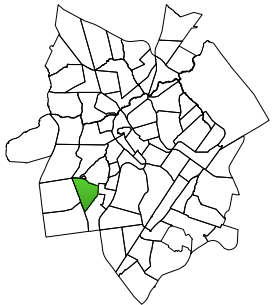


Uberlândia - 2016





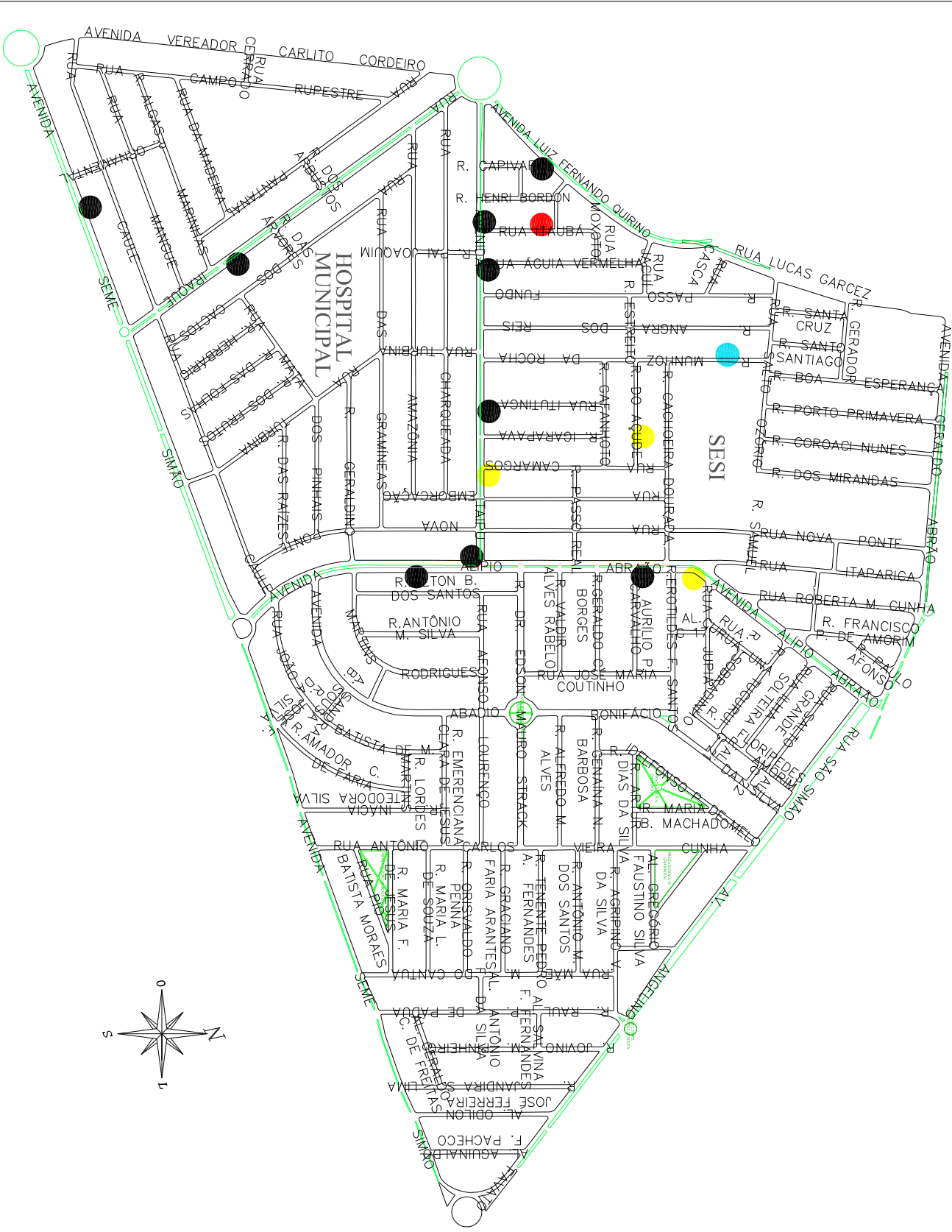
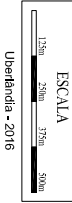
# Localização das Instituições Religiosas do Bairro Granada



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA

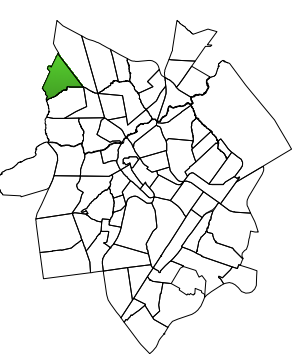
- LEGENDA**
- Casa de Oração
  - Igreja Evangélica
  - Igreja Espírita
  - Micro Igreja Evangélica

FONTES:  
BASE CARTOGRÁFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFECÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.





# Localização das Instituições Religiosas do Bairro Jardim Canaã

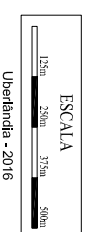


LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA  
S/ESCALA

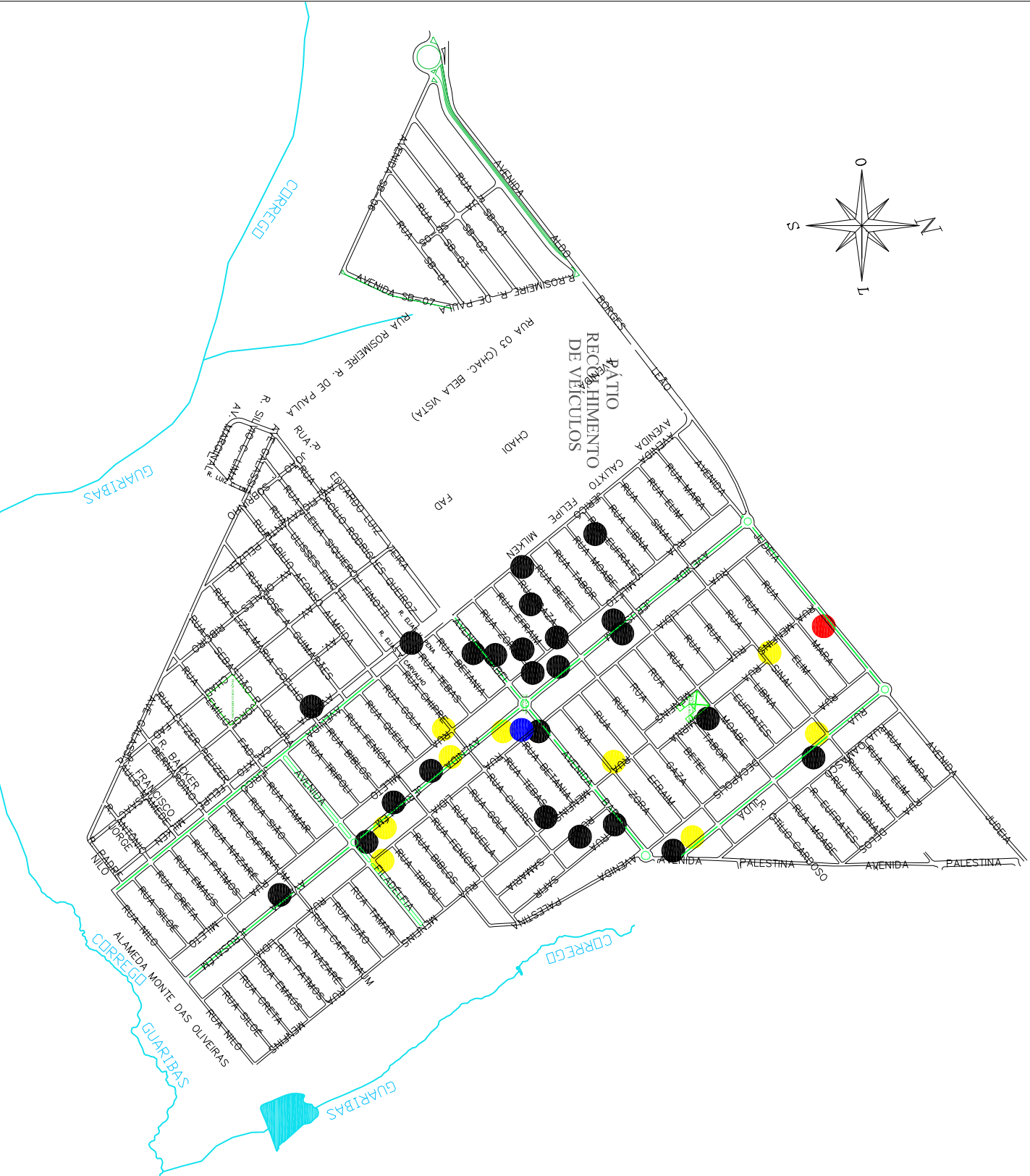
## LEGENDA

- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Micro Igreja Evangélica
- Casa de Oração

FONTES:  
BASE CARTOGRAFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFECÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.



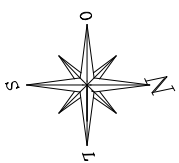
Uberlândia - 2016



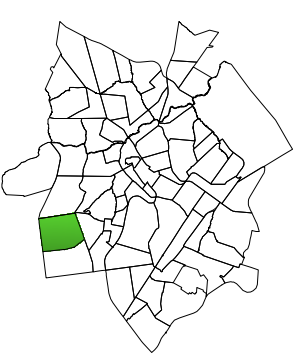








# Localização das Instituições Religiosas do Bairro Laranjeiras



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA S/ESCALA

## LEGENDA

- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Testemunha de Jeová
- Centro Espírita
- Micro Igreja Evangélica

FONTES:  
BASE CARTOGRAFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFECÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.

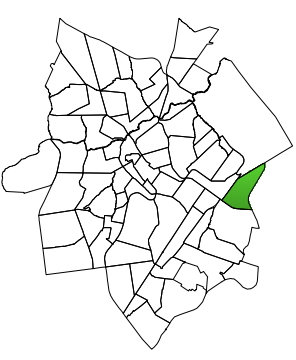








# Localização das Instituições Religiosas do Bairro Minas Gerais



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA  
SI/ESCALA

## LEGENDA

- Igreja Católica
- Igreja Evangélica
- Casa de Oração
- Centro Espírita
- Micro Igreja Evangélica

FONTES:  
BASE CARTOGRÁFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFEÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.

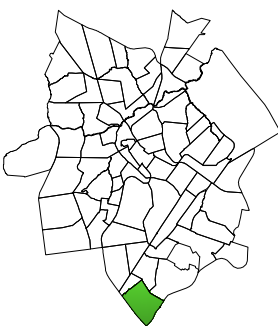


Uberlândia - 2016





Localização das Instituições  
Religiosas do Bairro  
Morumbi

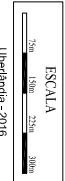


LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO  
URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA  
S/ESCALA

LEGENDA

- Igreja Evangélica
- Religião Vale do Amanhecer
- Micro Igreja Evangélica
- Yehoshua

FONTES:  
BASE CARTOGRÁFICA - NC/DPI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFEÇÃO - MAYMAD, FERNANDO.

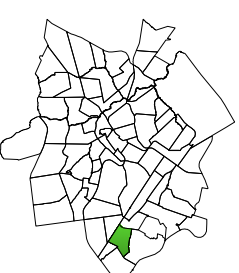


Uberlândia - 2016



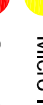


## Localização das Instituições Religiosas do Bairro



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA S/ESCALA

## LEGENDA

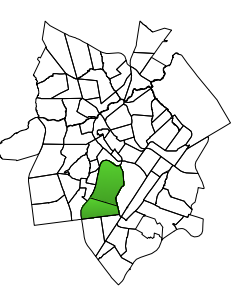
- 
- Igreja Católica
  - Igreja Evangélica
  - Testemunha de Jeová
  - Centro Espírita
  - Micro Igreja Evangélica
  - Casa de Oração

**FONTES:**  
BASE CARTOGRÁFICA - NCID/PI/PMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES  
CONFECÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.





# Localização das Instituições Religiosas dos Bairros: Segismundo Peireira Santa Mônica



LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO INTEGRADO NO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA  
S/ESCALA

- LEGENDA**
- Igreja Católica
  - Igreja Evangélica
  - Testemunha de Jeová
  - Centro Espírita
  - Micro Igreja Evangélica
  - Heiki
  - Terreiro de Umbanda

FONTES:  
BASE CARTOGRÁFICA - INCIPIMU  
INFORMAÇÕES - CRUZ, ANNA CAROLINA ALVES.  
CONFEÇÃO - MAYWALD, FERNANDO.

